GRANDES BATALHAS

Adrianópolis 378 d.C.

Os Godos Aniquilam o Império



OSPREY
PUBLISHING

GRANDES BATALHAS

Adrianópolis 378 d.C.

Os Godos Aniquilam o Império

Simon MacDowall

Ilustrações de

Howard Gerrard

OSPREY
PUBLISHING

© 2010 RBA Coleccionables, S.A. da tradução
Pérez Galdós, 36 bis
08012 Barcelona (Espanha)
www.rbacoleccionaveis.com

Realização editorial: EDITEC
Edição: Mónica Municio, João Piroto
Revisão: Maria João Moreno
Paginação: Alejandra Villanueva

Tradução: Beta Projectos Editoriais, Lda.

Título original: *Adrianople AD 378. The Goths Crush Rome's Legions*
Primeira edição na Grã-Bretanha, 2001. Osprey Publishing Ltd.
© 2001 Osprey Publishing Ltd.
www.ospreypublishing.com

ISBN Obra Completa: 978-84-473-6796-2
ISBN Volume 7: 978-84-473-6889-1
Depósito Legal: M-23.398-2010
Impressão e encadernação: Dédalo Offset, S.L.
Impresso em Espanha. *Printed in Spain*

São rigorosamente proibidas, sem a autorização escrita dos titulares do *copyright*, sob as sanções estabelecidas nas leis, a reprodução parcial ou total desta obra por qualquer meio ou procedimento, compreendendo a reprografia e o tratamento informático, e a distribuição de exemplares através de aluguer ou empréstimo público.

O editor fez todos os esforços possíveis para obter as autorizações pertinentes de todo o material reproduzido neste livro. Se se verificar alguma omissão, pedimos que nos façam chegar por escrito a reclamação correspondente para corrigir o erro.

CHAVE DE SÍMBOLOS MILITARES

XXXXX	XXXX	XXX	XX	X
GRUPO DE EXÉRCITOS	EXÉRCITO	CORPO	DIVISÃO	BRIGADA
III	II	I		
REGIMENTO	BATALHÃO	COMPANHIA	INFANTARIA	CAVALARIA

SUMÁRIO

AS ORIGENS DA CAMPANHA 7
A chegada dos hunos

CRONOLOGIA 15

EXÉRCITOS EM CONFRONTO 17
O exército romano • A ordem de batalha dos romanos • O exército godo • A ordem de batalha dos godos

GENERAIS E PLANOS EM CONFRONTO 34
Os godos • Os romanos

A CAMPANHA 40
A rebelião dos godos (376 d.C.) • A campanha de 377 d.C. • A campanha de Adrianópolis (378 d.C.)

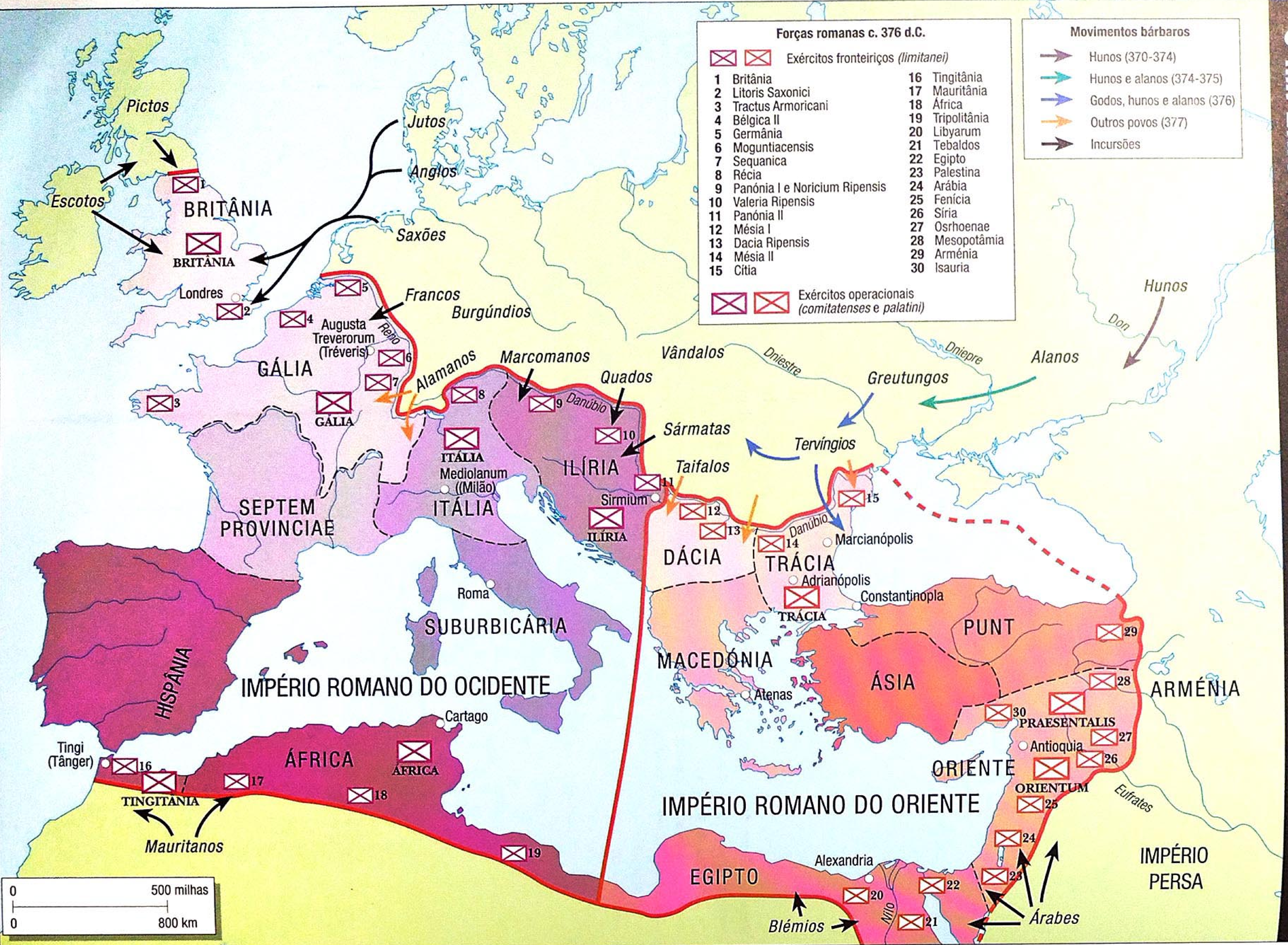
O DIA SEGUINTE 81

O CAMPO DE BATALHA, HOJE 91

BIBLIOGRAFIA 94

ÍNDICE 95

O IMPÉRIO ROMANO C. 378 D.C.



AS ORIGENS DA CAMPANHA

Ao amanhecer do dia 9 de Agosto de 378 d.C., Valente, imperador romano do Oriente, saiu da cidade de Adrianópolis (actual Edirne, na Turquia europeia) à frente de um exército de elite formado por soldados veteranos romanos. O imperador estava decidido a esmagar os bandos de guerreiros godos que dois anos antes tinham atravessado o Danúbio à procura de refúgio no Império. Ao cair da noite, o imperador jazia morto no campo de batalha juntamente com dois terços do seu exército. Nas palavras de Amiano Marcelino, historiador romano contemporâneo dos factos e oficial do exército romano, «nenhuma outra batalha na nossa história, à excepção da de Canas [a grande vitória de Aníbal em 216 a.C.], causou um massacre de tal envergadura».

É muito possível que a batalha de Adrianópolis, frequentemente descrita como a vitória da cavalaria sobre a infantaria, tenha sido uma das mais cruciais de todo o período de domínio romano. De Adrianópolis, disse-se que marcou o fim de uma era — a da supremacia militar da infantaria — e o início de outra, dominada pela concepção medieval da cavalaria. É provável que esta última avaliação seja exagerada, mas não há dúvida que, depois de Adrianópolis, os exércitos romanos não voltaram a combater formados em legiões como as do período clássico.

A Porta de Ouro de Constantinopla dava acesso à via Egnacia, o principal caminho que ligava a capital do Oriente a Roma, passando por Adrianópolis. (Fotografia do autor)





Um prisioneiro germânico, provavelmente godo, representado num arco do século III, actualmente em Florença. Durante a segunda metade do século III, os godos invadiram os Balcãs e saquearam as regiões costeiras dos mares Negro e Egeu. (Fotografia do autor)

O exército que destruiu os godos em 378 d.C. podia comparar-se ao de Júlio César. Naturalmente que as vestimentas e o equipamento dos soldados seriam diferentes dos utilizados na época da República, assim como a proporção de tropas ligeiras e de cavalaria, mas o exército de Valente, no essencial, continuava a ser um exército de infantaria pesada bem treinado, apoiado por outros contingentes de tropas. Depois de Adrianópolis, as características do exército romano mudaram para sempre. Os exércitos regulares de infantaria foram substituídos de forma gradual por grupos de tropas a cavalo formadas por guerreiros germanos. Os godos, que com a sua vitória ganharam o direito a estabelecer-se em território do Império Romano do Oriente, foram os primeiros de uma longa lista de povos germânicos que conseguiram fundar o seu próprio reino. Vinte anos depois, os godos não hesitariam em saquear Roma.

Romanos e godos

Nos finais do século IV d.C., o Império Romano, depois de sofrer um longo período de sucessivos ataques, encontrava-se na defensiva. Um século antes, a ruína económica, as razias dos bárbaros e as guerras intestinas estiveram à beira de acabar com o Império. Vários imperadores-soldados provenientes da Ilíria (antiga Jugoslávia) conseguiram restaurar a ordem. Um destes imperadores com carreira militar, Diocleciano (284-305 d.C.), reorganizou a Administração, estabilizando os preços e impondo um rígido controlo central. Apesar de os imperadores ilírios terem conseguido salvar o Império da anarquia e do colapso, numerosos problemas ficaram por resolver. Ao fracassar a intenção de Diocleciano de regulamentar a sucessão ao trono, os imperadores do século IV dependiam do exército não só para proteger as suas fronteiras, mas também para manter na linha as ambições de possíveis usurpadores e rivais.

O Império estava submetido a uma grande pressão em todas as fronteiras. A Britânia estava ameaçada pelos saxões, pictos e escotos, enquanto poderosas ligas de tribos germânicas, como os francos e os alemães, fustigavam a fronteira do Reno. No Oriente reinava um estado de hostilidade permanente com os persas sassânidas. Em 363, o imperador Juliano liderou a última grande ofensiva romana para conquistar o Império Persa. A campanha de Juliano, apesar dos seus êxitos tácticos no campo de batalha, terminou com a sua morte e com uma humilhante retirada. Por outro lado, as fronteiras em África, no Egipto e na Síria, sofriam constantes incursões dos mauritanos, blémios e árabes.

Na fronteira do Danúbio, a principal ameaça provinha dos godos, um povo germânico cuja origem continua a ser motivo de controvérsia entre os historiadores. Segundo as suas próprias tradições, os godos emigraram da Escandinávia através da Polónia e da Ucrânia até atingirem as margens do mar Negro. Jordanes, historiador godo do século VI, disse: «Desta ilha da Scandia [Escandinávia], tal como de uma colmeia de raças ou de uma matriz de nações, dizem que os godos saíram há muito com o seu rei Berig à cabeça. Assim que desembarcaram e puseram o pé em terra firme, baptizaram de imediato esse local e, inclusive, nos nossos dias dizem que se chama Gotiscandia. Depressa deixaram esse lugar para rumarem às moradas dos rúgios, que nessa época habitavam as margens do oceano. Ali montaram o acampamento, travaram batalha com os rúgios e expulsaram-nos das suas casas. Em seguida subjugaram os seus vizinhos, os vândalos, acrescentando-os à sua lista de vitórias. Mas quando a povoação goda teve um forte crescimento e Filimero, filho de Gadarico, reinava no trono — o quinto a ocupá-lo a seguir

a Berig —, o rei decidiu que o exército godo e as suas famílias deviam abandonar aquela região. À procura de um lugar agradável e adequado, os godos chegaram à terra da Cítia.»

Durante a maior parte do período de domínio romano, não houve praticamente contactos entre os godos e o Império. Tácito, historiador romano do século I, refere-se aos godos de passagem. Uma vez que se encontravam tão afastados das fronteiras do Império, os godos não tinham um impacto significativo nos assuntos romanos. No entanto, no século III, os godos expandiram-se para oeste, invadindo furiosamente territórios sob o controlo romano. Em 238, os godos saquearam a Ístria, na foz do Danúbio, e em seguida devastaram as províncias de Mésia e Trácia (actual Bulgária). Em 251, um exército godo sob o comando de Cniva destruiu o exército romano e matou o imperador Décio.

Entre 253 e 271, os ataques por mar substituíram de forma gradual os ataques por terra na região fronteiriça do baixo Danúbio. Estes ataques concentraram-se primeiro nas regiões costeiras do mar Negro. Os êxitos iniciais destas incursões animaram os godos a ampliar o raio de acção até ao Bósforo e ao mar Egeu. As investidas dos godos e dos seus aliados devastaram as costas da Ásia Menor, da Grécia, da Macedónia e do Chipre. Estas expedições chegaram, inclusivamente, a penetrar no interior para saquear Éfeso e Atenas. Em 269, o imperador Cláudio conseguiu restabelecer a tranquilidade depois da sua decisiva vitória em Naissus (Nis, na actual Sérvia) sobre o exército godo. Mais tarde, Aureliano recuperou o controlo na fronteira do Danúbio, depois de abandonar a província de Dácia (actual Roménia).

Nos cem anos seguintes, godos e romanos confrontaram-se várias vezes em ambas as margens do Danúbio, estabelecendo um precário equilíbrio em que se sucediam períodos de hostilidade, tréguas e alianças. Em 328, o imperador Constantino construiu uma ponte de 2,5 km sobre o Danúbio para facilitar uma eventual ofensiva das suas tropas e atacar os godos no seu território como represália face a possíveis razias. Em 332, depois de uma vitoriosa campanha, Constantino conseguiu um tratado de paz formal com os godos que habitavam na fronteira do Danúbio (os tervíngios). O tratado estipulava que os romanos pagariam um tributo anual em troca da cedência por parte dos godos de 40.000 homens para se alistarem como *foederati* no exército romano. É evidente que o número de 40.000 homens está inflacionado, uma vez que os godos que habitavam na fronteira do Danúbio nunca poderiam recrutar um número tão elevado de soldados. De qualquer forma, a partir de 332, os godos combateram sob o comando romano em várias ocasiões. Amiano Marcelino, por exemplo, conta que, em 365, três mil godos ajudaram o usurpador Procópio, sugerindo que os godos serviram Procópio no cumprimento das condições do tratado.

A CHEGADA DOS HUNOS

No início da década de 370, o equilíbrio existente na região fronteiriça alterou-se devido à chegada dos hunos aos limites orientais do território ocupado pelos godos. Quando os hunos, povo nómada vindo das estepes da Ásia Central, chegaram ao território godo, já tinham invadido os alanos, outro povo nómada que habitava a leste do rio Don. Segundo Amiano Marcelino, os alanos que sobreviveram ao ataque dos hunos fugiram para oeste, para o «rico e extenso reino» dos greutungos, clã godo liderado por Hermanarico que habi-

Os godos atravessaram o Danúbio e refugiaram-se no Império Romano. Em todo o caso, não se tratava de um exército invasor, mas sim da emigração em massa de um povo inteiro. Durante a guerra em que se confrontaram com o Império, um grande número de homens, mulheres, crianças e animais tiveram de mudar incessantemente de um lugar para o outro à procura de alimentos e provisões. (Howard Gerrard)





É provável que esta estela encontrada perto da foz do rio Don represente um guerreiro alano. Se bem que a grande maioria dos alanos fossem arqueiros a cavalo, é possível que alguns combatessem como os sármatas, isto é, com lança e armadura. Os ginetes com armadura das estepes não usavam escudos e costumavam segurar a lança com ambas as mãos. (Museu do Hermitage, Sampetersburgo)



tava a norte do mar Negro, entre os rios Dniestre e Dniepre. Depois de uma breve resistência, Hermanarico acabou por se suicidar, talvez como um acto de sacrifício perante os deuses para proteger o seu povo. Vitimiro, sucessor de Hermanarico, incorporou alguns hunos no seu exército para defrontar os alanos mas, segundo Amiano, «depois de sofrer muitas baixas, foi derrotado devido à superioridade das forças inimigas e perdeu a vida na batalha».

A liderança dos greutungos passou então para Alateu e Safrax, «generais com experiência e de comprovada coragem». Os greutungos retiraram-se para oeste, atravessando o Dniestre e penetrando em território tervíngio, o clã godo que habitava entre as margens do Dniestre e do Danúbio. Uma vez ali, os greutungos construíram várias defesas, ao mesmo tempo que Atanarico, chefe dos tervíngios, se dirigia para leste e tomava uma posição fronteiriça nas margens do Dniestre.

Contudo, não foram os alanos que atacaram, mas sim os hunos. Desta vez, o ataque dos hunos era dirigido contra os tervíngios. A rápida cavalaria ligeira dos hunos superou facilmente os vigilantes de Atanarico, atravessou o rio à luz da lua e lançou um ataque surpresa contra os tervíngios. Ao serem derrotados, Atanarico e os seus homens refugiaram-se nas montanhas da actual Roménia e começaram a construir defesas para proteger o seu povo dos hunos e dos alanos.

A vitória fulminante dos nómadas sobre ambos os clãs godos fez com que o medo se propagasse por toda a fronteira. Amiano descreve os hunos como bárbaros «de uma selvajaria fora do normal», e acrescenta que são «um povo indomável que se desloca sem o estorvo das suas famílias e consumido por uma paixão irrefreável pela pilhagem da propriedade alheia». Sem dúvida que a sua reputação de selvagens aumentava em cada vitória.

Os godos atravessam o Danúbio

Em 376 a situação não augurava nada de bom para os godos. Depois de expulsos das suas terras e casas, não podiam sobreviver muito tempo no refúgio fortificado das montanhas. Atanarico não conseguiu proteger o seu povo e este



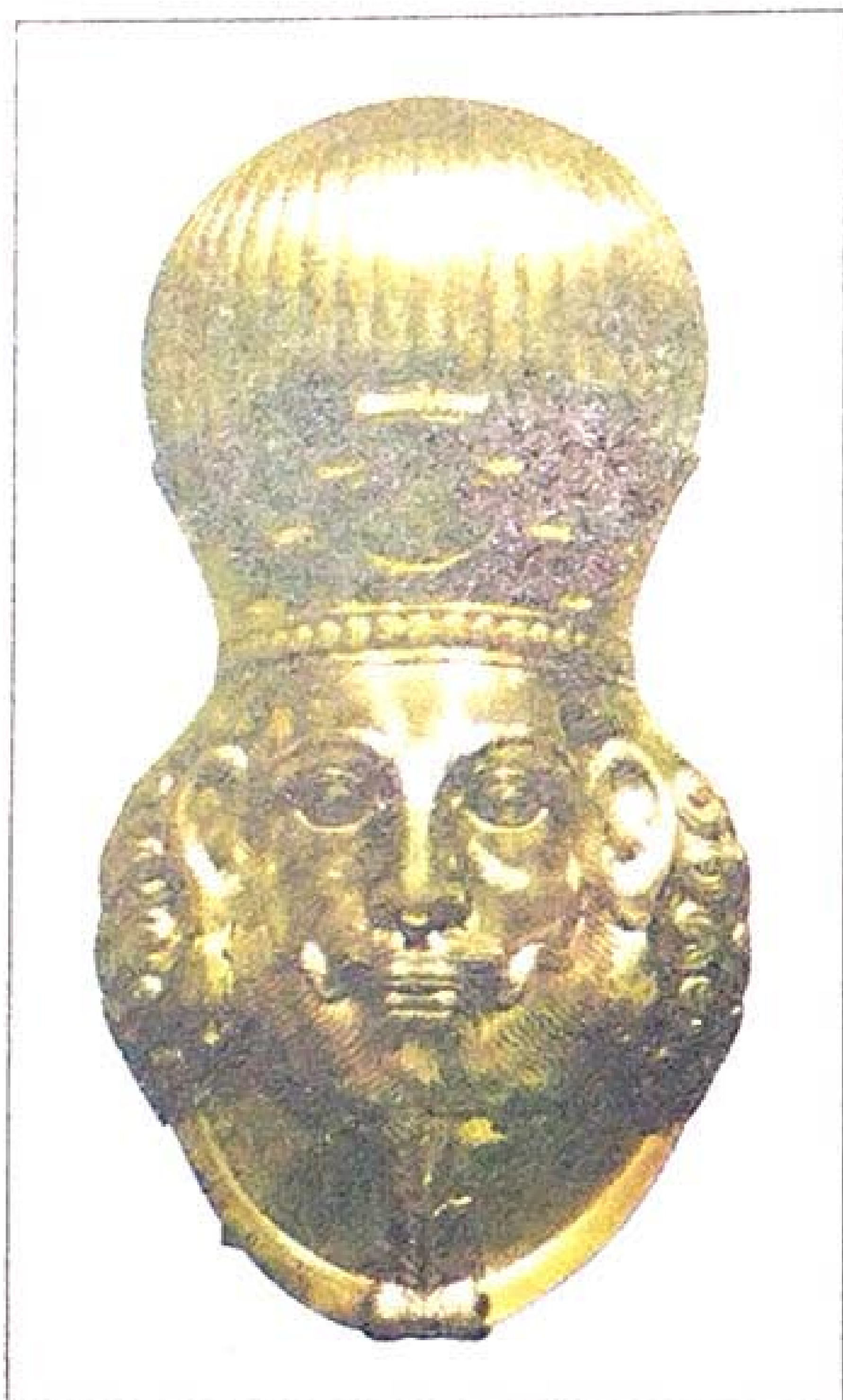
Os capacetes do tipo spangenhelm, feitos com seis lâminas unidas com umas tiras metálicas de reforço, gozaram de uma ampla aceitação entre os godos e os romanos do Danúbio. Durante vários séculos continuaram a utilizar capacetes semelhantes com ligeiras modificações. O exemplar da imagem é um capacete godo dos séculos V-VI proveniente do Sul de França. As partes laterais e a protecção da nuca não se conservaram. (Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque)

fracasso retirou-lhe a autoridade entre os seus. Um grande número de tervíngios afastou-se e, sob o comando de Alavivo e Fritigerno, pediram refúgio no território do Império Romano.

Naquela época, dois homens reinavam no Império: Flávio Valente, que tinha subido ao trono do Oriente em 364, e o seu jovem sobrinho Flávio Graciano, que acabara de ocupar o trono do Ocidente (375). Valente tinha comandado uma campanha contra os godos alguns anos atrás (367-369), que culminou com um tratado de paz com os tervíngios de Atanarico. É muito provável que uma das condições do tratado obrigasse os godos a ceder tropas ao exército romano. Quando Alavivo e Fritigerno pediram asilo aos romanos, Valente estava em campanha contra o poderoso Império Persa. Dada a situação, é possível que o imperador tivesse visto com bons olhos a chegada dos godos, uma vez que lhe proporcionariam novos recrutas para o seu exército. Portanto, aceitou a petição de asilo de Alavivo e Fritigerno, e os oficiais romanos em serviço na fronteira receberam ordens para ajudarem os tervíngios a atravessar o Danúbio. Por outro lado, segundo Amiano, foi-lhes ordenado que lhes cedessem víveres e lhes dessem terra para se instalarem:

> «Como o imperador concedeu a sua permissão para atravessarem o Danúbio e se instalarem na Trácia, procedeu-se ao transporte [dos tervíngios] tanto de dia como de noite.»

A chegada imprevista de um grande número de refugiados costuma acarretar um conjunto de problemas de difícil solução. Em 1999, o êxodo de refugiados provenientes do Kosovo superou a capacidade de acolhimento da Albânia e da Macedónia, apesar de se contar com os avanços da tecnologia moderna, do envio por via aérea da ajuda humanitária e da cooperação das ONG. A situação que Lupicino, *comes* (conde e general das tropas de uma região) da Trácia, enfrentava ultrapassava o mais competente dos oficiais: um povo armado em busca de asilo, a mesma gente que há apenas dez anos estivera em guerra com Roma, chegava de repente e em massa às fronteiras do



Neste magnífico capacete persa está representado o rosto de um rei sassânida do século IV, provavelmente Sapor II (309-379). Quando a campanha de Adrianópolis começou, o principal exército do Império do Oriente encontrava-se a combater as forças de Sapor, na Arménia. (Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque)

Império. Infelizmente, nem Lupicino nem Máximo (o *dux*, comando das tropas da fronteira) estavam à altura de tal desafio. Amiano afirma que «a sua avareza foi a origem de todos os males. [...] Depois de atravessarem o rio, os bárbaros estavam desesperados devido à falta de comida, e estes odiosos generais idealizaram um tipo de truque desprezível. Recolheram todos os cães que a sua insaciável ganância lhes permitiu encontrar e, em seguida, trocaram um cão por um escravo».

Inicialmente pressupunha-se que os tervíngios iriam continuar a avançar pela terra do Império para se instalarem mais a sul, mas os oficiais romanos obrigaram-nos a ficar nas margens do Danúbio. Segundo Amiano, os oficiais romanos estavam a enriquecer à custa dos asilados, vendendo-lhes comida de má qualidade a preços exorbitantes. É possível que houvesse outro motivo, tal como aconteceu na guerra do Kosovo. Em 1999, quando os albano-kosovares fugiram para a Macedónia, a primeira intenção das autoridades macedónias foi instalá-los em diferentes povoações do país. No entanto, quando descobriram que o número de refugiados era muito superior ao esperado, entraram em pânico e decidiram retê-los na fronteira sem comida, tecto, nem cuidados médicos. Finalmente, os macedónios viram-se obrigados a levantar as restrições ao movimento dos refugiados devido à ampla cobertura dos meios de comunicação e à intervenção da NATO. A situação em 376 deve ter sido semelhante: as autoridades romanas ultrapassadas pela situação e os godos com carência de meios de subsistência e vislumbrando a rebelião como única saída.

Entretanto, os greutungos, comandados por Alateu e Safrax, e outro grupo de godos liderados por Farnóbio tinham-se deslocado para as margens do Danúbio e solicitado asilo aos romanos. Desta vez, os romanos recusaram o pedido. Atanarico, à frente dos restantes tervíngios que não tinham acompanhado Fritigerno e Alavivo, também chegou às margens do Danúbio. Contudo, neste caso, as condições do tratado que tinha firmado com Valente em 369 impediam-no de entrar em território romano, pelo que regressou com os seus homens para as montanhas.

A situação dos greutungos era tão desesperada que não podiam aceitar um não como resposta. Segundo Amiano, quando as tropas de Lupicino desistiram, concentrando a sua atenção nos possíveis ataques dos tervíngios, os greutungos atravessaram para a outra margem.

A falta de terra onde se instalar e de comida ia aumentando o descontentamento entre os godos. A chegada dos greutungos tinha reforçado a posição goda, visto que pela primeira vez eram suficientemente numerosos para defrontarem o exército romano destacado na fronteira. Ao mesmo tempo, a chegada de novos refugiados aumentava a pressão sobre os escassos recursos do território. Os godos decidiram tomar a iniciativa, embora ainda não se tivessem revoltado abertamente. Desafiando as autoridades locais, os godos ultrapassaram a área de contenção na margem do Danúbio, onde se tinham refugiado, e dirigiram-se para sul, para as baixas e férteis terras perto de Marcianópolis (Devnja, na actual Bulgária).

Nesta altura, o conflito entre os godos e os romanos parecia inevitável. A frustrada tentativa de assassinato de um dos chefes godos foi a causa próxima da abertura das hostilidades.

CRONOLOGIA

REINADO DE DIOCLECIANO 284-305

286-292	Diocleciano faz uma profunda reorganização da Administração do Império, dividindo-o em duas partes: a ocidental e a oriental, governadas cada uma delas por um imperador ou «augusto».
295-297	Guerra contra a Pérsia.
298	Os alamanos invadem a Gália.
305	Abdicação de Diocleciano e Maximiano — co-imperadores do Ocidente. Sucederam-lhes Constâncio no Ocidente e Galério no Oriente.
305-308	As disputas sucessórias pelo trono provocam uma guerra civil.
311-312	Guerra civil entre Maxêncio e Constantino.
312	Batalha da ponte Mílvio. Constantino derrota Maxêncio, que morre afogado quando tentava fugir. Depois da vitória, Constantino suprime a guarda pretoriana e converte-se ao cristianismo. Constantino reconhece Licínio como augusto (imperador) do Império do Oriente.
315	Os godos atravessam o Danúbio. Constantino obriga-os a retroceder para a outra margem e lidera uma expedição punitiva na antiga província romana da Dácia.
323	Numa nova guerra civil, Constantino derrota Licínio e torna-se o único imperador. Constantino dedica os seus últimos anos de vida a construir a nova capital, Constantinopla. Ao mesmo tempo, reorganiza o exército, criando forças de elite e recrutando novas unidades mais pequenas e ágeis.
332	Constantino derrota Ariarico, rei dos godos, depois de este atravessar o Danúbio e invadir a Mésia. Os godos vêem-se obrigados a firmar um tratado com Constantino que os torna súbditos do Império.
337-350	Guerra com a Pérsia.
350-351	Guerra civil entre Constâncio e o usurpador Maxêncio. Constâncio clama vitória.
355-358	Constâncio comanda uma campanha contra os quados e os sármatas no Danúbio.
356-359	Juliano, primo de Constâncio, lidera uma campanha contra os alamanos e os francos na Gália. Juliano reconstrói as defesas da fronteira e repara os danos causados pelas incursões bárbaras.
358-363	Nova guerra com a Pérsia.
360-361	Guerra civil entre Juliano e Constâncio. Constâncio morre deixando Juliano como imperador. Juliano renega o cristianismo e abraça o paganismo.
363	Campanha de Juliano na Pérsia. O imperador é ferido mortalmente durante um ataque nocturno dos persas ao acampamento romano.
363-364	Joviano, sucessor de Juliano, negoceia um acordo de paz com a Pérsia que lhe impõe algumas cláusulas muito desvantajosas. Joviano morre em circunstâncias estranhas durante a viagem de regresso a Constantinopla.
364	Entronização de Valentiniano, que de imediato elege o seu irmão Valente como co-imperador do Império do Oriente.
365-367	Guerra contra os alamanos.

366	Valente esmaga rapidamente a rebelião de Procópio, usurpador do Oriente.
367-369	Guerra contra os godos. Valente obtém várias vitórias na campanha do Danúbio, mas a guerra termina ao chegar a um beco sem saída.
372-374	Os hunos destruíram o reino dos alanos. Os sobreviventes fogem para oeste.
373-377	Sapor da Pérsia declara guerra aos romanos como represália pelo apoio que Valente presta à Arménia. Durante a campanha contra os persas, Valente instala o seu quartel-general na Antioquia.
374-375	Valentiniano comanda uma campanha contra os quados no Danúbio.
375	Morte de Valentiniano; sucede-lhe o seu filho Graciano.
376	Os hunos invadem o território godo. Os godos são derrotados e fogem para oeste; alguns refugiam-se no Império Romano. A frustrada tentativa de assassinato de Fritigerno e de Alateu provoca a rebelião dos godos. Batalha de Marcianópolis. Os godos derrotam as tropas romanas lideradas por Lupicino, comes da Trácia.
377	Batalha de Ad Salices. Um exército dirigido pelo general Ricimero trava uma batalha sangrenta, de resultado incerto, contra os godos.
378	Sebastião, general do Império do Ocidente, realiza uma vitoriosa campanha contra os godos, onde aplicou tácticas próprias de guerra de guerrilhas, escolhendo as suas melhores tropas para a missão.
9 de Agosto de 378	Batalha de Adrianópolis. O exército romano é derrotado e Valente morre na batalha.
379-395	Teodósio sobe ao trono do Oriente e recupera o controlo sobre os Balcãs através de uma série de campanhas.
382	Godos e romanos conseguem um acordo de paz. Os godos recebem terras na Mésia para se instalar e, em troca, cedem tropas ao exército romano do Oriente.
394	Batalha do Frígido. Teodósio derrota Arbogasto com a ajuda dos godos. Um grande número de godos morre na campanha, alimentando o ressentimento dos sobreviventes contra o Império.
395	A morte de Teodósio provoca várias rebeliões bárbaras, incluindo a dos godos sob o comando de Alarico.
402	Alarico invade a Itália.
406	Os vândalos, alanos e suevos atravessam o Reno.
410	Alarico captura e saqueia Roma.
411-418	Os godos emigram para a Gália e para a Hispânia, fundando o seu próprio reino na região de Toulouse.

EXÉRCITOS EM CONFRONTO

O EXÉRCITO ROMANO

Graças à *Notitia Dignitatum* — documento em que estão listados os oficiais e as unidades do exército dos finais do século IV e princípios do V —, é possível fazer-se uma ideia bastante precisa sobre a organização do exército romano no período tardio. Apesar de estar datada vários anos depois de Adrianópolis, a *Notitia Dignitatum* é a melhor referência para conhecer a ordem de batalha adoptada em 378 d.C.

O exército romano sofrera numerosas modificações nos anos anteriores a Adrianópolis. Já não era o mesmo exército ofensivo do período clássico, mas estava mais apto a enfrentar as constantes incursões que ocorriam nas fronteiras do Império. Em meados do século IV, o exército organizou-se em duas grandes categorias de tropas com o objectivo de melhorar a segurança. As guarnições estáticas de dimensões reduzidas *(limitanei)* vigiavam as fronteiras, enquanto os exércitos de operações *(comitatenses)*, formados por unidades de tropas mais pequenas e ágeis, permaneciam na reserva, prontos a serem enviados para as possíveis zonas de conflito.

Os *limitanei* estavam repartidos entre as fortalezas distribuídas por toda a fronteira e o seu objectivo consistia em proteger a área que lhes fora atribuída. Além de actuarem como um factor dissuasor de possíveis ataques, os *limitanei* desempenhavam funções policiais e de segurança interna. Em todo o Império existiam trinta chefias de *limitanei*, chamados *ripenses* ou *riparienses* por se encontrarem na margem de um rio. Cada chefia estava sob o comando de um oficial com o título de *dux*. Estas chefias abarcavam zonas que iam desde a costa saxónica, na Grã-Bretanha, até à Síria, no leste. As principais chefias no Danúbio eram, de oeste para leste, Valéria, Panónia II, Mésia I, Dacia Ripensis, Mésia II e Cítia. Se bem que todas as chefias do Danúbio tivessem sido afectadas pelas primeiras fases da campanha, é provável que a responsabilidade de supervisionar a entrada dos godos no Império em 376 recaísse no *dux Moesia Secunda*.

Os *limitanei* não saíam do seu posto e costumavam viver na fronteira na companhia das suas famílias. Entre eles, a carreira militar passava de pais para filhos, embora muitos soldados também completassem o seu ordenado a exercer outras profissões. No caso de um inimigo ultrapassar a fronteira, os *limitanei* tinham ordens de se manter no seu posto e esperar a chegada do exército mais próximo para que pusesse fim à agressão. Estes exércitos móveis foram criados a partir dos destacamentos vindos das antigas legiões colocadas nas fronteiras, assim como da incorporação de novos recrutas. As unidades que tinham pertencido às antigas legiões ainda conservavam o número ordinal nos seus nomes, como no caso da V *Macedonica*. No caso das novas unidades, algumas foram criadas por Diocleciano, como por exemplo as legiões *Ioviani e Herculiani*, mas a maioria foi fundada por Constantino.

NA PÁGINA SEGUINTE, EM CIMA **Retrato de Flávio Maximiano, um soldado romano do século IV que serviu numa unidade dos *auxilia palatina*. O desenho do seu escudo não corresponde aos que aparecem na *Notitia Dignitatum*, mas é parecido com o utilizado pelos *Cornuti Seniores* e pelos *Marcomanni Seniores*, pelo que poderia corresponder a uma época anterior. (Catacumbas de Villa Maria, Siracusa)**

EM BAIXO **Guerreiros da cavalaria sármata representados na coluna de Trajano. Os sármatas constituíram uma ameaça constante em todo o percurso médio do Danúbio. Embora o equipamento pertença a um período anterior, a armadura de escamas e o capacete tipo *spangenhelm* continuaram a ser utilizados pelas tribos transdanubianas. Os sármatas eram aparentados com os alanos. (Deutsches Archäologisches Institut)**

Na *Notitia Dignitatum* aparecem muitas unidades com o mesmo nome a prestar serviços em diferentes partes do Império. O seu nome vem acompanhado do epíteto de *seniores* ou *juniores* para se poder distinguir umas de outras. Por exemplo, a *Ioviani Seniores* servia no Ocidente, enquanto a *Ioviani juniores* estava localizada no Oriente. É possível que, quando a Administração do Império foi dividida entre Valentiniano e Valente, algumas das unidades também o tenham sido, uma vez que as unidades do Ocidente se chamavam *seniores*, e as de Oriente, *juniores*. Esta divisão não deveria comportar a divisão física de uma unidade, enviando tropas de um lado para o outro do Império, mas resultou da recruta de novas unidades com os antigos nomes. Nas fontes escritas já se menciona a existência de uma unidade de *juniores* desde meados da década de 350, mesmo antes de o Império ser dividido entre Valentiniano e Valente. É provável que este processo tivesse perdurado durante muitos anos e que fosse semelhante ao recrutamento de um novo batalhão para um regimento moderno.

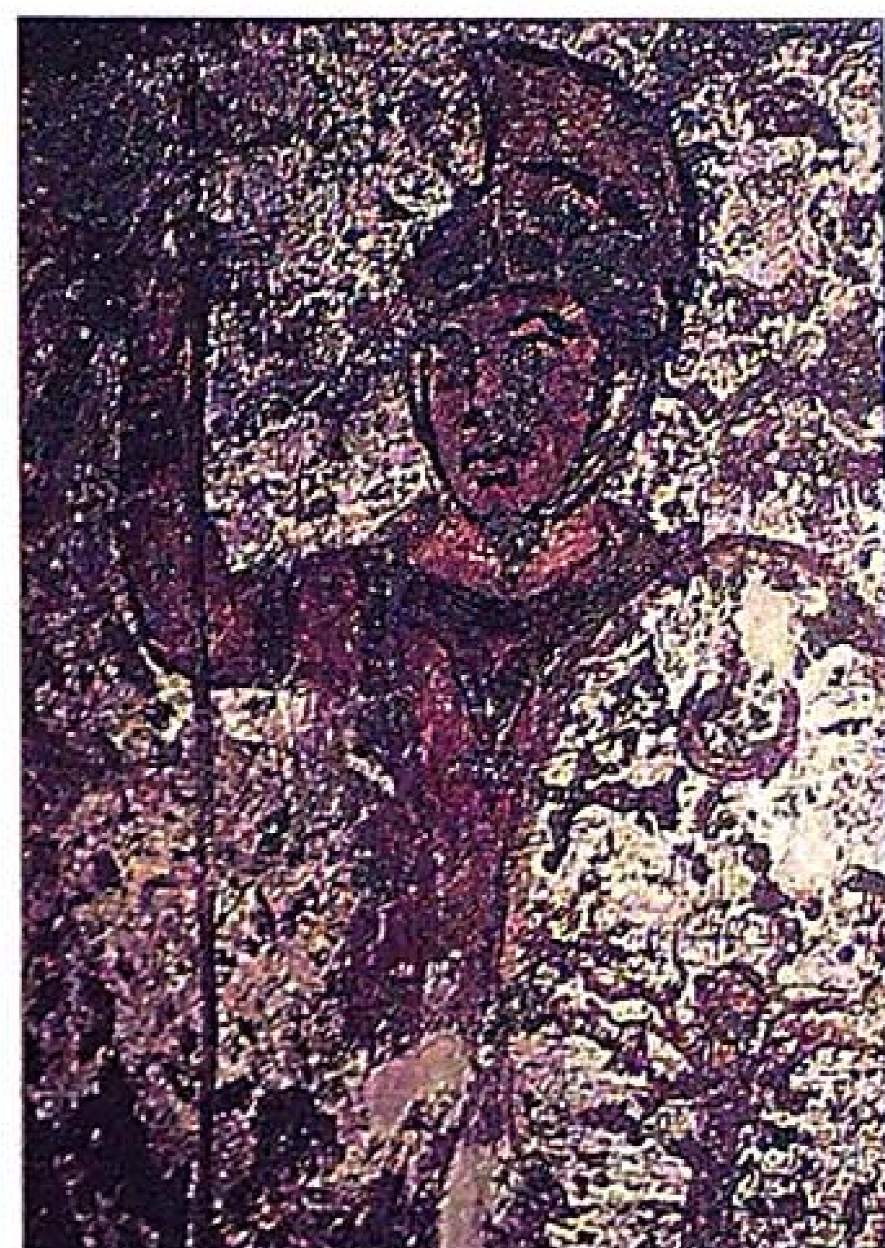
Os exércitos de operações

Tratando-se de forças móveis, os exércitos de operações não tinham quartéis fixos e a sua composição variava em função das ameaças que tinham de enfrentar. Graciano, por exemplo, enviou várias unidades pertencentes aos exércitos do Ocidente para ajudar Valente no Oriente. Por este motivo, o número de comandos e a sua composição podia sofrer importantes mudanças num período relativamente curto. O habitual era que cada imperador contasse com um exército principal sob o seu comando, assistido por um *magister militum* (chefe de soldados), um *magister equitum* (chefe de cavalaria) e um *magister peditum* (chefe de infantaria). O exército do imperador era



conhecido pelo nome de exército presencial *(praesentalis)* ou «Exército em Presença do Imperador». As unidades que integravam o exército presencial eram formadas pelos *palatini* e tinham um estatuto superior ao das unidades de *comitatenses* dos exércitos regionais. No entanto, devido à sua condição de unidades móveis, os *palatini* eram frequentemente destinados a outros exércitos, como reforço. Alguns exércitos contavam com unidades de *comitatenses* e *palatini*, apesar de os *palatini* continuarem a usufruir de um estatuto superior e se concentrarem de forma maioritária no exército presencial.

Os exércitos regionais mais pequenos de *comitatenses* estavam geralmente sob o comando de um *comes* (conde), mas nalguns casos o comando era confiado a um *magister equitum* ou a um *magister peditum*, que, apesar do cargo, estavam capacitados para comandar ambas as armas. Em 376, por exemplo, Lupicino — descrito por Amiano como *comes per Thracias* (conde da Trácia) — estava ao comando do exército regional localizado na Trácia. À medida que se intensificava a crise, eram enviados novos oficiais de graduação superior para assumir o comando: primeiro Trajano *(magister peditum)* e em seguida Saturnino, que subiu provisoriamente ao cargo de *magister equitum.*

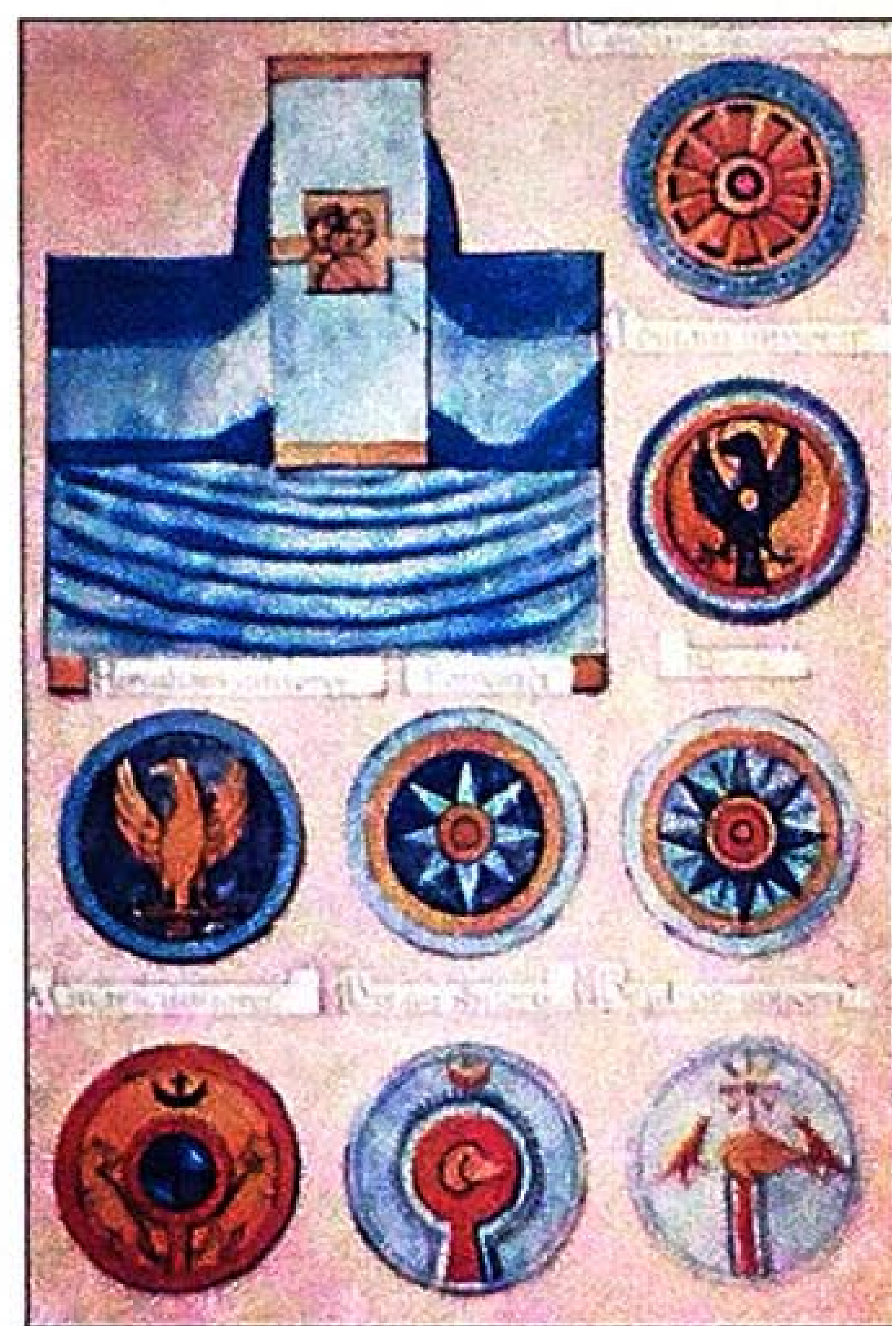


No início do século V, na *Notitia Dignitatum* foram mencionados 12 exércitos de operações. Na metade oriental do Império, o exército presencial, que tinha o quartel-general perto de Constantinopla, estava dividido em duas forças, cada uma delas composta por 12 unidades de cavalaria e 24 de infantaria. Além disso, havia três exércitos regionais, cujas bases se encontravam na Trácia (sete unidades de cavalaria e 21 de infantaria), na Ilíria (duas unidades de cavalaria e 24 de infantaria) e no Oriente (*Orientum*, dez unidades de cavalaria e 21 de infantaria). Na metade ocidental do Império, havia também dois exércitos principais, um na Gália (12 unidades de cavalaria e 35 de infantaria) e outro na Itália (sete unidades de cavalaria e 28 de infantaria). Os exércitos regionais estavam repartidos entre a Britânia (seis unidades de cavalaria e três de infantaria), a Ilíria ocidental (22 unidades de infantaria), a Hispânia (16 unidades de infantaria), Tânger (3 unidades de cavalaria e quatro de infantaria) e África (19 unidades de infantaria).

Desconhece-se até que ponto esta organização era parecida com a que estava vigente na década de 370. Muitas das unidades que aparecem na *Notitia* foram criadas depois de Adrianópolis e muitas outras eram formadas por *limitanei*, talvez para fazer frente à crítica situação em que se encontrava a segurança do Império depois da batalha. Sabe-se que, em 376, Graciano e Valente estavam ao comando dos seus respectivos exércitos presenciais na Gália e na Síria. Do mesmo modo, tem-se uma ideia das operações dos exércitos regionais na Trácia, sob o comando do *comes* Lupicino, e na Ilíria, sob o comando do *comes* Frigérido. Ao longo da campanha, diferentes grupos de unidades uniram-se num só exército, mas como se mencionam muito poucas unidades pelo seu nome, é impossível determinar as diferenças entre a organização vigente em 378 e a que se descreve na *Notitia.*

A organização descrita na *Notitia* sobre o exército do Ocidente reflecte a centralização do poder nas mãos de Estilicão no início do século V. Assim sendo, é bastante provável que os exércitos regionais estabelecidos na Hispânia e na Ilíria tivessem sido criados depois da derrota em Adrianópolis. Na metade oriental do Império, a *Notitia* dá-nos conta da organização realizada por Teodósio por volta de 395. Para além das várias unidades novas, é provável que a organização dos exércitos ocidentais não fosse muito diferente da que existia na época de Valente.

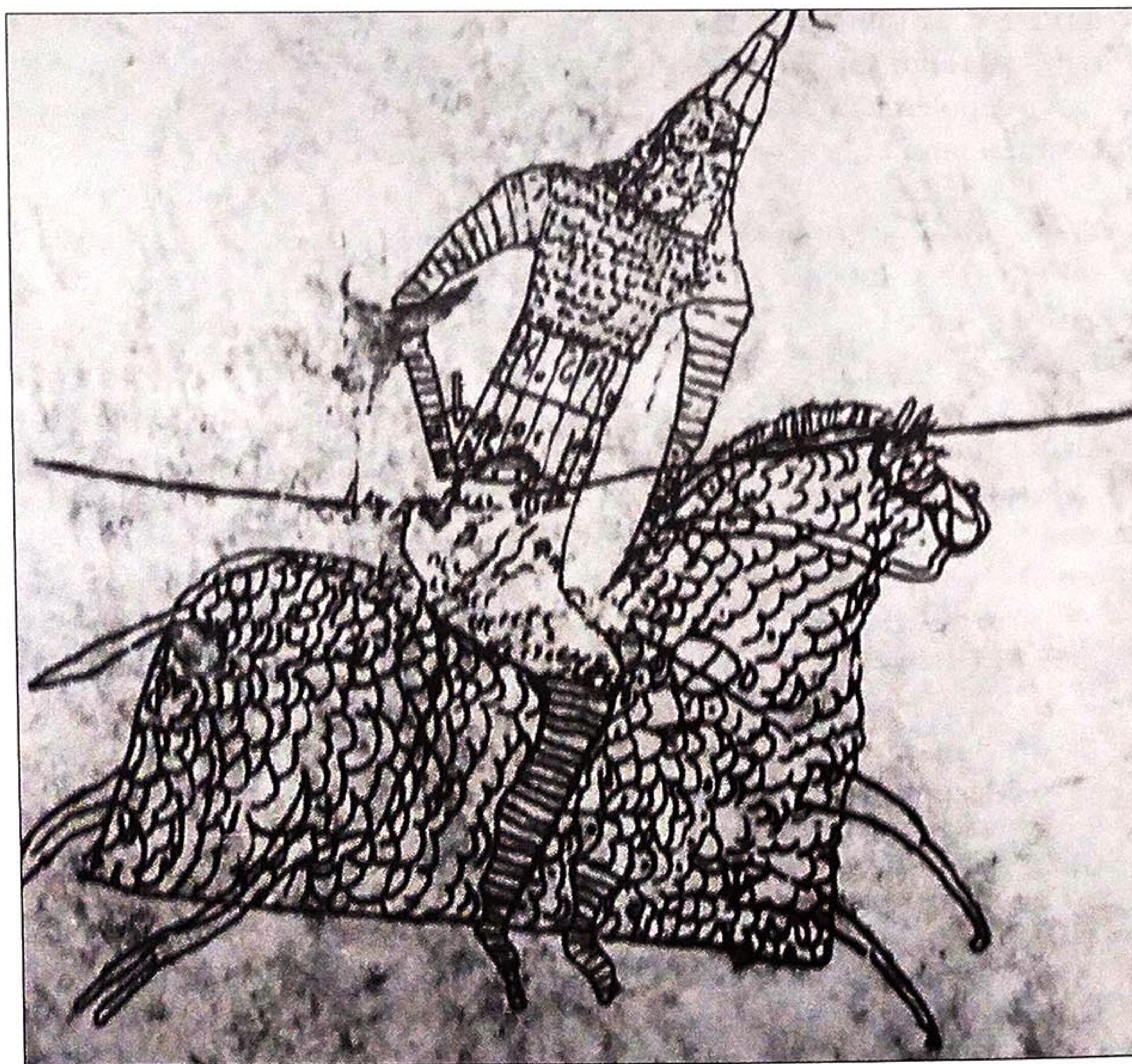
EM BAIXO **Insígnia do *magister militum praesentalis*, general do principal exército de operações do Império do Oriente (o «Exército em Presença do Imperador»). Os escudos que aparecem são os das unidades palatinas de maior graduação no exército do Oriente: *Lanciarii Seniores, Ioviani Juniores, Herculiani Juniores, Fortenses, Nervii, Matiarii Juniores, Batavi Juniores* e *Brachiatii Juniores*. Todas estas unidades, ou pelo menos a maioria, lutaram em Adrianópolis. Sabe-se com certeza que os *Lanciarii, Matiarii* e *Batavi* lá estiveram. (*Notitia Dignitatum*, Bodleian Library, Oxford)**



Além dos *comitatenses* e dos *palatini*, os imperadores contavam com várias unidades da guarda imperial, denominadas *scholae*. Estas unidades substituíram a guarda pretoriana, dissolvida por Constantino depois da batalha da ponte Mílvio (312), e eram formadas exclusivamente por cavalaria. Na *Notitia* aparecem cinco unidades no Ocidente, cada uma integrada por cerca de quinhentos homens, e sete no Oriente. Estas unidades foram criadas com a intenção de se tornarem tropas de elite, para combaterem e não para se exibirem nos desfiles e nas cerimónias. A sua reputação de excelentes combatentes estava tão difundida que, segundo conta Amiano, numa ocasião os romanos foram atacados pelos inimigos ao correr o rumor de que a *schola* não se encontrava entre as fileiras do exército imperial.

A cavalaria romana

A partir de meados do século III, quando Galiano (253-268) criou as tropas de reserva de cavalaria, produziu-se um aumento gradual do número de tropas a cavalo no exército romano. Este aumento deveu-se mais a razões estratégicas do que tácticas. As tropas a cavalo não eram capazes de derrotar um exército de infantaria bem formado, mas podiam chegar com rapidez a uma zona de conflito e enfrentar com êxito as investidas pouco organizadas de saqueadores. Nas vésperas da batalha de Adrianópolis, a quarta parte dos principais exércitos de operações no Oriente devia corresponder a tropas de cavalaria. No caso dos exércitos de operações destinados às regiões montanhosas da Trácia e da Ilíria, a proporção era muito menor. Na *Notitia*, por exemplo, os exércitos presenciais contam com 29 % de cavalaria, enquanto no caso do exército da Trácia se reduz para 14 %. No entanto, os *limitanei*, tinham uma proporção maior de cavalaria, o que indicia uma maior neces-



Os *clibanarii* romanos devem ter tido como modelo a cavalaria pesada persa, como pode apreciar-se neste desenho do século III proveniente de Dura Europos. (Yale University Art Gallery)

sidade de mobilidade. No caso dos *limitanei*, os cavalos eram imprescindíveis para patrulhar as áreas que lhes tinham sido atribuídas e para cumprir com as suas obrigações como corpo de segurança interior. A sua principal tarefa não consistia em travar batalhas no caso de uma invasão em grande escala, mas sim em capturar os pequenos grupos de bandidos e saqueadores que atravessavam a fronteira. Ao longo da fronteira no Danúbio, a percentagem de cavalaria por exército oscilava entre 32 %, no caso do *dux Moesia Prima*, e 59 % no do *dux Valeria*.

A cavalaria estava organizada em unidades chamadas *vexillationes*. Desconhece-se o número de homens de uma *vexillatio*, mas devia oscilar entre os duzentos e quatrocentos. O mais provável é que a maioria das *vexillationes* incluísse trezentos soldados, apesar de, no papel, uma *vexillatio* em pleno rendimento dever contar com quinhentos efectivos. Algumas unidades de cavalaria dos *limitanei* também eram chamadas *vexillationes*, mas outras conservaram o antigo nome de *alae* ou de *cunei*. Tradicionalmente, estes nomes utilizavam-se para fazer referência a unidades auxiliares de cavalaria — a origem de *ala* remonta aos tempos da República, quando os aliados de Roma proporcionavam a maior parte das unidades de cavalaria. As variações nos nomes não se deviam tanto a uma mudança táctica ou organizativa, mas sim a um processo histórico. Uma vez mais, desconhece-se o número de homens que integravam estas unidades. Em teoria, é possível que também fossem compostas por quinhentos soldados, mas na realidade eram muito menos. Sabe-se, por exemplo, que várias *alae* do século III contavam com cem homens.

O exército romano do século IV incluía três categorias de cavalaria: cavalaria ligeira de escaramuçadores, cavalaria pesada convencional e cavalaria pesada de catafractos. A cavalaria ligeira era formada pelos *equites sagittarii* («arqueiros a cavalo») e pelos cavaleiros armados com dardos, como no caso dos *equites mauri* (mauritanos), *dalmatae* (dálmatas) e *caetrati* (armados com um pequeno escudo de couro). Independentemente do tipo de armas que levavam, a tarefa dos soldados de cavalaria ligeira era a mesma. A cavalaria ligeira encarregava-se de fazer o reconhecimento do terreno à frente do exército principal e de hostilizar o inimigo à distância. O uso de projécteis e a velocidade deste tipo de unidades permitiam à cavalaria ligeira causar danos ao inimigo sem chegar à luta corpo a corpo, uma modalidade de combate para a qual não estavam preparadas. Os *sagittarii* eram o grupo mais numeroso de cavalaria ligeira, chegando a formar 15 % dos *comitatenses* orientais durante o período tratado na *Notitia*. Para este tipo de tropas, os arcos eram armas mais eficazes que os dardos, uma vez que tinham maior alcance e permitiam levar mais munições. Algumas tropas, como as mauritanas ou as dálmatas, costumavam estar armadas com dardos em vez de arcos, visto que estas culturas tinham desenvolvido uma maior habilidade no manejo do dardo. Outro tipo de tropas, os *limitanei* em particular, podiam estar armadas com dardos, porque era mais fácil aprender a lançar o dardo do que a disparar o arco. A velocidade era a melhor protecção da cavalaria ligeira. A sua investida era feita geralmente em formação aberta, e é provável que os cavaleiros nem sequer se incomodassem a colocar a armadura, embora seja possível que levassem pequenos escudos leves.

No outro extremo encontravam-se os catafractos, um tipo de cavalaria pesada que, além da armadura para os cavaleiros, usava frequentemente bardas para os cavalos. A maioria destas unidades estava equipada com lanças, mas outras, como a *equites sagittarii clibanarii*, adoptaram o modelo persa de

Soldado de cavalaria no arco de Constantino. A partir do século III, os artistas romanos começaram a representar os soldados sem armadura, tal como um soldado moderno costuma ser representado, sem o capacete nem o colete à prova de bala. Esta convenção artística levou alguns historiadores a pensar que a maioria dos soldados romanos do período tardio não usavam armadura. Sabe-se que havia unidades especializadas de cavalaria e de infantaria ligeira, e é possível que alguns soldados destas unidades não colocassem a armadura para determinadas operações, mas quase todos os soldados de cavalaria e infantaria utilizavam armaduras de malha ou de escamas nas batalhas. (Deutsches Archäologisches Institut)



cavaleiros-arqueiros. A cavalaria de catafractos incluía dois tipos de unidades: as *cataphractarii* e as *clibanarii*. Numa ocasião, Amiano descreve os lanceiros da cavalaria pesada de catafractos como *cataphractarii equites (quos clibanarios dictitant)* ou «cavalaria de catafractos (a que eles chamam *clibanarii*)». Tal como com as palavras *vexillatio* e *ala*, os termos aplicados aos catafractos não deviam indicar um estilo concreto e determinado de combate, mas sim a origem da unidade. Portanto, as unidades de *cataphractarii* foram criadas à imagem dos sármatas, enquanto os *clibanarii* se inspiraram nos persas. Também é possível que as unidades chamadas *armigeri* estivessem fortemente armadas. As fontes escritas não mencionam nenhuma unidade de catafractos na batalha de Adrianópolis, mas uma vez que todos os exércitos orientais registados na *Notitia* incluíam uma proporção considerável de catafractos (25 % no exército presencial), é provável que interviesse uma unidade de catafractos na batalha.

No entanto, a maior parte da cavalaria tinha mudado muito pouco ao longo dos séculos. É provável que as unidades de *comites*, *promoti*, *scutarii* e *stávelsiani* fossem parecidas com as unidades auxiliares de cavalaria do período clássico. Tal como no passado, as unidades de cavalaria do século IV estavam equipadas com capacete, escudo, espada, vários dardos e algum tipo de armadura — geralmente, uma cota de malha, ainda que também pudesse ser uma couraça de escamas ou laminar. A táctica mais utilizada consistia em hostilizar o inimigo, esgotando-o o mais possível ou rodeando-o pelos flancos, para em seguida passar à carga quando aparecesse a ocasião propícia.

A infantaria romana

Apesar de o peso da cavalaria ter aumentado no exército romano, o resultado final das batalhas continuava a depender da acção da infantaria. A cavalaria reconhecia o terreno à frente do exército, protegia os flancos e hostilizava o inimigo, mas era a infantaria que ganhava ou perdia as batalhas.

Nos exércitos romanos operacionais havia duas categorias de infantaria: as legiões e os *auxilia*. As legiões do século IV eram bastante mais pequenas que as legiões clássicas e não deviam superar os mil soldados. Contudo, nos exércitos fronteiriços ainda existiam as grandes legiões de antigamente, divididas em várias coortes. Teoricamente, as coortes eram formadas por quinhentos homens, embora uma fonte do século III assinale que uma legião egípcia contava com uma coorte formada por 164 soldados. Algumas guarnições fronteiriças tinham perdido o título correspondente às suas unidades e chamavam-se simplesmente *milites* («soldados»).

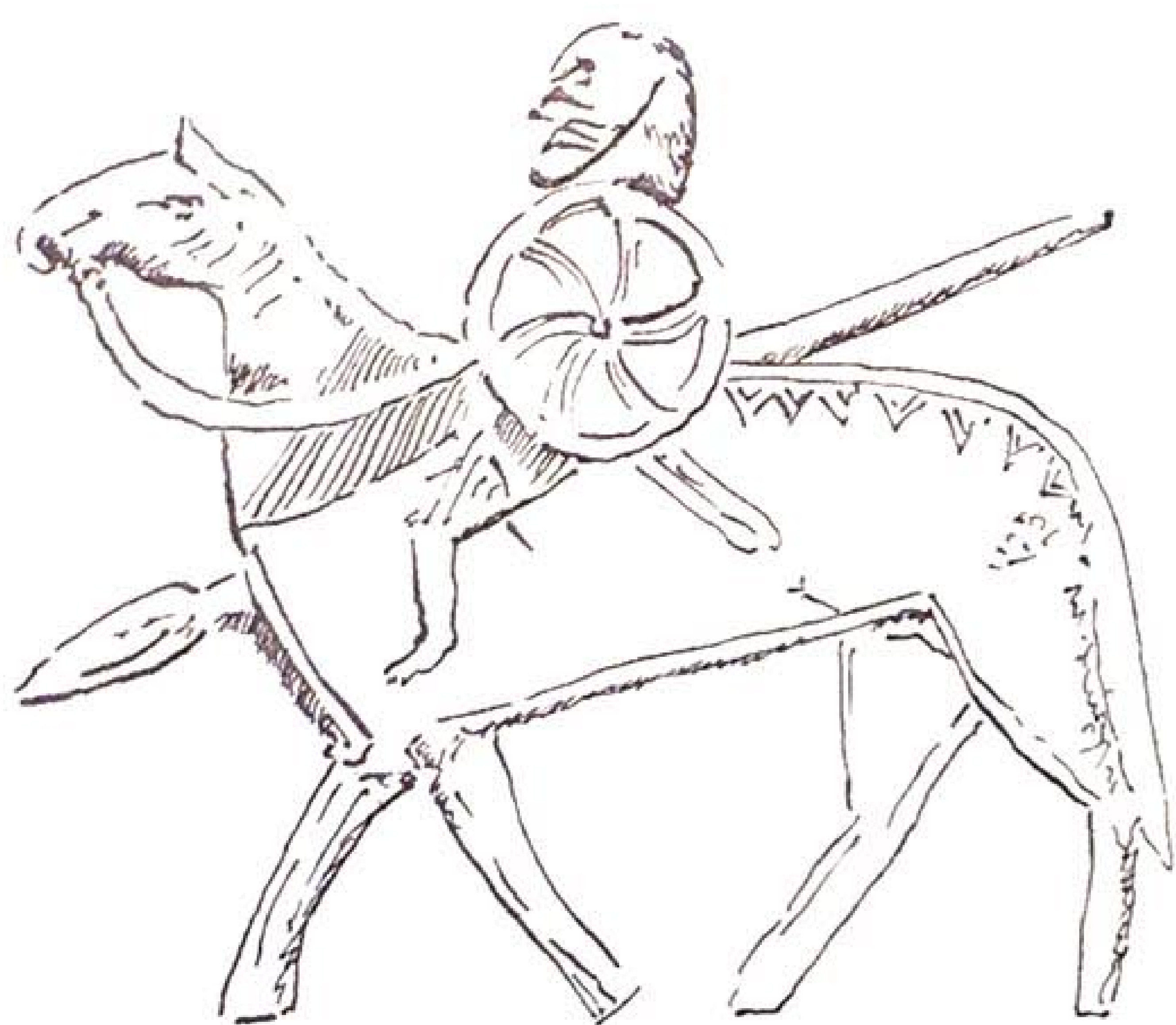
Nos principais exércitos operacionais, o grosso da infantaria fazia parte dos *auxilia palatina*, unidades da nova criação, a primeira das quais foi recrutada por Constantino. É provável que cada uma destas unidades pudesse ser formada por quinhentos homens, mas o número real numa campanha costumava oscilar entre os trezentos e os quatrocentos soldados. Flávio Vegécio Renato, escritor latino do século V, afirma que as legiões estavam mais bem armadas e tinham uma disciplina mais restrita que os *auxilia*. No entanto, nas descrições que Amiano faz das batalhas, os *auxilia* são apresentados como unidades de grande flexibilidade e com uma resistência excepcional. Segundo este historiador romano, isto tornava-os tropas muito valiosas, apesar da sua tendência para provocar conflitos com a população local quando não estavam em luta.

Tanto as legiões como os *auxilia* costumavam lutar em formações fechadas para derrotar o inimigo no combate corpo a corpo. No entanto, é possível que os *auxilia* fossem mais flexíveis e capacitados para realizar operações de ataque, além de combaterem na primeira linha. A maioria dos *auxilia* e mais algumas legiões estavam agrupados por pares. Aparentemente, estes pares eram permanentes, pelo que as unidades emparelhadas tinham brasões semelhantes nos escudos e formavam juntos no campo de batalha.

O equipamento utilizado pela infantaria do período romano tardio tem sido um tema controverso entre os historiadores modernos. Alguns sugerem que a partir do século III o exército romano deixou de utilizar as armaduras metálicas. É certo que no século III os soldados representados nas lápides não têm armadura, mas a sua falta obedece a uma opção artística e não é um reflexo da realidade. Assim, no século V, Vegécio escrevia: «Apesar de, seguindo o exemplo dos godos, dos alanos e dos hunos, termos feito algumas melhorias nas armas da cavalaria, é óbvio que a infantaria está indefesa. Desde a fundação da cidade até ao reinado de Graciano, os soldados de infantaria usavam couraças e capacetes. Mas à medida que a negligência e a preguiça propiciaram o relaxamento da disciplina, os soldados começaram a considerar a sua armadura muito pesada e raramente a utilizavam. Primeiro solicitaram autorização ao imperador



Escudos dos *auxilia palatina* que serviam no segundo exército presencial. As últimas cinco unidades foram criadas depois da batalha de Adrianópolis. A unidade de tervíngios — terceiro escudo da terceira fila — devia ser formada por guerreiros que lutaram às ordens de Fritigerno. Antes da batalha de Adrianópolis já havia unidades de godos a servir no exército romano, pelo que é possível que os seus escudos fossem parecidos com os dos tervíngios. (*Notitia Dignitatum*, Bodleian Library, Oxford)





Não se encontraram ilustrações de godos correspondentes aos finais do século IV. A figura da esquerda representa um turíngio da época das invasões bárbaras, enquanto a da direita poderia representar um godo, um lombardo ou um gépido do século VI ao serviço do exército bizantino. (Peter Sautter)

para se libertarem da couraça e, em seguida, do capacete. Em consequência desse facto, nos confrontos com os godos as nossas tropas foram derrotadas frequentemente pelas descargas de setas.»

Outro tipo de evidências, tanto pictóricas como literárias, mostra que a grande maioria dos soldados de infantaria entre os séculos III e V usavam armadura. É possível que, depois de Adrianópolis e da confusão subsequente à batalha, houvesse escassez de armaduras. Deste modo, existe a possibilidade de muitas das unidades que depois da batalha de Adrianópolis foram levadas dos *limitanei* para os *comitatenses* não terem armadura. Isto explica por que razão Vegécio afirma que a falta de armaduras entre os soldados da infantaria se tornou norma depois do reinado de Graciano. No entanto, é provável que em Adrianópolis tanto as legiões como os *auxilia* usassem armadura. Amiano, por exemplo, quando a batalha chegava perto do fim, disse que a infantaria romana estava «carregada pelo peso das armaduras». Havia três tipos de armadura: a cota de malha, a couraça de escamas e a couraça anatómica. A cota de malha costumava ser feita em ferro, mas a couraça de escamas, geralmente, era em bronze. As couraças anatómicas, reservadas para os oficiais, podiam ser feitas em bronze ou ferro. A conhecida couraça segmentada *(lorica segmentata)* caiu em desuso a partir dos finais do século III.

A infantaria pesada do século IV estava equipada com grandes escudos ovais ou redondos. As armas que os soldados de infantaria costumavam utilizar eram a espada *(spatha)*, a lança *(lancea)*, os dardos *(verutae)* e os venábulos (*mattiobarbuli* ou *plumbatae*). Alguns soldados levavam um pequeno machado *(securis)* em lugar da espada. O dardo pesado *(pilum)* do período clássico caiu em desuso. A infantaria desempenhava, sobretudo, funções defensivas. A especialidade de uma unidade de infantaria, cuja linha costumava ter uma retaguarda de seis a oito homens, consistia em esperar a carga do inimigo para, em seguida, o receber com uma chuva de projécteis e deter o seu avanço atrás de uma muralha de escudos e de lanças.

Houve algumas formações de infantaria ligeira especializadas, que incluíam várias unidades de *sagittarii* (arqueiros) e *balistarii* (besteiros). Quando eram necessárias mais tropas de infantaria ligeira, os comandos costumavam escolher os homens mais activos de cada unidade. Estes soldados, provenientes de diferentes unidades, formavam uma nova unidade, como se

fazia nas companhias ligeiras do século XVIII, e eram-lhes confiadas operações especiais. O mais provável é que, para este tipo de operações, não usassem armaduras e se equipassem apenas com dardos, venábulos e escudos.

Tácticas

Apesar de a organização do exército romano ter sofrido uma importante mudança no século anterior à batalha de Adrianópolis, as tácticas continuavam a ser as mesmas. No fundo, o exército romano continuava a formar com a infantaria no centro e a cavalaria nas alas. A infantaria ligeira costumava destacar-se à frente da linha de batalha, preparada para retroceder logo que o inimigo estivesse demasiado perto ou atacasse. Geralmente, a infantaria pesada formava em duas linhas, com a maior parte dos *auxilia* a ocupar a primeira linha e as legiões, a segunda. Esta formação era familiar a homens como Adriano, Augusto e, inclusive, Cipião.

A melhor descrição de uma batalha do século IV é a da crónica de Amiano sobre a batalha de Estrasburgo (357 d.C.). Nela, o historiador romano diz que os *cornuti* e os *brachiati* — ambos parte dos *auxilia palatina* — se encontravam na primeira linha, enquanto na retaguarda estavam os *batavi (auxilium palatinum), regii* (tanto da *legio comitatensis* como dos homónimos *auxilia palatina)* e *primani* (uma legião). Certamente que os *batavi* participaram de novo na batalha de Adrianópolis como parte da reserva.

Os arqueiros costumavam destacar-se atrás da infantaria pesada para dispararem as suas setas por cima das linhas de soldados, mas por vezes colocavam-se também à frente da linha de batalha para atacarem o inimigo quando ainda estava longe. Em determinadas ocasiões, a cavalaria ligeira era a primeira a combater — como aconteceu em Adrianópolis. Em seguida, a cavalaria ligeira costumava retirar-se para as extremidades das alas, a partir das quais tentava flanquear o inimigo. A cavalaria convencional e os catafractos situavam-se nas alas da infantaria e a sua missão consistia em romper a linha da cavalaria inimiga para poderem atacar a infantaria pelos flancos. Por si só, a cavalaria era incapaz de romper uma linha de infantaria pela frente. Por isso, a infantaria só atacava quando podia fazê-lo pelos flancos ou pela retaguarda, ou então quando a formação estava desordenada. No caso de acontecer uma situação parecida, como ocorreu em Adrianópolis com a cavalaria goda, a falta de coesão entre as fileiras da infantaria fez com que os soldados pudessem ser pisados pelos guerreiros a cavalo. Segundo Vegécio, «a posição do comandante-chefe costuma encontrar-se à direita, entre a cavalaria e a infantaria. É a partir deste lugar que melhor pode dirigir os movimentos de todo o exército. [...] Por outro lado, é a posição mais conveniente para dar as ordens tanto à cavalaria como à infantaria, assim como para incitar ambas, de igual forma, com a sua presença. O seu objectivo era cercar a ala esquerda do inimigo que tem em frente com a reserva de tropas de cavalaria e infantaria ligeira, para em seguida atacar pelos flancos e pela retaguarda. O segundo oficial na cadeia de comando coloca-se no centro com a infantaria para incentivar os soldados e animá-los. Perto deste oficial situam-se as tropas de infantaria de reserva, bem armadas e instruídas, que estão às suas ordens. [...] A posição do terceiro oficial na cadeia de comando encontra-se no flanco esquerdo. O oficial que ocupa este posto deve ser um homem atento e intrépido, visto que esta parte do exército é difícil de controlar e é muito vulnerável dada a sua posição na linha. Portanto, este oficial deve contar com uma boa reserva de cavalaria e de infantaria que lhe permita estender o flanco direito para evitar que o inimigo possa cercá-la».



Caçador na posição de combate característica da época num mosaico do palácio imperial de Constantinopla. O caçador segura no escudo pela pega central e ergue uma lança leve *(lancea)* por cima da cabeça. A lança costumava atirar-se justamente antes do choque, no momento em que o soldado desembainhava a espada. (Museu do Mosaico, Istambul)

Na Antiguidade, a ala direita de um exército costumava ser a mais forte. A razão desta distribuição consistia no facto de, ao entrarem em contacto com o exército inimigo, os soldados de infantaria terem tendência a deslocar-se para a direita, procurando a protecção do escudo do companheiro. Por outro lado, a cavalaria do flanco direito sentia-se mais segura para flanquear o inimigo situado à sua esquerda, uma vez que ao longo da manobra os ginetes tinham os escudos orientados para o inimigo. Portanto, era mais fácil tentar o flanqueio pela direita, e por isso as melhores tropas colocavam-se deste lado. A ala esquerda, pelo contrário, devia ser reforçada frequentemente para impedir uma manobra de cerco por parte do inimigo. Este costume chegou aos nossos dias: num desfile, a honra de formar «à direita da linha» corresponde à unidade de maior graduação.

A ORDEM DE BATALHA DOS ROMANOS

Tem-se uma vaga ideia sobre as unidades que combateram em Adrianópolis. Amiano menciona várias unidades pelo seu nome, mas deixa muitas outras em que tal não acontece. É possível fazer certas conjecturas razoáveis, extrapolando as unidades que faltam a partir da *Notitia Dignitatum*, mas o certo é que qualquer intenção de descrever com precisão o exército de Valente em 378 não deixa de ser um exercício especulativo.

Na *Notitia Dignitatum* pode verificar-se que na ordem de batalha de Teodósio de 395, o imperador dividiu o Exército em Presença do Imperador em duas forças de 21.000 homens. É provável que esta divisão se tenha realizado quando Valente avançou para Ocidente com uma parte do seu exército, deixando atrás o resto das tropas para que protegessem as fronteiras orientais de uma possível incursão persa. Valente contava com cerca de 15.000 homens; tendo em conta que muitas unidades estavam incompletas, o exército presencial de 21.000 homens de 395 pode servir como referência para reconstruir, ainda que apenas de uma forma aproximada, a composição do exército romano em Adrianópolis.

Uma possível composição seria: 1.500 *scholae*, 1.000 *equites palatinae*, 1.500 *equites comitatenses*, 5.000 *legiones palatinae* e 6.000 *auxilia palatinae*.

Mais adiante apresenta-se uma lista pormenorizada das unidades provenientes da *Notitia*. O Primeiro Exército em Presença do Imperador é descrito em pormenor, uma vez que, seguramente, é o mais parecido com o exército que combateu em Adrianópolis sob o comando de Valente. As unidades destacadas a **negrito** são as que, quase seguramente, combateram em Adrianópolis. As outras unidades, exceptuando as destacadas a *itálico*, podem ter feito parte do exército de Valente. Por último, as unidades destacadas a *itálico* não participaram, provavelmente, na batalha.

As scholae orientais

Estando o imperador presente, é provável que pelo menos metade destas unidades se encontrasse em Adrianópolis. (Número máximo de efectivos por unidade, 500 homens; número provável de efectivos em campanha, 400 homens.)

Scutarii Prima (cavalaria pesada) — Esta unidade, juntamente com a dos Scutarii Secunda, podia ter sido a que deu início à batalha.

Scutarii Secunda (cavalaria pesada) — É possível que em Adrianópolis houvesse várias unidades de *scutarii*.

Gentis Seniores (cavalaria pesada) — Integrada originalmente por estrangeiros, o mais provável é que fossem germanos.

Scutarii Sagittarii (arqueiros a cavalo, provavelmente com armadura) — Esta unidade podia ser a que aparece a lutar ao lado dos *scutarii.*
Scutarii Clibanarii (catafractos fortemente armados).
Armaturae Juniores (cavalaria fortemente armada).
Gentis Juniores (cavalaria pesada).

O Primeiro Exército em Presença do Imperador (Praesentalis I), 395 d.C.

Unidades de cavalaria de elite — *Vexillationes Palatinae*
(Número máximo de efectivos por unidade, 500 homens; número provável de efectivos em campanha, 300 homens.)

Equites Promoti Seniores (cavalaria pesada convencional) — Potêncio, tribuno dos *pro moti*, morreu na batalha.
Comites Clibanarii (catafractos fortemente armados).
Comites Sagittarii Juniores (cavalaria ligeira de arqueiros) — Pelo menos uma unidade de arqueiros a cavalo fazia parte da cavalaria na ala direita; é possível que também houvesse outras unidades de cavalaria.
Comites Taifali (cavalaria pesada convencional) — É provável que fosse composta por prisioneiros taifalos depois de 377 d.C.
Comites Arcades (cavalaria pesada convencional) — Criada depois de Adrianópolis.

Unidades de cavalaria regulares — *Vexillationes Comitatenses*
(Número máximo de efectivos por unidade, 500 homens; número provável de efectivos em campanha, 200-300 homens.)

Equites Catafractarii Biturigenses (lanceiros fortemente armados).
Equites Armigeri Seniores Gallicani (cavalaria fortemente armada).
Equites Quinto Dalmatae (cavalaria ligeira com dardo).
Equites Nono Dalmatae (cavalaria ligeira com dardo).
Equites Primi Scutarii (cavalaria pesada convencional) — Pelo menos uma unidade de *scutarii* encontrava-se em Adrianópolis, mas não se sabe se eram *comitatenses* ou *scholae*.
Equites Promoti Juniores (cavalaria pesada convencional) — Potêncio, tribuno dos *promoti*, morreu na batalha.
Equites Primi Clibanarii Parthi (catafractos fortemente armados).

Legiones Palatinae
(Número máximo de efectivos por unidade, 1.000 homens; número provável de efectivos em campanha, 800 homens.)

Lanciarii Seniores (infantaria pesada) — A legião de maior graduação de todo o exército. Foram os últimos a sucumbir em Adrianópolis.
Joviani Juniores (infantaria pesada).
Herculiani Juniores (infantaria pesada).
Fortenses (infantaria pesada).
Nervii (infantaria pesada).
Matiarii Juniores (infantaria pesada) — Uniram-se à resistência desesperada dos *lanciarii*.

Auxilia Palatina
(Número máximo de efectivos por unidade, 500 homens; número provável de efectivos em campanha, 300-400 homens.)

Batavi Seniores (infantaria pesada) — Na reserva em Adrianópolis.
Brachiati Seniores (infantaria pesada).
Salii (infantaria pesada).
Constantiani (infantaria pesada).
Mattiaci Seniores (infantaria pesada).
Sagittarii Seniores Gallicani (arqueiros a pé) — Não há dúvida que em Adrianópolis se encontravam várias unidades de arqueiros a pé.
Sagittarii Juniores Gallicani (arqueiros a pé).
Tertii Sagittarii Valentis (arqueiros a pé) — Unidade criada provavelmente por Valente.
Defensores (infantaria pesada).
Raetobarii (infantaria pesada).
Anglevarii (infantaria pesada).
Hiberi (infantaria pesada).



Neste pendente visigodo do século VI, utilizado como parte da decoração de um cavalo, pode apreciar-se o típico guerreiro montado. Depois da batalha de Adrianópolis, estes guerreiros tornaram-se o principal sustento dos exércitos godos e romanos. (Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque)

Visi (infantaria pesada) — Unidade formada provavelmente por godos depois do tratado de 382.
Victores (infantaria pesada) — Criada depois de Adrianópolis.
Primi Theodosiani (infantaria pesada) — Criada depois de Adrianópolis.
Tertii Theodosiani (infantaria pesada) — Criada depois de Adrianópolis.
Felices Theodosiani (infantaria pesada) — Criada depois de Adrianópolis.

O Segundo Exército em Presença do Imperador (Praesentalis II), 395 d.C.

6 Vexillationes Palatinae — Incluíam uma unidade de arqueiros a cavalo e outra de *clibanarii*. Uma das quatro unidades convencionais foi criada depois de Adrianópolis.
6 Vexillationes Comitatenses — Incluíam três unidades de catafractos, duas de *scutarii* e uma de lançadores de dardos ligeiros (*dalmatae*).
6 Legiones Palatinae — Incluíam os *Matiarii Seniores* e os *Lanciarii Iuniores*. Uma vez que Amiano só fala dos *lanciarii* e dos *matiarii*, é impossível saber se se referia a estas unidades ou às suas equivalentes no Primeiro Exército. Também se desconhece se se dividiram em *juniores* e *seniores* depois de 378.
16 Auxilia Palatina — Três unidades eram de arqueiros. Cinco das unidades (não-arqueiros) foram criadas, possivelmente, depois de Adrianópolis. A unidade de **cornuti**, a mesma que foi fustigada em Dibaltum, aparece na lista deste exército. É possível que os sobreviventes de Dibaltum tivessem lutado em Adrianópolis.
1 Pseudocomitatus — Arqueiros vindos dos *limitanei* que progrediram na carreira depois de Adrianópolis.

Exército regional do Oriente (com base na Síria)
É muito provável que os antecessores deste exército permanecessem no Oriente durante a campanha de Adrianópolis.
10 Vexillationes Comitatenses.
9 Legiones Comitatenses — Uma criada depois de Adrianópolis.
2 Auxilia Palatina — As duas criadas depois de Adrianópolis.
10 Pseudocomitatenses — Duas delas criadas, provavelmente, depois de Adrianópolis.

Exército regional da Trácia
Este exército, responsável pela defesa da Trácia, sofreu os principais ataques durante a campanha de 376-377. Desde 378 que as suas unidades deviam estar muito dizimadas, e provavelmente muito poucas participaram na batalha.
3 Vexillationes Palatinae — Todas criadas depois de Adrianópolis.
7 Vexillationes Comitatenses — Uma delas criada depois de Adrianópolis.
21 Legiones Comitatenses — Três delas criadas, provavelmente, por Valente.

Exército regional da Ilíria
É provável que este exército tivesse sido formado depois do desastre de Adrianópolis, talvez durante a revolta de Alarico (395 d.C.). Ao que consta, criou-se à pressa a partir de um grande número de *pseudocomitatenses* recrutados na fronteira para enfrentar a crise. É possível que algumas das unidades palatinas tivessem vindo do Ocidente com Frigérido e Ricomero para lutar na campanha de 377 e que depois se instalaram na Ilíria.
2 Vexillationes Comitatenses.
1 Legião Palatina, os *Britones Seniores*.
8 Legiones Comitatenses.
6 Auxilia Palatina, estava incluída numa unidade de arqueiros. Também faziam parte os *Petulantes Juniores*, o «batalhão» subalterno dos *Petulantes Seniores* que em 377 lutaram contra os alamanos na fronteira do Reno.
9 Pseudocomitatenses, todas elas criadas, provavelmente, depois de Adrianópolis.

Os *limitanei*
O tamanho das unidades de *limitanei* é mais difícil de precisar que o das unidades do exército de operações. As legiões do período clássico costumavam dividir-se em numerosos destacamentos de algumas centenas de homens. Os *limitanei* defendiam a fronteira do Danúbio nas seguintes províncias (de leste para oeste):
Cítia: 7 *cunei equitum*; 2 legiões: I *Iovia* e II *Herculia*, divididas em três destacamentos; 8 *auxilia*; 1 flotilha fluvial.

Mésia II: 7 *cunei equitum*; 2 legiões: I *Italica* e XI *Claudia*, divididas em dois destacamentos; 10 *auxilia*; 3 coortes adicionais; 1 flotilha fluvial.
Mésia I: 8 *cunei equitum*; 8 *auxilia*; 2 legiões: IV *Flavia* e 2 destacamentos de VII *Claudia*; 5 *milites*; 2 flotilhas.
Dacia Ripensis: 9 *cunei equitum*; 6 *auxilia*; 2 legiões: V *Macedonica* em quatro destacamentos e XIII *Gemina* em cinco destacamentos; 2 coortes adicionais; 1 *milites*; 2 flotilhas.
Panónia II: 6 *cunei equitum*; 11 *vexillationes*; 5 *auxilia*; 2 legiões: V *Iovia* e VI *Herculia* divididas em três destacamentos; 5 flotilhas; 1 *ala*; 4 coortes adicionais; 1 *milites*.
Valéria: 5 *cunei equitum*; 17 *vexillationes*; 5 *auxilia*; 2 legiões: I *Adiutrix* e 6 destacamentos de II *Adiutrix*; 1 flotilha; 6 coortes adicionais.

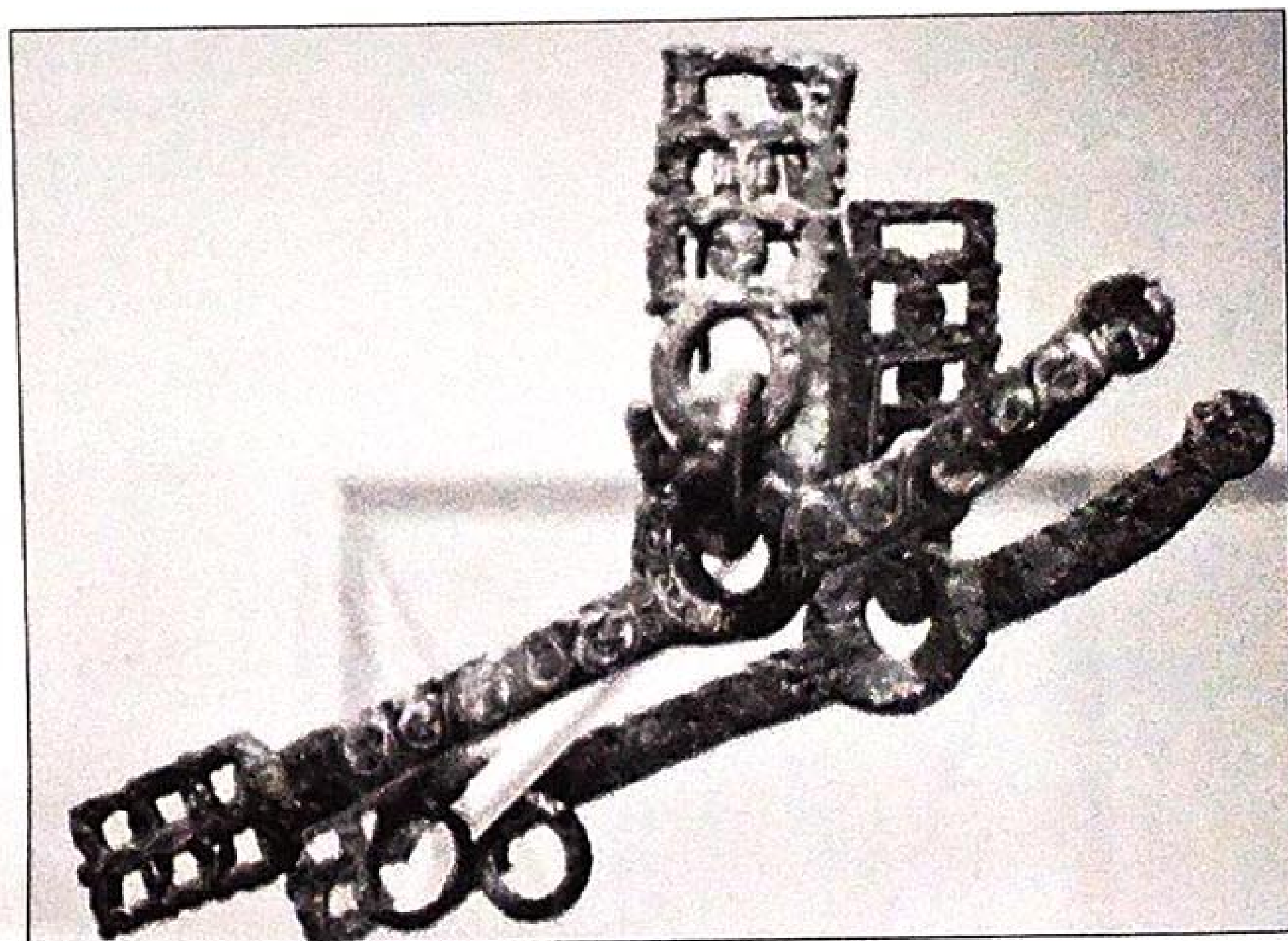
O EXÉRCITO GODO

Em comparação com a grande quantidade de informação disponível sobre o exército romano no século IV, no caso das forças godas quase nada se sabe. Os godos estavam imersos numa emigração em massa e não possuíam um exército organizado. Os godos costumavam combater com as armas que tinham capturado aos seus inimigos e acolhiam nas suas fileiras qualquer um que estivesse disposto a lutar ao seu lado. O exército que combateu em Adrianópolis era diferente de qualquer outro exército godo que os romanos tinham já enfrentado. O núcleo do exército godo era formado pelos tervíngios, o clã que antigamente habitava o nordeste do Danúbio, mas também incluía alguns greutungos, assim como nómadas hunos e alanos, unidades godas do exército romano, escravos romanos foragidos, prisioneiros de guerra, desertores e um grande número de exploradores de ouro que pretendiam «livrar-se da pesada carga dos impostos».

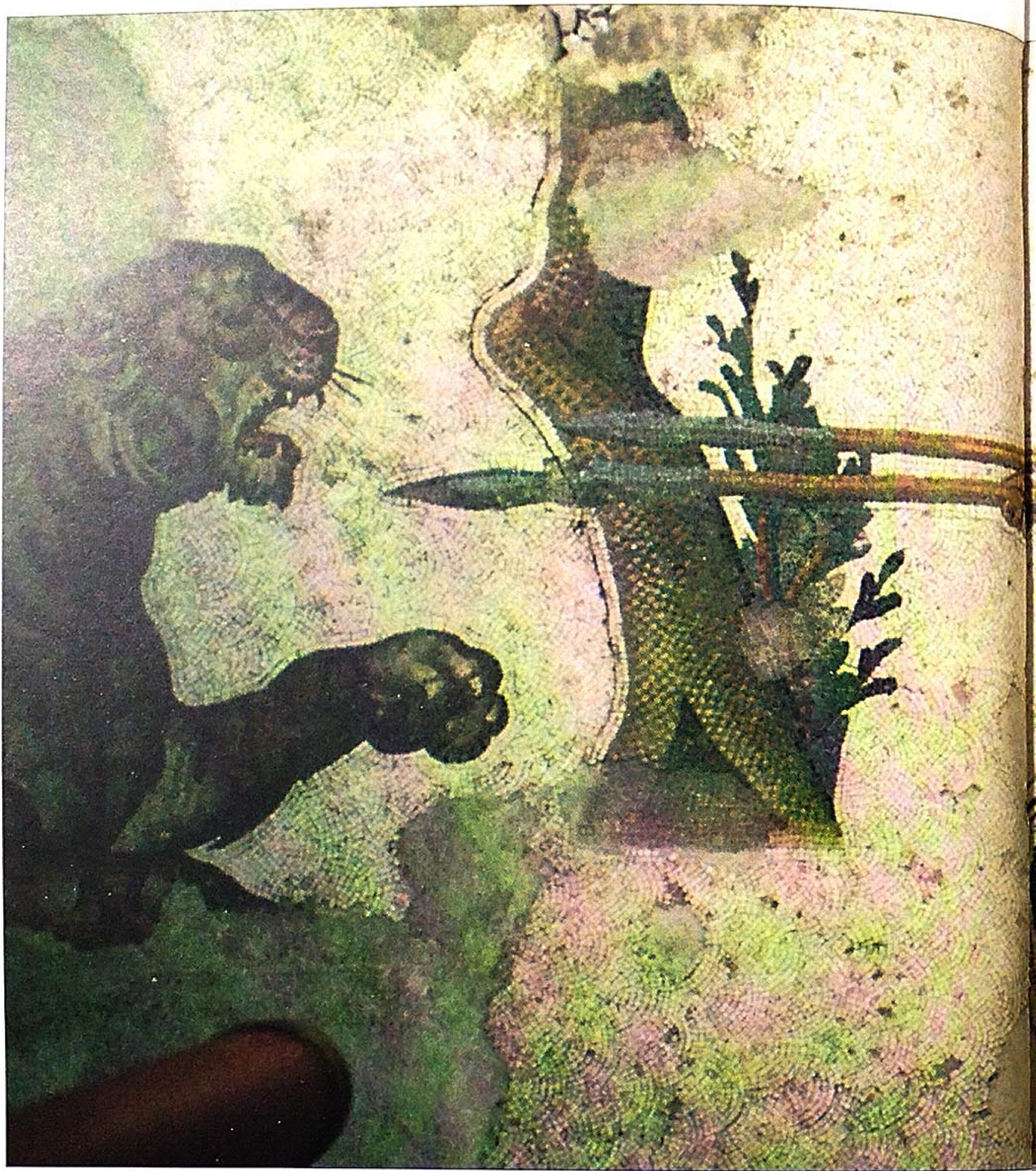
Tervíngios e greutungos

A maioria dos historiadores modernos chama erradamente «visigodos» aos tervíngios e «ostrogodos» aos greutungos, estabelecendo uma equivalência entre estes clãs do século IV e os reinos posteriores dos séculos V e VI. Os visigodos, que em 418 fundaram o seu próprio reino em França, eram descendentes dos homens que seguiam Fritigerno — inclusive os tervíngios, os greutungos e os que não eram godos —, assim como dos seguidores de Radagaiso — os invasores de Itália em 405. Em 399, o poeta Claudiano distingue pela primeira vez entre ostrogodos e greutungos, pelo que é possível que os ostrogodos fossem um clã situado para além das fronteiras do Império e cujo poder e influência aumentou ao longo do século V. É provável que os fundadores do reino ostrogodo de Itália nos finais do século V fossem o produto de uma mistura de clãs, entre os quais se incluíam os greutungos, entre outros.

Quando, em 376, os tervíngios atravessaram o Danúbio, uma das condições que os romanos impuseram para autorizar a sua entrada em território do Império foi que entregassem as armas. Não se sabe até que ponto cumpriram esta condição mas, em todo o caso, não é provável que pudessem transportar muito equipamento militar para a outra margem do rio. Portanto, a totalidade das suas armas devia ser, praticamente, de origem romana. Amiano menciona este facto em



Bridão muito elaborado feito por visigodos. Os diferentes povos que atravessaram o Danúbio entre 376 e 377 acabaram por se fundir num só, os visigodos. Em 418, os visigodos fundaram um reino no Sul de França. Mais tarde passaram para a Península Ibérica. (Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque)



várias passagens. Depois de derrotarem Lupicino, por exemplo, Amiano conta que os godos «se equiparam com armas romanas». Depois da rebelião, Suéridas e Colias puderam aceder aos arsenais de Adrianópolis, e Amiano, uma vez mais, afirma que se equiparam «com armas romanas». Em vésperas da batalha de Adrianópolis, a maior parte dos godos estariam equipados com roupas, armas e utensílios romanos.

Como era habitual nos guerreiros germânicos dessa época, nos exércitos godos não se fazia uma distinção estrita entre cavalaria e infantaria. Um guerreiro continuava a ser guerreiro, tanto fosse a pé como a cavalo, e dependia mais da situação do momento que das suas capacidades. É pouco provável que os godos tivessem transportado muitos cavalos para a margem romana do Danúbio e os poucos que conseguiram passar para o outro lado devem ter sido sacrificados para alimentar os famintos refugiados. Uma vez iniciado o conflito, os godos foram capturando cavalos e aumentando de forma progressiva o número de guerreiros a cavalo. No entanto, a principal razão pela qual os godos se apropriavam dos cavalos não era de ordem táctica, mas sim pela grande mobilidade que lhes proporcionavam. No século VI, os ostrogodos continuaram a lutar a pé quando o terreno era irregular ou



Mosaico do século v. Pensa-se que os desenhos em forma de escudo que estes homens têm nas suas camisas os identificava como membros das *scholae*, talvez *scutarii*. (Museu do Mosaico, Istambul)

se viam obrigados a defender-se. É natural que quem dispunha de cavalos reservasse o seu uso em combate para os terrenos abertos e para aquelas ocasiões em que se confrontavam pequenos grupos de inimigos pouco coesos. Outra ocasião em que os godos recorriam a cavalos era quando podiam tirar proveito de uma vantagem imprevista, como no caso do ataque dos greutungos em Adrianópolis. No entanto, na maioria dos casos os godos preferiam combater a pé, sobretudo quando se viam obrigados a defender-se.

É possível que os greutungos — os protagonistas do ataque da cavalaria em Adrianópolis — estivessem mais acostumados que os tervíngios na luta a cavalo. Os greutungos tinham emigrado das estepes do Sul da Ucrânia, e durante muitos anos estiveram em contacto com os hunos, os alanos e outros povos nómadas. Uma vez que os greutungos atravessaram o Danúbio sem autorização dos romanos e não passaram fome, como acontecera com os tervíngios, é possível que pudessem ter chegado ao território romano com mais cavalos que os seus primos.

Ao contrário de muitos povos germânicos ocidentais, os godos eram bastante hábeis com as armas de projéctil. Vegécio (ver mais acima) fala das dificuldades que as tropas romanas passaram por culpa dos arqueiros godos.



De qualquer modo, nas batalhas descritas por Amiano diz-se que os godos usam todo o tipo de armas de projéctil, incluindo os dardos, as fundas e os arcos. Das crónicas destes autores infere-se que os guerreiros godos equipados com este tipo de armas não formavam uma unidade independente de infantaria ligeira, estando antes integrados no grupo principal das tropas. A descrição que Amiano faz da batalha de Ad Salices (377 d.C.) talvez seja o exemplo mais ilustrativo sobre a forma de lutar dos godos: «Depois de uma descarga cruzada de dardos e de outros projécteis, deu-se o choque de ambos os bandos e combateram ombro a ombro com os escudos bem seguros.»

Mosaico do século VI proveniente de Cartago. A figura representada parece corresponder a um alano. A marca na anca do cavalo é característica dos nómadas das estepes, como no caso dos hunos ou dos alanos. (British Museum, Londres)

Outras tropas

Sob a liderança de Farnóbio, os taifalos, outro povo germânico, uniram-se em 377 a um grupo de greutungos e lutaram a seu lado na Ilíria. Contudo, não existem indícios de que os taifalos estivessem presentes em Adrianópolis. Não se tem informação sobre as práticas militares dos taifalos e ignora-se o seu número e em que se distinguiam, na hipótese de se diferenciarem em algo, dos greutungos. Amiano conta que os *limitanei* do curso médio do Danúbio se tinham «unido por temor» a estas «tribos desconhecidas», o que leva a pensar que os taifalos eram inimigos ferozes.

Entre os seguidores de Fritigerno havia um importante número de godos e romanos. Entre eles encontravam-se escravos fugidos dos seus amos, exploradores de ouro e unidades godas do exército romano. Estes últimos, apesar de terem sido leais a Roma, viram-se obrigados a tomar partido por Fritigerno devido à hostilidade da população local. Ainda que se desconheça o número dos que se uniram a Fritigerno, não existe dúvida de que a sua presença foi significativa. Os godos que estavam ao serviço de Roma tinham dois chefes, Suéridas e Colias, pelo que talvez se tratasse de dois *auxilia* agrupados numa só unidade. A ser assim, o seu número oscilaria entre os seiscentos e os mil homens, e provavelmente formariam um contingente independente. No caso dos romanos que se uniram aos godos, é lógico supor que se misturaram com os godos e que com o tempo foram assimilados.

No exército godo também havia um contingente de hunos e alanos, que se incorporaram em 377, e lutaram juntamente com os greutungos em Adrianópolis. Uma vez mais, se bem que se desconheça o número de homens deste contingente, a sua contribuição foi bastante significativa para fazer pesar o prato da balança a favor dos godos na campanha de 377. Os hunos e alanos selaram uma aliança com os godos e atravessaram o Danúbio nesse mesmo ano. Poucos dias antes de este grupo de hunos e alanos ter lutado em Adrianópolis, outro grupo de alanos que operava no Danúbio fez uma emboscada a Graciano, imperador do Ocidente, quando se dirigia ao encontro com Valente para unirem as suas forças. Isto demonstra que em vésperas da batalha havia mais que um grupo hostil a Roma em território do Império.

É provável que, na batalha de Adrianópolis, os hunos e os alanos formassem um contingente independente e lutassem com o seu estilo tra-

dicional — cavalaria ligeira de arqueiros. Apesar de lutarem juntos e partilharem uma técnica de combate muito semelhante, os hunos e os alanos eram povos muito diferentes. Os hunos eram um povo mongol proveniente da Ásia Central. Amiano descreve os hunos como homens com «corpo rechonchudo, mãos fortes e pescoço grosso». Os alanos eram um povo iraniano aparentado com os sármatas. Os autores da Antiguidade dizem que eram «altos, bem-parecidos, de cabelo alourado e olhos de uma frieza aterradora».

No que respeita aos hunos, Amiano conta que «não são feitos para lutar a pé e permanecem colados aos seus cavalos. [...] Quando vão para a batalha, avançam em grupos, proferindo diferentes gritos de guerra. Graças aos seus rápidos movimentos e ao seu leve equipamento, podem dispersar-se e galopar a seu gosto. [...] Disparam de longe setas com pontas de farpas de osso afiadas. [...] No corpo a corpo, lutam sem se preocuparem com a vida». O historiador romano não descreve com tanto pormenor a forma de luta dos alanos, mas assinala que levam uma vida nómada e que são «hábeis no uso das suas armas, estando à altura dos hunos em todos os sentidos». Uma vez que os hunos e os alanos se incorporaram bastante tarde no exército godo (377), é provável que tivessem menos acesso ao equipamento romano.

A ORDEM DE BATALHA DOS GODOS

Qualquer estimativa que seja feita sobre a ordem de batalha dos godos será incomparavelmente mais especulativa do que a realizada sobre a ordem de batalha dos seus adversários romanos, visto que se dispõe de muito pouca informação. Portanto, os dados que se fornecem em seguida reflectem uma possível organização baseada em Amiano e na provável composição das forças de Fritigerno.

Tervíngios
Comitatus de Fritigerno — cerca de 1.000 homens (cavalaria pesada) — O séquito pessoal de Fritigerno. Provavelmente lutavam a pé.
Unidade de Suéridas — 300-400 homens (infantaria pesada) — Anteriormente, soldados romanos.
Unidade de Colias — 300-400 homens (infantaria pesada) — Anteriormente, soldados romanos.
Lanceiros — 6.000-8.000 homens (infantaria pesada) — Uma mistura de godos, romanos e outros. Provavelmente eram formados em unidades de cerca de 500-1.000 homens cada uma. Alguns talvez tivessem cavalos, mas o mais provável é que todos lutassem a pé.
Arqueiros a pé — 1.000-2.000 homens (infantaria ligeira) — Provavelmente formavam atrás dos lanceiros.

Greutungos
Comitatus de Alateu — cerca de 500 homens (cavalaria pesada)
Comitatus de Safrax — cerca de 500 homens (cavalaria pesada) — Alguns poderiam ser alanos armados com lanças ou arcos.
Guerreiros greutungos — 2.000-3.000 homens (cavalaria pesada) — Provavelmente em unidades de cerca de 500 homens.
Guerreiros alanos — 1.000-2.000 homens (cavalaria ligeira) — Arqueiros a cavalo.
Guerreiros hunos — cerca de 500 homens (cavalaria ligeira de arqueiros) — Não existe uma prova definitiva que demonstre que os hunos estiveram em Adrianópolis, mas são mencionados justamente depois da batalha.
Arqueiros greutungos — 500-1.000 homens (infantaria ligeira) — É provável que alguns arqueiros a pé acompanhassem a cavalaria.

GENERAIS E PLANOS EM CONFRONTO

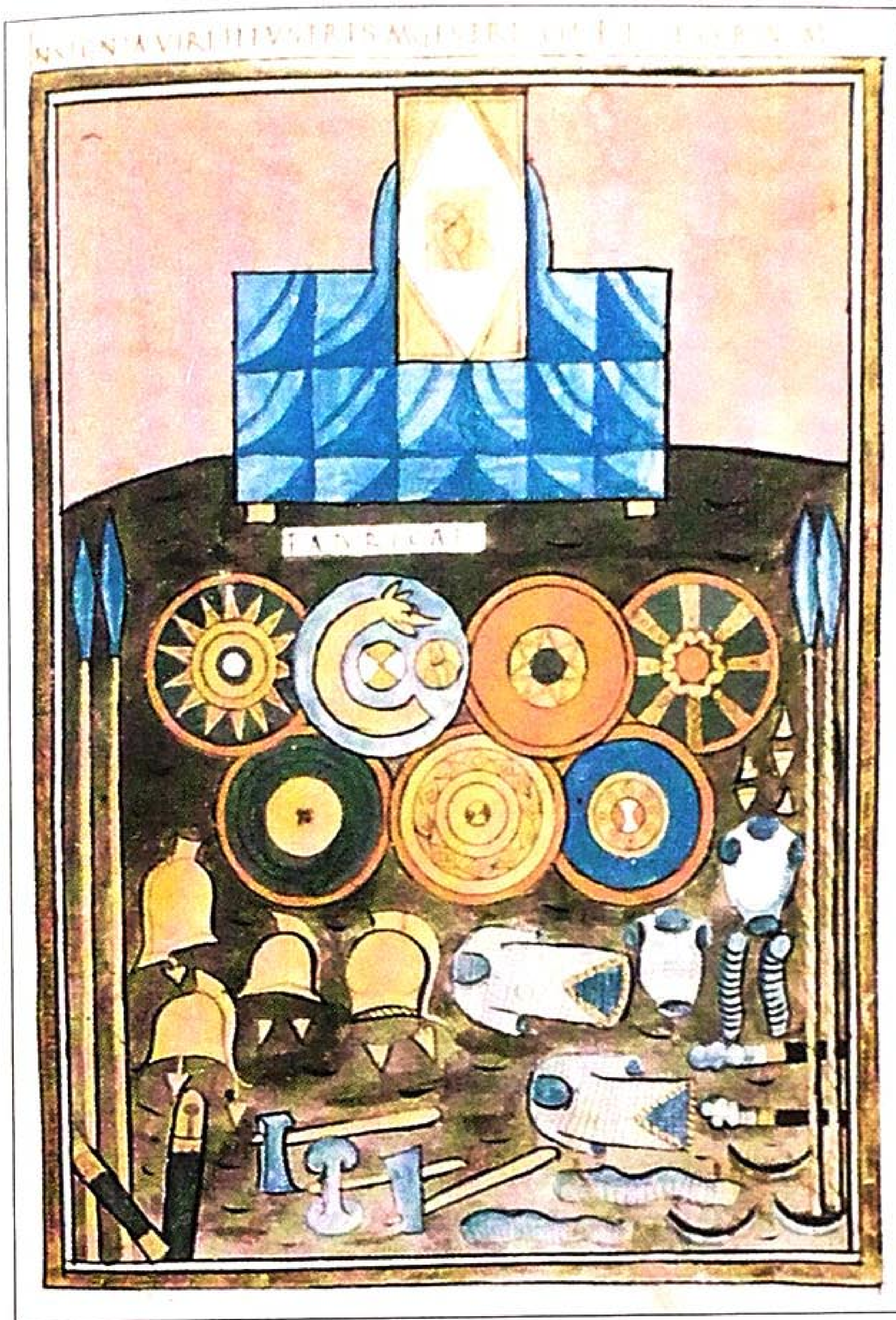
OS GODOS

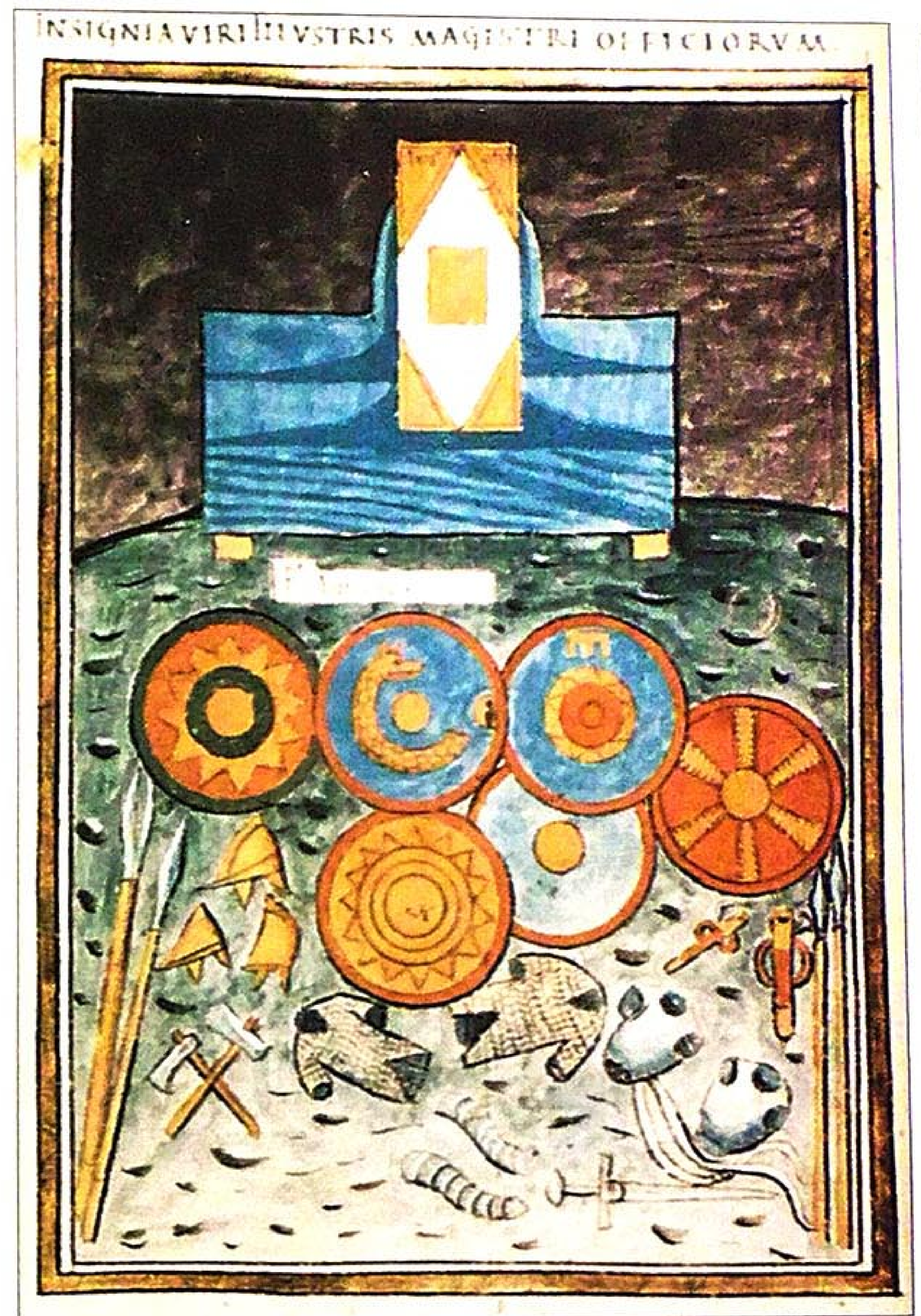
Os godos não eram um povo coeso num só território, formando antes várias comunidades que se estendiam desde o Danúbio até à Crimeia sem que existisse qualquer tipo de administração ou de organização central. Os chefes destes diferentes grupos exerciam uma liderança pessoal. O chefe podia ser um guerreiro que alcançara a celebridade pelas suas façanhas na guerra, e tinha conseguido atrair a lealdade de outros homens. No entanto, se a sua sorte ou capacidade declinavam, corria o risco de os seus partidários o abandonarem para se ligarem a outro guerreiro com melhor sorte.

Foi isto que aconteceu com Atanarico, chefe dos tervíngios. Na década de 360, Atanarico colocou as suas forças ao serviço do usurpador romano Procópio. A disputa dinástica saldou-se com a derrota do usurpador e os tervíngios foram reprimidos. Atanarico foi derrotado e viu-se «obrigado a fugir para salvar a vida». Mais tarde, Atanarico pediu a paz aos romanos, e chegou a assinar um tratado com Valente, imperador do Oriente. Este tratado, tal como outros anteriores, incluía a troca de reféns. É provável que incluísse também um acordo segundo o qual os tervíngios se comprometiam a ceder tropas a Valente sempre que ele o solicitasse. Poucos anos depois, quando os hunos invadiram as fronteiras orientais do território tervíngio, Atanarico sofreu uma nova derrota. Desta vez, Atanarico viu-se abandonado por muitos dos seus, que se juntaram a Alavivo e Fritigerno. Atanarico terá morrido em 381 em Constantinopla depois de ter sido «expulso do seu país por uma conspiração interna» e foi enterrado «com solenes rituais celebrados à maneira romana».



Os soldados romanos costumavam levar vários dardos *(plumbatae)* presos com um gancho no interior dos escudos. Isto permitia-lhes atacar os seus inimigos com dardos à medida que se aproximavam. Uma vez que a maioria das armas utilizadas pelos godos eram de manufactura romana, é possível que também usassem *plumbatae*. Amiano fala frequentemente das descargas cruzadas de dardos e de outro tipo de projécteis como de um passo prévio ao choque das duas linhas adversárias. (*De rebus bellicis*, Bodleian Library, Oxford)





Insígnia dos *magistri officiorum*, os funcionários responsáveis pelas armarias do Estado *(fabricae)*. Em Adrianópolis tinha sido construída uma delas. Quando os homens de Suéridas e Colias se juntaram à rebelião dos godos, saquearam a armaria de Adrianópolis. Os escudos que aparecem na imagem não só fariam parte do equipamento elaborado nas *fabricae*, como também poderiam representar as unidades de *scholae*. Nesse caso, tratar-se-ia de unidades de cavalaria de elite encarregadas de acompanhar o imperador. (*Notitia Dignitatum*, Bodleian Library, Oxford)

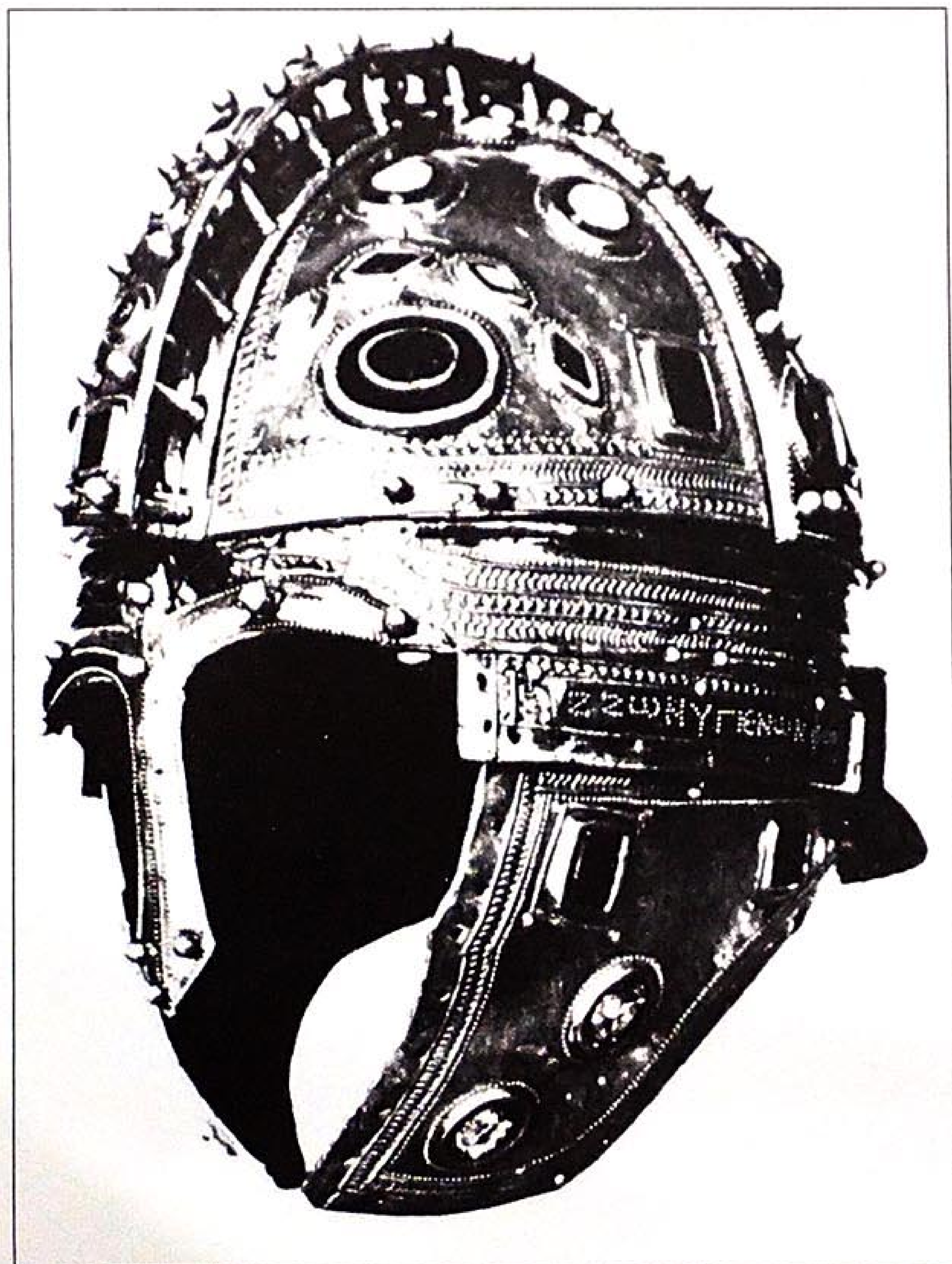
O pouco que se sabe de Alavivo é que liderou os tervíngios até ao Danúbio e que pediu licença aos romanos para atravessar o rio. A partir desse momento, ao que consta foi **Fritigerno** que se tornou gradualmente o homem forte dos tervíngios, chegando a ser o seu chefe indiscutível depois de sair ileso de uma tentativa de assassinato, que deve ter acabado com a vida de Alavivo. Fritigerno devia ser um homem voluntarioso e de um grande carisma. Foi seu o mérito de manter unida uma confederação de clãs e tribos díspares sem outra autoridade que a confiança nas suas possibilidades de êxito. Se se tiver em conta que entre os seus seguidores havia hunos, alanos, desertores romanos e várias tribos germânicas, é lógico supor que muitos o teriam abandonado se tivessem tido melhores perspectivas de enriquecer e avançar com outro chefe.

Infelizmente, para poder fazer uma avaliação da liderança de Fritigerno só se pode contar com alguns fragmentos da obra de Amiano. Deles se deduz que Fritigerno era um oportunista, sempre pronto a atacar e a retirar-se no momento adequado. Amiano disse que ele era astuto e engenhoso. Depois de atravessar o Danúbio, por exemplo, soube encontrar a forma de unir as suas forças às dos greutungos sem que esta acção «chegasse a pôr em perigo o acordo alcançado com os romanos. Amiano também assinala que Fritigerno era «muito precavido e tinha um verdadeiro pavor às incertezas do combate»; ao que parece, a sua principal capacidade enquanto estratega residia neste ponto. Fritigerno só arriscava travar uma batalha quando estava completamente seguro de que podia vencê-la. Segundo o historiador romano, quando os seus homens cercaram Adrianópolis, voltou a mostrar a sua proverbial prudência:

«Fritigerno apercebeu-se de que não fazia sentido que homens sem experiência em ataques enfrentassem esta tarefa com tal desvantagem. Sugeriu aos homens que abandonassem o ataque e deixassem atrás um destacamento suficientemente numeroso para deter o inimigo. Segundo disse, as muralhas de pedra não lhe interessavam nada, e recomendou aos homens que se dedicassem a saquear as ricas e prósperas regiões do país que estavam desprotegidas. Os homens de Fritigerno aceitaram o seu conselho porque sabiam que contavam com o apoio do rei, e entraram na Trácia com cautela, formando pequenas investidas».

Segundo este fragmento, Fritigerno teve de persuadir os seus homens da conveniência em adoptar uma ou outra acção, em vez de se limitar a dar uma ordem e a esperar que fosse cumprida. Ao longo da campanha, a sua estratégia foi impecável. A capacidade para dividir as forças em pequenos grupos e voltar a agrupá-las nas situações mais cruciais foi impressionante, como se de um exército com uma estrutura de comando desenvolvida e com acesso à tecnologia de comunicação moderna se tratasse. Fritigerno deslocava-se com cautela, realizava exaustivos reconhecimentos do terreno e resolvia os enormes desafios logísticos que pressupunham fazer chegar a todos os seus homens o equipamento e os víveres necessários, sem contar com uma base na qual centralizasse os abastecimentos nem uma fonte formal que lhos proporcionasse. A sua estratégia de conjunto consistia em dividir os seus homens em pequenos grupos e mantê-los em constante movimento, a fim de aliviar os problemas de provisões e aumentar as dificuldades dos romanos para os encurralar. Por outro lado, quando Fritigerno considerou o possível ataque de dois exércitos imperiais combinados, teve a capacidade suficiente de derrotar um deles antes que este conseguisse unir as suas forças ao outro.

Este capacete ricamente decorado, encontrado perto de Berkasova (Sérvia), pode ter pertencido a um oficial romano. O capacete de ferro foi banhado em prata e coberto com uma pasta vidrada. Por outro lado, apresenta um desenho de vários motivos decorativos. Amiano fala de um capacete «adornado com ouro e pedras preciosas», que o imperador Valentiniano perdeu quando fugia de uma emboscada preparada pelos alamanos em 368. (Museu Vojvodjanski, Novi Sad)



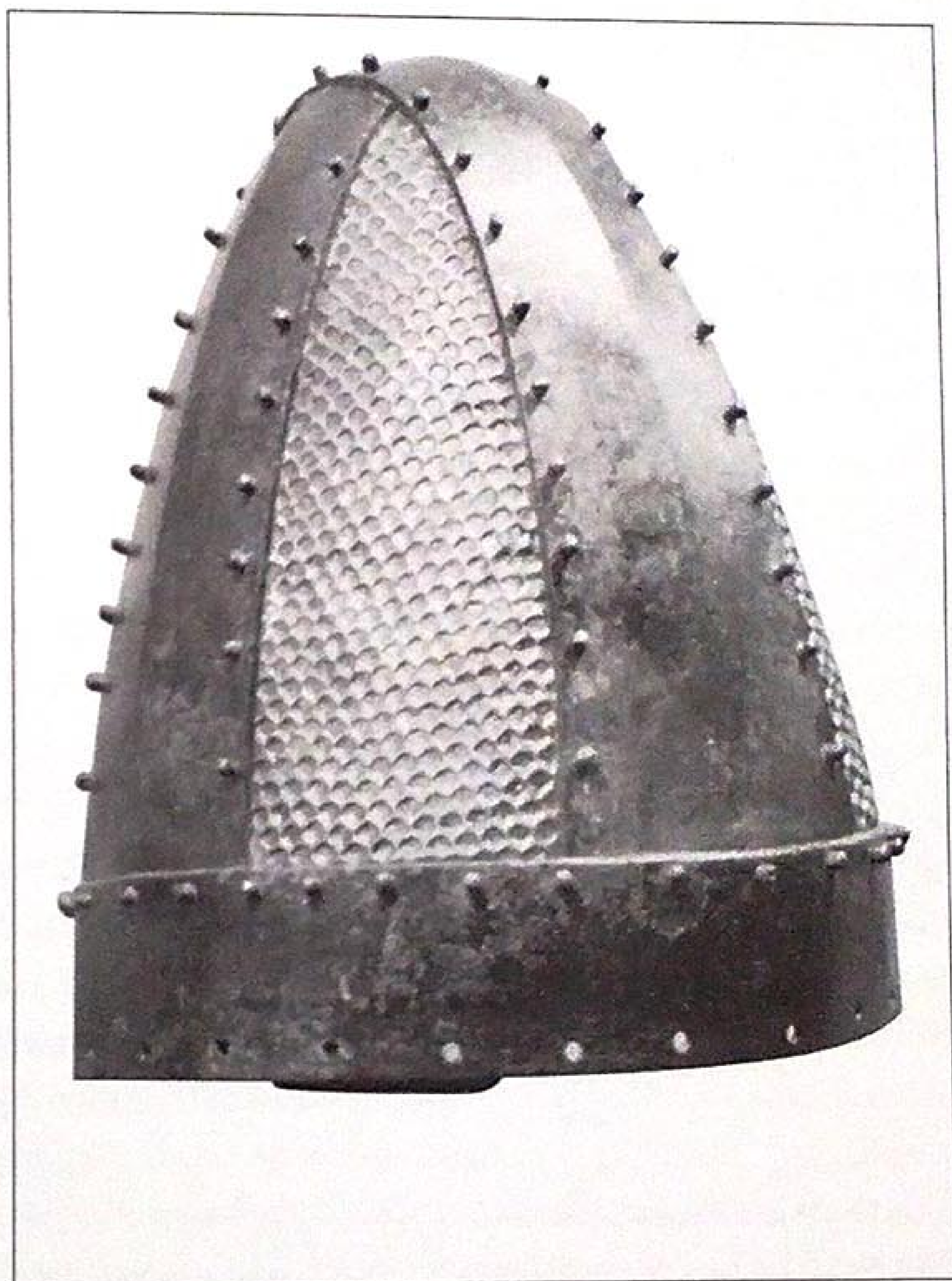
Sabe-se muito pouco sobre os outros chefes godos. Segundo as fontes, **Alateu** e **Safrax** comandavam os greutungos na qualidade de regentes de Viderico, o jovem filho do rei Vitimiro, que morreu na batalha contra os alanos. Depois que os greutungos atravessaram o Danúbio, Viderico não volta a ser mencionado nas fontes, o que poderá indicar que foi deposto pelos regentes.

Muitos historiadores consideram que Safrax era alano ou huno. Sabe-se que o seu nome não é de origem germânica e que na batalha de Adrianópolis os alanos lutaram ao lado dos greutungos, o que apoiaria esta teoria. Contra a sua suposta ascendência alana, pode-se inferir que Safrax chegou a ser chefe dos greutungos durante a guerra que enfrentaram com os alanos. No entanto, durante a guerra, os greutungos contrataram os serviços de vários mercenários hunos, pelo que é possível que Safrax fosse um deles. No século IV os povos germânicos não tinham um sentido arraigado da sua identidade nacional, pelo que era bastante frequente que os jovens com mais talento e ambição se unissem ao séquito de outra tribo. A pertença a uma tribo ou a um povo determinados não repre-

sentava um obstáculo para o êxito. Se a lealdade se baseava num contrato pessoal entre o chefe e o guerreiro, uma vez que este jurava que seguiria o seu senhor, cumpriria a sua obrigação com lealdade, inclusive lutando contra o seu próprio povo, se fosse necessário. Por esta razão, em 376, Safrax era um dos chefes dos greutungos, sem se importar com a sua origem.

Outro chefe destacado dos greutungos foi **Farnóbio**. Inicialmente, Farnóbio acompanhou Alateu e Safrax quando atravessaram o Danúbio. No entanto, em 377 já se encontrava à frente de um contingente independente de godos e taifalos — outro povo germânico diferente dos godos. Amiano descreve Farnóbio como um «formidável agitador», mas o certo é que o seu exército foi destruído no primeiro recontro com os romanos, no qual Farnóbio também perdeu a vida.

Houve dois chefes godos de reconhecido mérito, **Suéridas** e **Colias**. Estes dois homens eram os chefes das tropas godas ao serviço de Roma e uniram-se a Fritigerno depois de este atravessar o Danúbio. Para além deste pormenor, não se sabe nada relevante sobre eles.



Capacete persa do século v. Ao que parece, a maior parte do equipamento utilizado pelos soldados do Império do Oriente era copiado dos persas sassânidas. (Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque)

OS ROMANOS

Devido à desastrosa derrota sofrida em Adrianópolis, **Flávio Valente**, imperador romano do Oriente, ficou na história como um general sem qualquer valor. Valente cometeu vários erros ao longo da campanha e acabou por pagá-lo com a vida, mas era um militar competente. Na campanha anterior contra os godos (367-369), demonstrou que tinha coragem e capacidade: lutou e derrotou-os.

Valente tinha pouco menos de cinquenta anos quando travou a batalha de Adrianópolis. A maior parte do seu reinado tinha-o passado em campanha: primeiro teve de lutar pelo trono contra o usurpador Procópio, em seguida encabeçou a campanha contra os godos e também se enredou numa disputa contra o Império Persa pelo controlo da Arménia. Amiano oferece-nos uma descrição completa do seu carácter:

> «Era um amigo leal e digno de confiança, a sua reacção às intrigas era severa. Mantinha uma disciplina estrita no exército e na Administração pública. [...] Era muito minucioso na nomeação ou destituição dos homens que ocupavam cargos de responsabilidade no Império. Nas suas relações com as províncias, demonstrou que possuía um grande sentido de justiça, protegendo-as de todos os males. [...] Mostrava-se afável quando eram avaliados os impostos que se tinham de pagar e era um declarado inimigo dos malfeitores e dos oficiais corruptos.»

Flávio Graciano, imperador romano do Ocidente, era sobrinho de Valente. Os seus contemporâneos descrevem-no como sendo um «jovem de notável talento, eloquente, contido, belicoso e humano; parecia estar destinado a rivalizar com os melhores dos seus antecessores, apesar de ser muito jovem». Nas suas primeiras campanhas contra os alemães na fron-

teira do Reno, Graciano brilhou pela coragem e iniciativa. Quando os godos se revoltaram, mandou em seguida um destacamento das suas melhores tropas para o Danúbio. Assim que reinou a paz na Gália, veio com o seu exército em auxílio do tio, fazendo uma série de marchas violentas.

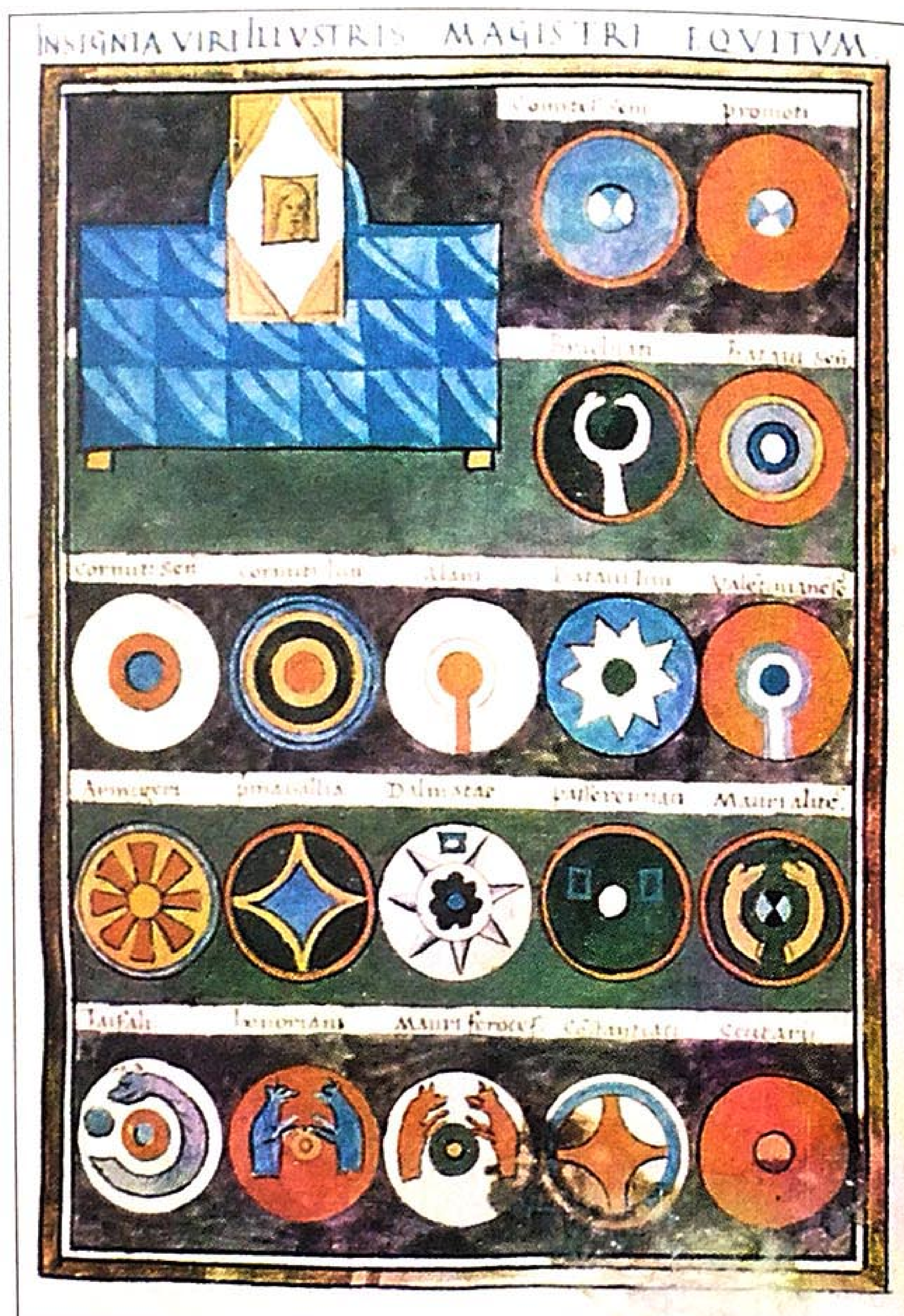
Existem alguns indícios de que havia uma certa rivalidade entre ambos os imperadores. Segundo Amiano, Valente sentia ciúmes do êxito que Graciano conseguira no Reno, e por essa razão defrontou os godos em Adrianópolis sem esperar pelos reforços do sobrinho.

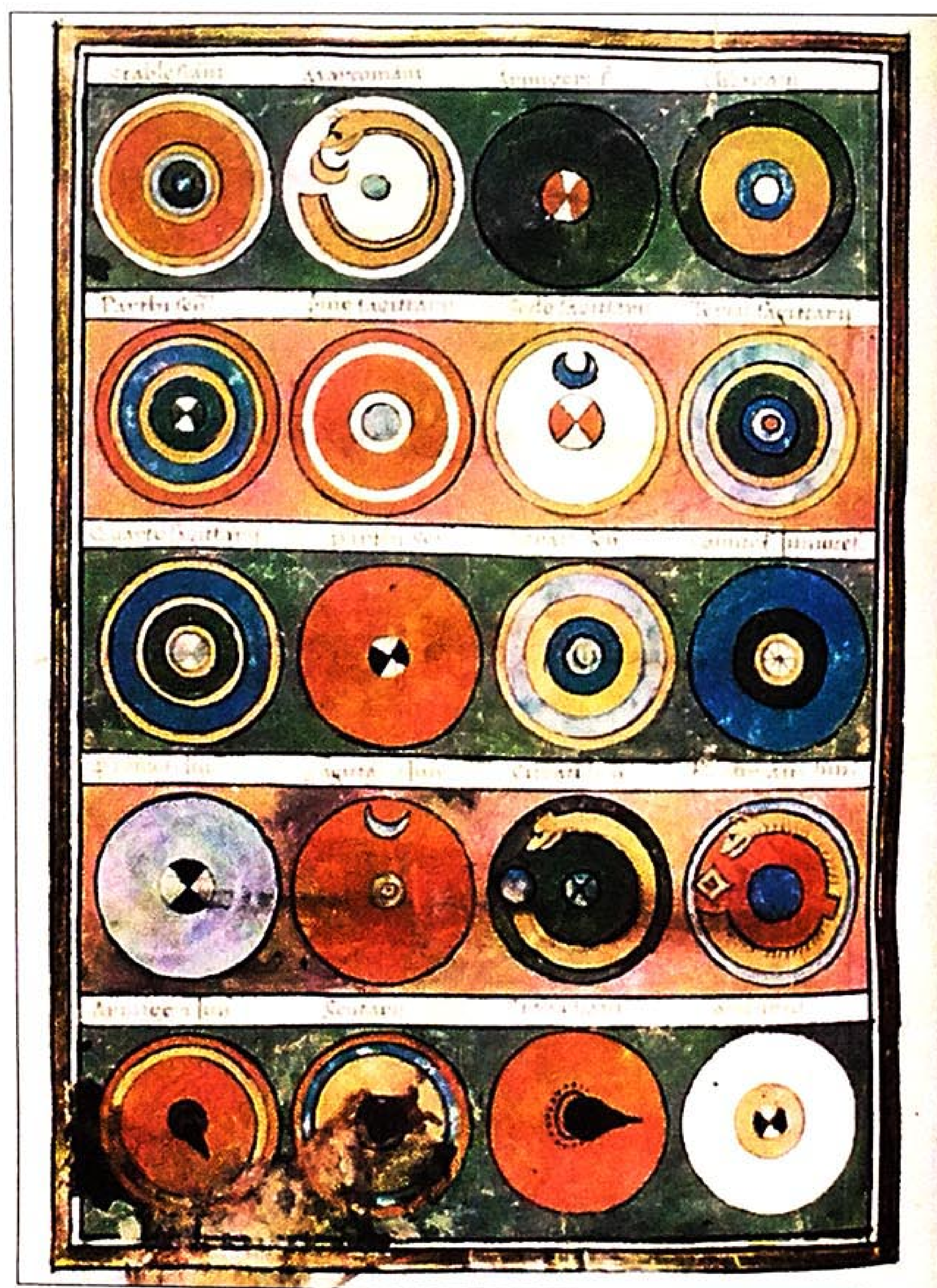
Em 376, a estratégia imediata de Valente foi conter a crise. Nessa época, o principal exército do Oriente tinha empreendido uma campanha contra a Pérsia e o exército do Ocidente encontrava-se na fronteira do Reno a lutar contra os alemães. Uma vez que a revolta parecia inevitável e o plano do assassinato de Fritigerno e Alavivo fracassaram, Valente e Graciano enviaram os seus generais mais graduados com os respectivos destacamentos de tropas, para travar o avanço dos godos e assim ganhar tempo para retirar os seus exércitos da Arménia e do Reno.

Outros oficiais romanos que desempenharam um papel-chave na campanha contra os godos foram:

Lupicino e **Máximo**. Generais responsáveis da Trácia e da fronteira do Baixo Danúbio na época em que os godos atravessaram o rio. Amiano responsabiliza-os por terem provocado a rebelião: «A sua insaciável avidez foi a causa de todos os problemas.» Máximo era o *dux* local, um oficial militar ao comando da guarnição na fronteira do Danúbio. Como general, Amiano considera-o «desastroso». Máximo ocupava um cargo subalterno do de Lupicino, *comes* da Trácia. Na qualidade de *comes*, Lupicino era a máxima autoridade militar da região. Anteriormente, Lupicino fora oficial da *Schola Gentilium* — unidade de cavalaria da Guarda Imperial. À frente desta unidade, Lupicino obteve vários êxitos contra os alemães na década de 360. Apesar da sua experiência, a crise provocada pelos refugiados godos ultrapassou a sua capacidade.

Profuturo e **Trajano**. Generais do Império do Oriente enviados em 377 por Valente para resolver a crise dos refugiados. Trajano era um general mais graduado que Profuturo, visto que ostentava o cargo de *magister peditum* («chefe de infantaria»). As fontes descrevem-nos como tratando-se de «homens de grandes ambições, mas





PÁGINA ANTERIOR **Infelizmente, na *Notitia Dignitatum* não aparecem os escudos das unidades de cavalaria do exército romano do Oriente. Nesta imagem podem ver-se os escudos das unidades de cavalaria do Ocidente em princípios do século v. No entanto, algumas destas unidades também serviram nos exércitos do Império do Oriente: os *Promoti* (segundo escudo da primeira fila), os *Batavii Juniores* (quarto escudo da terceira fila), os *Scutarii* (último escudo da quinta fila), os *Primi Sagittarii* (segundo escudo da sétima fila), assim como os *Armigeri* e os *Dalmatae*. Houve várias unidades de *Armigeri* e *Dalmatae*: primeiro escudo da quarta fila; terceiro da sexta fila e primeiro escudo da última fila no caso dos *Armigeri*; terceiro e quarto escudos da quarta fila no caso dos *Dalmatae*. É possível que a unidade de *Taifali* (primeiro escudo da quinta fila) fosse formada por prisioneiros taifalos que Frigérido mandou para Itália depois de os derrotar em 377. (*Notitia Dignitatum*, Bodleian Library, Oxford)**

de escassa valia como generais». Em vez de iniciarem uma guerra de desgaste, Profuturo e Trajano preferiram enfrentar os godos na batalha de Ad Salices, onde foram derrotados. Trajano morreu mais tarde na batalha de Adrianópolis.

Sebastião. Oficial do Império do Ocidente e veterano da expedição de Juliano contra os persas (362 d.C.), era muito apreciado pelos seus soldados, e antes da campanha de 377 já obtivera vários êxitos frente aos alemães e aos quados. A grande popularidade de Sebastião tornava-o um possível rival de Graciano, razão pela qual o imperador o enviou em auxílio de Valente, afastando-o assim de Itália. Depois da batalha de Ad Salices, Valente nomeou-o *magister peditum* em substituição de Trajano. Em 378, quando já ocupava o seu novo cargo, Sebastião combateu com êxito os godos, recorrendo à guerra de guerrilha. Morreu no campo de batalha de Adrianópolis.

Ricomero. *Magister militum* («mestre de soldados») de Graciano, em 377 foi enviado em auxílio de Valente à frente de várias unidades severamente dizimadas. Ricomero comandou as forças romanas em Ad Salices e desempenhou um papel determinante nas negociações mantidas com os godos antes de Adrianópolis. Desconhece-se a sua acção na batalha, mas sabe-se que conseguiu sobreviver.

Saturnino. Nomeado *magister equitum* («chefe de cavalaria») em 377 com carácter provisório, assumiu o comando das tropas de Profuturo e Trajano depois da derrota sofrida em Ad Salices. Derrotado pelos godos, viu-se obrigado a abandonar a Trácia. Sobreviveu à derrota de Adrianópolis e em 383 foi nomeado cônsul.

Victor. *Magister equitum* («chefe de cavalaria») de Valente, era de ascendência sármata e as fontes descrevem-no como um homem prudente e cauteloso. No início da campanha, Valente deixou-o no Oriente para que negociasse um acordo de paz com os persas. Assim que o acordo foi assinado, Victor uniu-se a Valente em Adrianópolis, onde é provável que estivesse ao comando da cavalaria. Foi um dos oficiais que conseguiu sobreviver.

Frigérido. Experiente general do Império do Ocidente e veterano do exército do imperador Juliano. Quando ocupava o cargo de *comes* da Ilíria derrotou as investidas dos godos e dos taifalos que vagueavam pela região. Não obstante, em 378 foi destituído do cargo por uma nomeação política de Graciano. Esta decisão é condenada por Amiano: «Justamente no momento em que as nossas tropas sofriam todo o tipo de desaires, destituíram um general prudente e cauteloso, um homem que, em vez de ter sido retirado, deveria ter sido chamado para as fileiras em circunstâncias tão graves».

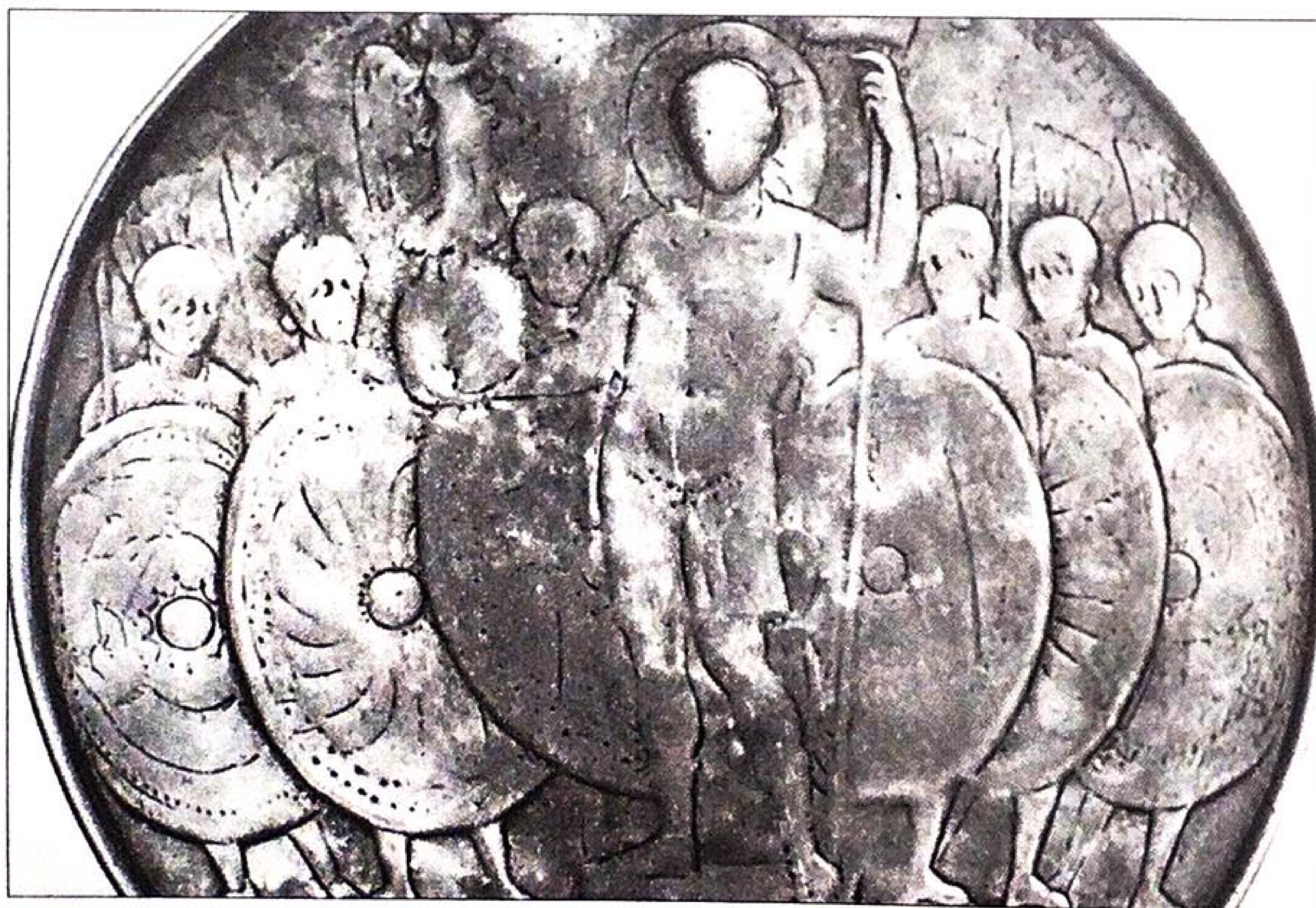
Merobaudes. *Magister peditum* de Graciano, é o responsável por incitar à deserção as tropas do Império do Ocidente em vez de marchar para leste para lutar contra os godos. Com esta actuação pretendia assegurar-se de que a fronteira do Reno não ficara desprotegida.

Cássio e **Bacúrio.** Oficiais de média patente ao comando da vanguarda do exército romano em Adrianópolis. Realizaram um ataque temerário contra os godos sem autorização, precipitando com isso a batalha antes que os romanos tivessem tempo de dispersar. Bacúrio era originário da fronteira oriental, perto da Arménia.

A REBELIÃO DOS GODOS (376 D.C.)

As relações entre os refugiados godos e os romanos não tardaram a deteriorar-se. Depois de permanecerem acampados muito tempo nas margens do Danúbio, os godos saíram da área de contenção onde os romanos os tinham recolhido e dirigiram-se para sul. A sua primeira intenção era chegar a Marcianópolis (Devnja, Bulgária), onde tencionavam instalar-se. Aparentemente esta movimentação não tinha sido autorizada pelos romanos, mas mesmo assim não fizeram nada para os deter, uma vez que o mais provável era que as forças existentes na fronteira fossem insuficientes para enfrentar os godos.

Lupicino tentou recuperar o controlo sobre os godos assassinando os seus chefes. Para isso, convidou Alavivo e Fritigerno para um sumptuoso jantar, assegurando-lhes que, para além do prazer da comida, da bebida e do espectáculo, aproveitariam a ocasião para falar sobre os problemas de aprovisionamento de que os godos se queixavam. Lupicino só permitiu que entrassem em Marcianópolis os dois chefes acompanhados dos seus guarda-costas, e em seguida ordenou que os guarda-costas esperassem fora do quartel durante o jantar. Lupicino tinha ordenado às suas tropas que matassem os guarda-costas e que protegessem os muros da cidade para evitar qualquer tentativa de resgate. A descrição que Amiano faz sobre este episódio é bastante confusa, mas parece que o plano não saiu como Lupicino planeara. Num dado momento, os godos e os romanos começaram a lutar nas imediações da cidade. Alguns godos «mataram um numeroso contingente de



O imperador Valentiniano flanqueado pelos seus guardas. A Valentiniano, morto em 375 d.C., sucedeu Graciano. As diferenças entre os escudos sugerem que os soldados vinham de diferentes unidades. O primeiro escudo à esquerda é parecido com os utilizados por várias unidades de cavalaria. (Musée d'art et histoire, Genebra)

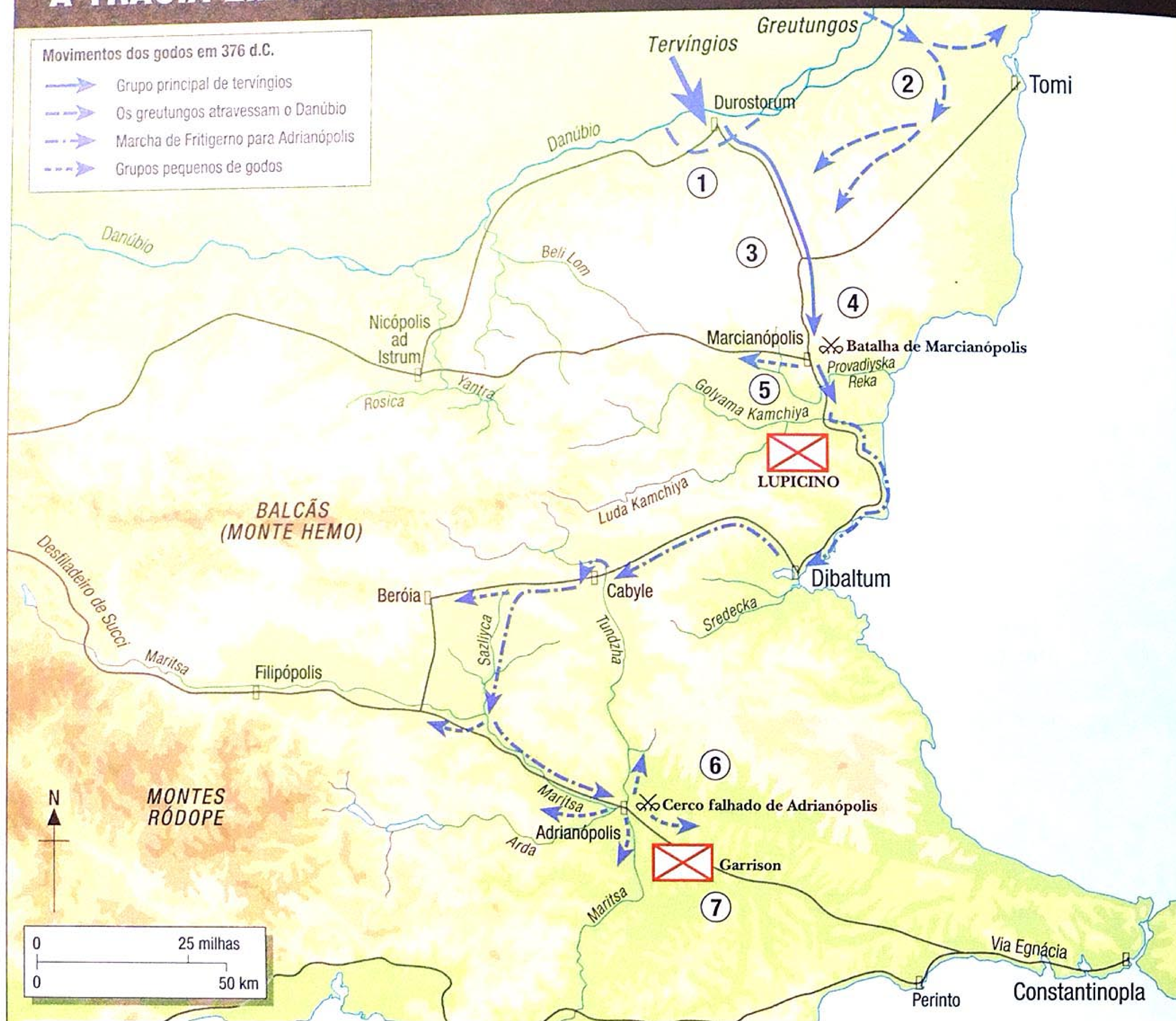


É provável que estes soldados sejam *limitanei* do século V provenientes do Egipto. A figura situada em primeiro plano traz um escudo muito parecido com o utilizado pela legião V *Macedonia*. No século IV, alguns destacamentos desta legião faziam parte dos *limitanei* da Dacia Ripensis. (Museum für Spätantike und Byzantinisches Kunst, Berlim)

tropas e confiscaram-lhes as armas». Em seguida, os insurrectos cercaram a cidade. Desconhece-se se Lupicino pretendia manter como reféns os chefes godos ou matá-los, mas, de qualquer forma, crê-se que Alavivo perdeu a vida neste lance, enquanto Fritigerno conseguiu fugir. Jordanes disse que Fritigerno abriu caminho de espada na mão, mas segundo Amiano conseguiu escapar depois de convencer Lupicino de que apaziguaria os seus homens e os faria desistir do confronto com os romanos.

Seja como for, Fritigerno conseguiu reunir-se com os seus homens e, em seguida, começou a saquear e a incendiar as quintas e vilas próximas da cidade. Lupicino reuniu rapidamente as suas tropas e saiu de Marcianópolis para dar início a uma batalha contra os godos. É provável que a batalha se tenha travado num terreno situado a cerca de 14,5 km a oeste da cidade. Desconhece-se o número de efectivos de cada grupo ou as unidades que partici-

A TRÁCIA EM 376 D.C. A REBELIÃO DOS GODOS



1. Os tervíngios recebem autorização para atravessar o Danúbio e instalar-se no território do Império. Uma vez atravessado o rio, ficam presos nas imediações. A fome e a falta de terras onde se instalar provocam o descontentamento entre os godos.

2. Os greutungos são também obrigados a abandonar as suas terras devido à pressão dos hunos e dos alanos. Os líderes Alateu e Safrax pedem autorização às autoridades romanas para se instalarem no Império. Os romanos negaram o pedido, mas os greutungos atravessaram o Danúbio e juntaram-se a Fritigerno.

3. A situação dos godos é crítica, mas com a chegada dos greutungos contam com efectivos suficientes para onde estavam concentrados os romanos e dirigem-se para as terras férteis da região de Marcianópolis.

4. As forças romanas instaladas na zona são insuficientes para deter os godos. Lupicino, *comes* da Trácia, ordena o assassinato de Alavino e Fritigerno. A conspiração de Lupicino propicia o desastre. Alavino morre, certamente assassinado, mas Fritigerno consegue escapar com vida. Os godos revoltam-se contra o poder de Roma.

5. Lupicino reúne apressadamente um contingente de tropas e defronta os godos a cerca de 14,50 km, nos arredores de Adrianópolis. O exército de Lupicino é aniquilado e os godos equipam-se com as armas e armaduras romanas. Em seguida, Fritigerno marcha para sul, em direcção a Adrianópolis.

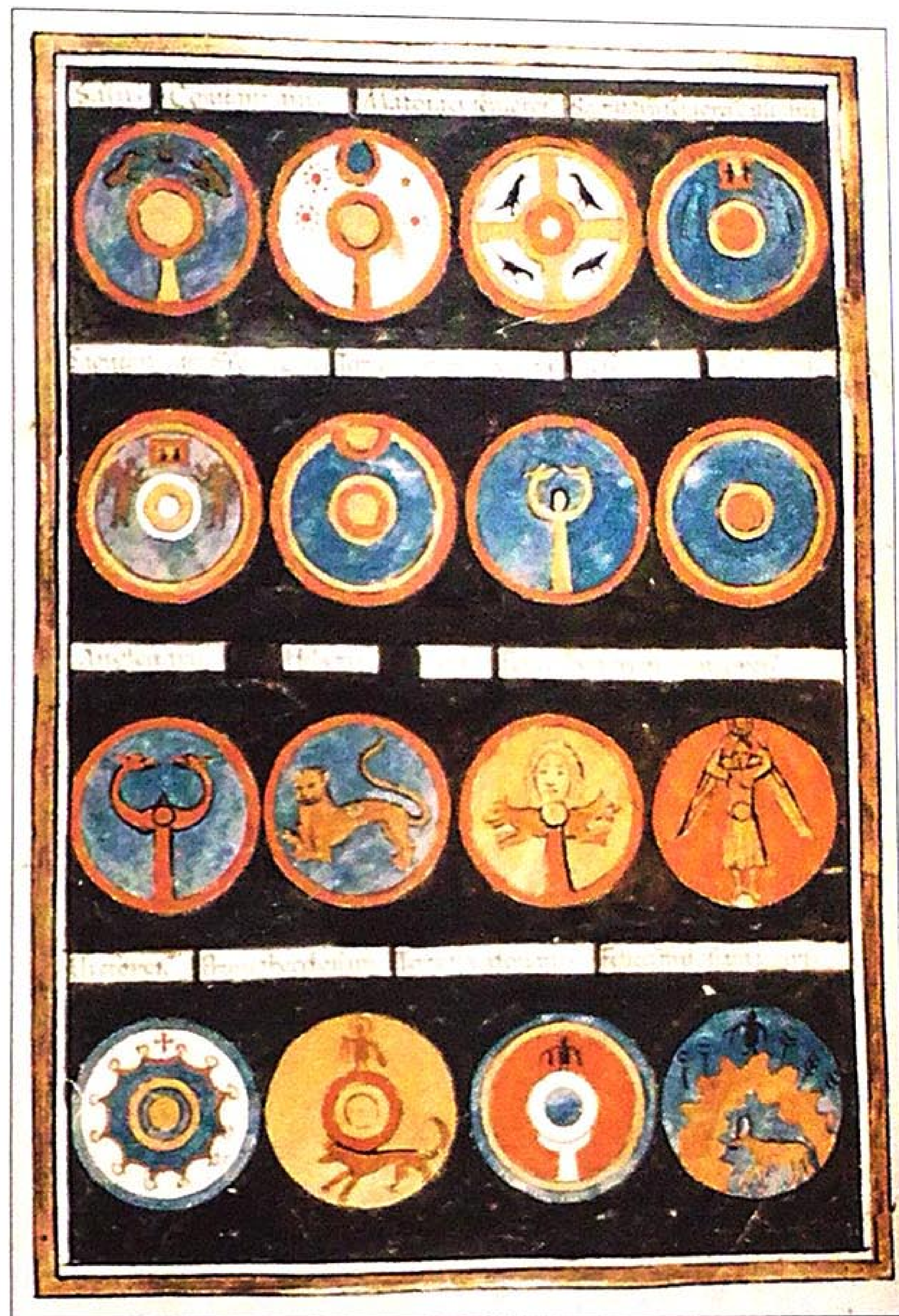
6. Com medo de que se juntem à rebelião de Fritigerno, as autoridades de Adrianópolis ordenam às unidades do exército romano formadas por godos que saiam da cidade. Quando os godos pedem dois dias para preparar a saída, são atacados pelo povo. As unidades dos godos revoltam-se e matam um grande número de habitantes de Adrianópolis. Depois de se equiparem com armas e armaduras romanas, fogem da cidade e juntam-se a Fritigerno.

7. Fritigerno cerca Adrianópolis. Os defensores da cidade conseguem conter várias tentativas para tomar a cidade de assalto. Como se aproxima o Inverno, os godos abandonam o cerco e dividem-se em pequenos grupos com o objectivo de facilitar a procura de provisões.

param na batalha. O exército de Fritigerno devia ser formado pelos tervíngios que tinham atravessado o Danúbio com ele, uma vez que nas fontes não se mencionam os greutungos nem os outros contingentes.

Graças à incorporação destes reforços, o exército godo em Adrianópolis devia ser formado por cerca de 10.000 ou 12.000 homens. Em Marcianópolis, Fritigerno devia contar com um exército muito mais pequeno, cerca de

7.000 ou 8.000 homens. Por outro lado, também é difícil fazer uma estimativa das tropas que Lupicino tinha à sua disposição. A norte, na fronteira do Danúbio, havia entre 20.000 e 30.000 *limitanei*. Mas a fronteira continuava a ser um território muito instável e perigoso, pelo que é provável que Lupicino não arriscasse a deixá-la desguarnecida. Em 395, o exército regional da Trácia era formado por sete *vexillationes* — com um potencial de 3.500 soldados de cavalaria — e 21 legiões — 21.000 soldados de infantaria. Quatro destas *vexillationes* foram recrutadas depois de 378, pelo que é provável que Lupicino dispusesse de menos cavalaria. Não existe qualquer garantia de que as tropas mencionadas na *Notitia* correspondam às que Lupicino tinha ao seu dispor, mas a *Notitia* dá uma ideia orientadora.



Escudos de várias unidades de *auxilia palatina* do exército presencial do Oriente (c. 395 d.C.). Todas as unidades, excepto as seis últimas, estavam operacionais nas vésperas da batalha de Adrianópolis. Teodósio criou as cinco últimas unidades depois desta batalha. É possível que a unidade de *visi* (terceiro escudo da terceira fila) fosse formada pelos godos recrutados de entre os homens que acompanharam Fritigerno nas suas campanhas. Portanto, esta unidade deve ter sido criada depois do tratado de paz de 382 (*Notitia Dignitatum*, Bodleian Library, Oxford)

Nem todo o exército de operações trácio devia encontrar-se em Marcianópolis; uma parte estaria ocupada na vigilância dos greutungos e outro destacamento estaria perto de Nicopólis ad Istrum (Nikljup, Bulgária) para reforçar as fronteiras. É provável que outra parte do exército estivesse acantonada em cidades-chave, como Cabyle (Kabile, perto de Jambol, na Bulgária), Dibaltum (Burgas, Bulgária), Beróia (Stara Zagora, Bulgária) e Filipópolis (Plovdiv, Bulgária) para controlar os acessos às terras baixas situadas a sul do monte Hemo (Balcãs). Supondo que em toda a província pudesse haver, no máximo, entre 20.000 e 25.000 efectivos, o número de soldados estacionados em Marcianópolis durante a revolta goda não podia ultrapassar os 5.000. Por outro lado, Amiano disse que Lupicino reuniu as suas tropas «com excessiva rapidez» e avançou para o inimigo «com mais pressa que precaução», o que sugere que Lupicino defrontou os godos sem esperar que chegassem outras tropas de reforço. Depois da frustrada tentativa de assassinato, Lupicino pretendeu rectificar o seu erro quanto antes, com as tropas que tinha à sua disposição.

Portanto, cada um dos exércitos que se defrontaram com os das imediações de Marcianópolis deviam ser formados por 5.000 a 8.000 homens, se bem que os godos devessem contar com um maior número de civis não combatentes nas imediações. Nos exércitos de ambos os grupos predominavam as tropas de infantaria. Se se tiver em conta a *Notitia*, Lupicino não contava com mais de 1.000 homens a cavalo e os godos dispunham de um número semelhante. Amiano diz-nos que Fritigerno fugiu de Marcianópolis em cima de um cavalo, mas foi um caso excepcional, visto que nessa altura da campanha muito poucos godos teriam podido apresentar-se dessa forma.

Os godos estavam mal alimentados e equipados, ainda que tivessem conseguido apresentar-se com algumas armas depois da derrota das tropas romanas localizadas em frente à cidade. Por outro lado, os godos estavam desesperados e não tinham nada a perder. As fontes não fazem qualquer referência ao moral dos romanos, mas é provável que se sentissem tão seguros da sua vitória como qualquer exército bem treinado e disciplinado, ao ponto de enfrentarem o que, sob o seu ponto de vista, era um fracasso.



Medalhão com a efígie do imperador Valente encontrado em Szilagysomlyo, Hungria, na região da Panónia, onde se instalaram os greutungos depois da batalha de Adrianópolis. Os arqueólogos crêem que se trata de uma cópia elaborada por um artesão greutungo a partir do original romano. (Fotografia do autor)

Quando ambos os exércitos estavam em frente um do outro, os romanos dispuseram-se numa formação defensiva. Esta era uma táctica habitual num exército de infantaria, visto que no século IV a cavalaria se tinha tornado a principal arma ofensiva dos exércitos romanos. Amiano descreve o que aconteceu em seguida: «Os bárbaros avançaram de forma temerária sobre as nossas linhas, investindo contra os seus adversários com os escudos e arrasando-os com as lanças e as espadas. Em tão furioso e sangrento assalto, [os godos] tiraram-nos os estandartes, e os nossos tribunos, bem como a maior parte dos nossos homens, morreram no campo de batalha. Só o nosso infeliz general conseguiu salvar-se. Enquanto os outros continuavam a combater ao longe, a única preocupação do general era fugir, e dirigiu-se para a cidade a galope. Depois da sua fuga, o exército inimigo equipou-se com as armas dos romanos e avançou por aquelas terras sem encontrar resistência.»

Este breve fragmento menciona uma série de elementos-chave. O primeiro diz-nos que os godos, como era costume nos exércitos germânicos, baseavam o seu ataque numa enérgica carga para neutralizar o inimigo na primeira investida. Quando a carga tinha êxito, como sucedeu em Marcianópolis, os godos continuavam a avançar pelo campo de batalha sem parar, a menos que o inimigo tivesse disposto outra linha de tropas capaz de os fazer parar. Outra táctica característica dos godos consistia em utilizar o escudo de forma ofensiva. Para isso, os guerreiros agarravam o escudo com a ajuda de uma barra metálica disposta no interior e utilizavam-no para golpear mortalmente os seus inimigos. Por último, se Amiano estiver certo quando afirma que a maioria dos romanos morreram às mãos dos godos, isto significaria que depois da batalha havia suficientes armas e armaduras para equipar todos os guerreiros tervíngios.

A rebelião alastra

Em consequência da batalha, a situação sofreu uma viragem radical para ambas as partes: Lupicino tinha sido derrotado e os godos tornaram-se da noite para o dia os donos da Trácia. Em toda a região não havia nenhum exército capaz de lhes fazer frente. Os destacamentos do exército de operações trácio estavam detidos nas diferentes cidades, sem que nenhum deles fosse suficientemente forte para enfrentar os godos. Valente e o exército presencial ainda se encontravam no Oriente a lutar contra os persas, enquanto Graciano, com a maior parte do exército do Ocidente, estava no Reno a lutar contra os alamanos.

A situação piorou quando as unidades godas que serviam no exército romano se juntaram à rebelião. Estes homens, sob o comando de Suéridas e Colias, encontravam-se nos seus quartéis de Inverno em Adrianópolis. No início foram leais a Roma, mas a situação mudou quando se lhes ordenou que marchassem para leste com receio de que se juntassem a Fritigerno, que avançava para sul em direcção a Adrianópolis. Os soldados solicitaram uma paragem de dois dias para prepararem a sua partida e pediram víveres e dinheiro para a viagem. O magistrado-chefe de Adrianópolis, longe de

ceder às suas petições, negou-lhes ambas e incitou a «escória da populaça» e os trabalhadores das armarias locais a rebelar-se contra os godos e a obrigá-los a partir. Segundo Amiano, a atitude do magistrado foi em parte motivada pela sua sede de vingança, uma vez que os godos tinham saqueado a sua casa de campo.

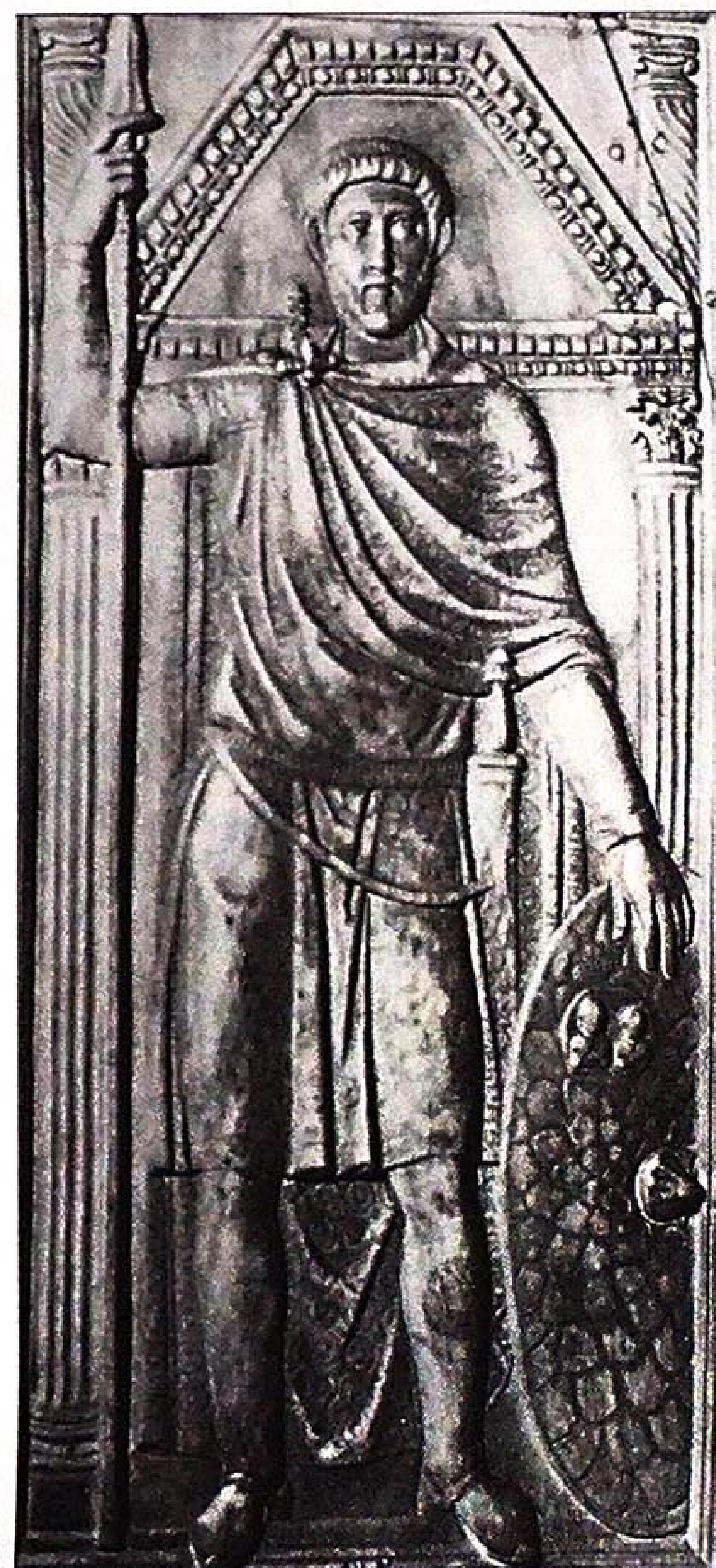
«Os godos permaneceram impassíveis, mas depois de suportarem todo o tipo de insultos e abusos, bem como vários projécteis, ficaram, finalmente, perto do desespero e revoltaram-se. Mataram muitos dos cidadãos que os tinham insultado e expulsaram os outros, ferindo-os com diferentes armas. Por último, despojaram os mortos das suas armas e apoderaram-se do equipamento romano. Os godos juntaram-se a Fritigerno, que não se encontrava longe.»

Fritigerno chegou a Adrianópolis e cercou a cidade. As suas tropas tentaram em vão assaltar as muralhas por vários lados. Amiano conta que «perderam alguns homens de grande valentia, que não puderam vingar, e as setas, bem como as pedras arremessadas com fundas, acabaram com muitos deles».

Apesar de a guarnição da cidade ser muito pequena e contar com muito poucos soldados com instrução, as tropas destacadas em Adrianópolis conseguiram repelir os godos, cujos ataques eram «desordenados e dispersos». Como a cidade lhe resistia, Fritigerno abandonou o cerco e, como se aproximava o Inverno, decidiu dividir as suas forças em vários destacamentos para que lhes fosse mais fácil procurar víveres e provisões.

Entretanto, os efectivos de Fritigerno não deixavam de aumentar. Os godos que há um tempo atrás tinham sido vendidos como escravos aproveitaram a ocasião para escapar dos seus donos romanos. Alguns prisioneiros romanos mudaram de grupo e juntaram-se aos godos de forma voluntária, proporcionando-lhes um valioso conhecimento do meio local. Entre os romanos que se juntaram a Fritigerno havia um grande número de exploradores de ouro provenientes das minas escavadas nas montanhas da Trácia e da Macedónia. Segundo Amiano, estes homens foram muito úteis aos godos, dado que os conduziram «a celeiros de grão que permaneciam ocultos e aos refúgios onde muita gente se tinha escondido».

Muitos generais romanos de alta patente, como Estilicão, representado nesta imagem, não eram romanos de nascimento. Por exemplo, Victor, *magister equitum* de Valente, era sármata.



A CAMPANHA DE 377 D.C.

Chegados a este ponto, a situação tinha-se tornado crítica para ambas as facções. Os romanos precisavam de fazer um notável esforço bélico para derrotar os godos, mas não dispunham de suficientes tropas qualificadas. O Império continuava submetido a uma grande pressão nas fronteiras. Os hunos e os alanos, que em última instância tinham provocado a crise ao obrigar os godos a procurar refúgio no Império, continuavam a ameaçar as fronteiras, e alguns grupos de nómadas já operavam na zona do Danúbio. Por outro lado, havia outros povos germânicos que podiam sentir-se tentados a atravessar a fronteira para se libertarem da pressão dos hunos ou para tirarem proveito da momentânea debilidade do Império. Os quados habitavam no curso alto do Danúbio e em 375, depois de muitos anos de conflitos, alcançaram um frágil acordo de paz com os romanos. Os taifalos e várias



«[O magistrado chefe da cidade] reuniu a populaça da sociedade, bem como vários trabalhadores [...], e entregou-lhes armas. Em seguida mandou tocar as trombetas e ameaçou os godos de morte se não abandonassem a cidade. [...] Os godos permaneceram imóveis como pedras até que uma avalancha de insultos e injúrias, assim como vários projécteis, os levou à revolta.»
(Texto de Amiano Marcelino, ilustração de Howard Gerrard)



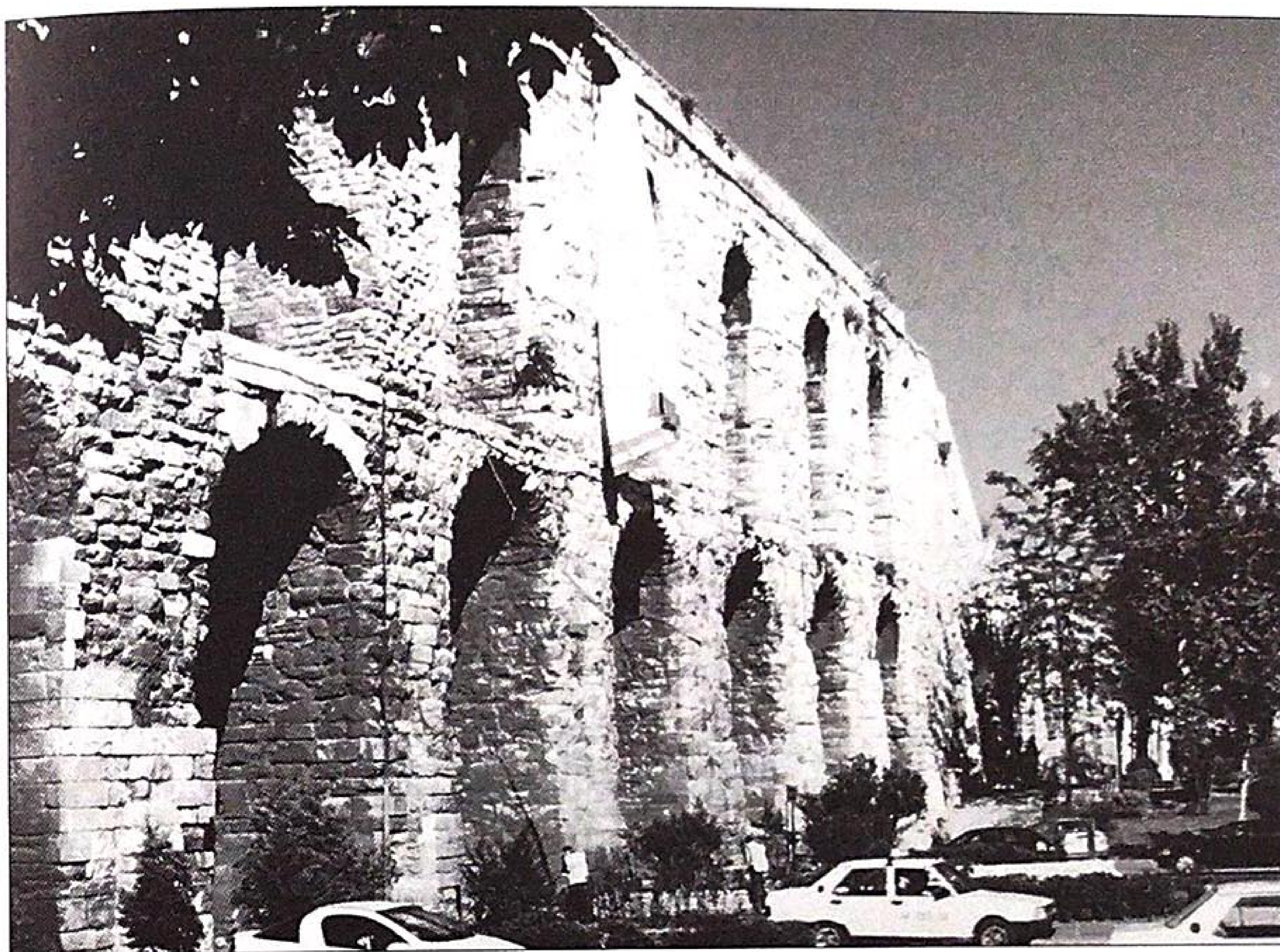


Basílica de Constantino em Tréveris. Augusta Treverorum (Tréveris) era a capital de Graciano e o quartel-general para as operações que levava a cabo ao longo do Reno. (Rahmel Verlag GmbH)

tribos godas, instalados na margem setentrional do curso médio do rio, eram hostis a Roma e Constantinopla. Por último, os alamanos e os francos, que habitavam as margens do Reno, estavam à espera do momento propício para entrar na Gália.

Para conseguir o número de tropas treinadas de que Valente necessitava, era preciso tirar o exército presencial da Arménia, onde lutava contra os persas. Mas antes de o fazer, o imperador teve de firmar um acordo de paz com os persas. Assim, viu-se obrigado a deixar um destacamento suficiente de tropas no leste para se certificar de que os persas cumpriam o acordo e não se aproveitavam da delicada situação em que os romanos se encontravam. Portanto, Valente precisava de ganhar tempo.

Se a situação dos romanos era difícil, a dos godos era desesperada. É certo que tinham derrotado a maior parte das forças romanas na Trácia, obrigando os destacamentos romanos a proteger as cidades fortificadas, mas os godos não tinham um lugar onde refugiar-se nem uma fonte de provisões que resolvesse os seus problemas de aprovisionamento. A longo prazo, a sua única esperança de sobrevivência dependia de que pudessem selar um acordo de paz com os romanos que lhes permitisse conseguir terras onde se instalar e cultivar os seus próprios alimentos. Definitivamente, o objectivo dos godos era restabelecer o acordo alcançado com Valente quando atravessaram o Danúbio. O tempo era o seu principal inimigo. Quanto mais demorassem a conseguir um acordo favorável com os romanos, maiores seriam as possibilidades de morrerem de inanição. Ao não disporem de uma fonte de provisões, os godos viam-se obrigados a dividir-se em pequenos grupos e a dispersar-se por um amplo território em busca de alimentos. Isto significava que cada um desses grupos podia ser derrotado facilmente por um conjunto de soldados romanos mais numeroso e bem equipado. Por outro lado, a fragmentação das forças godas fazia perigar a liderança de Fritigerno entre os diversos chefes tribais, que num dado momento podiam optar por dividir-se. O problema de Fritigerno consistia na necessidade de contar com homens suficientes para poderem derrotar um grande exército romano, forçando deste modo um acordo de paz favorável aos seus interesses, mas ao mesmo tempo quantos mais homens tinha a cargo, mais difícil era sustentá-los. Para complicar ainda mais as coisas, Fritigerno não só tinha de se preocupar com os seus guerreiros,



O imponente aqueduto de Valente abastecia Constantinopla de água. É possível que tivesse sido construído durante o reinado de Valente, mas o imperador não deve ter supervisionado as obras, uma vez que a sua presença na cidade não era bem-vinda e o imperador passou lá muito pouco tempo. (Fotografia do autor)

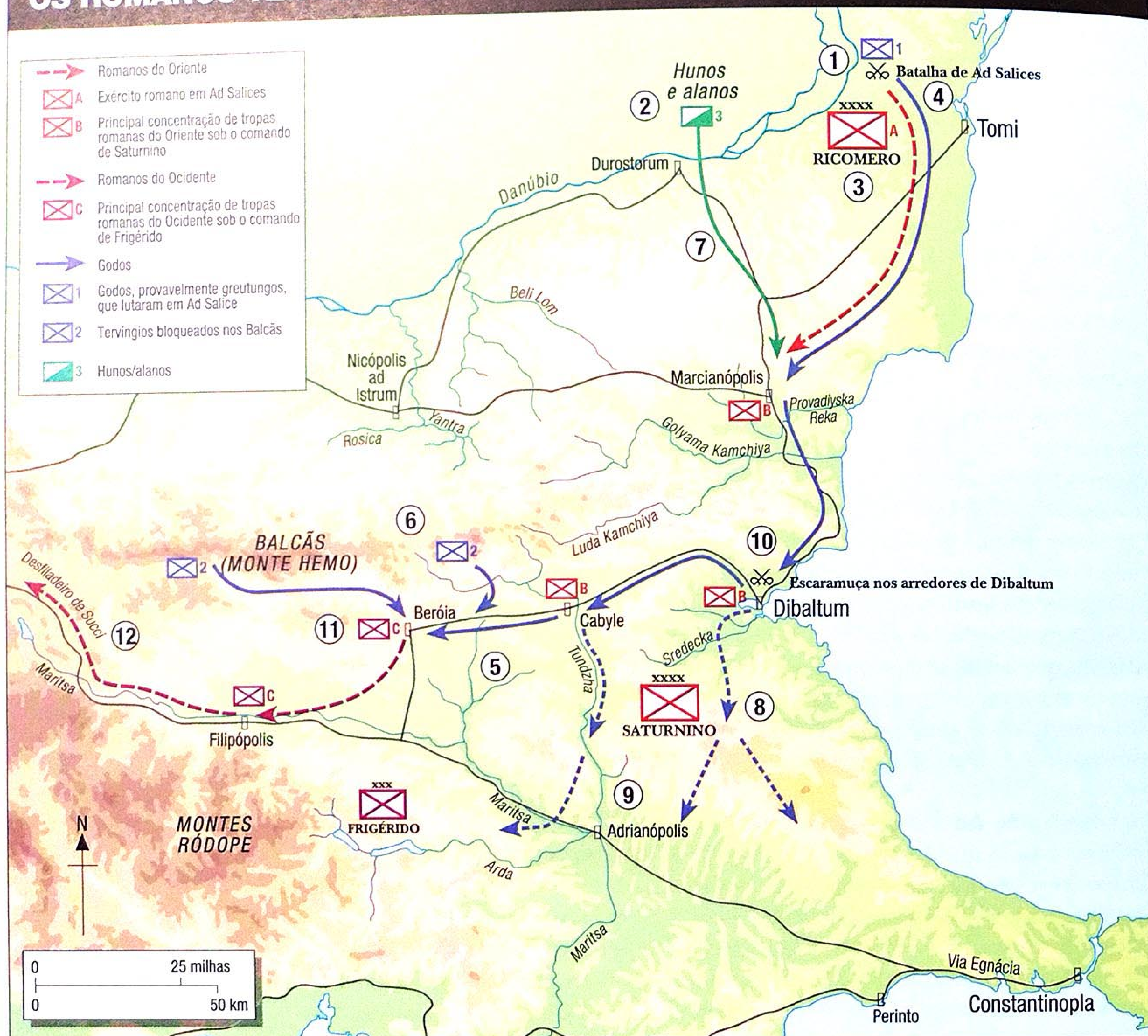
mas também com o bem-estar e protecção das famílias que os acompanhavam, visto que os godos precisavam de terras onde se instalar por viajarem todos juntos.

Valente conhecia a delicada situação em que os godos se encontravam, mas não podia ficar de braços cruzados enquanto acampavam à vontade por toda a Trácia. Além disso, esta permissividade fê-lo perder o apoio dos seus cidadãos. Por isso, Valente mandou Victor, o seu *magister equitum*, à Pérsia para firmar um acordo de paz, ao mesmo tempo que retirava algumas tropas da Arménia e as enviava para a Trácia, sob o comando de Profuturo e Trajano, com o objectivo de derrotar os godos numa guerra de guerrilha. Por outro lado, Valente pediu a Graciano que lhe enviasse tropas de reforço colocadas no Império do Ocidente.

Não se sabe que tropas estavam sob o comando de Profuturo e Trajano, mas certamente que se tratava de um exército em que predominava a infantaria. Segundo Amiano, os generais romanos estavam sob o comando «das legiões chegadas da Arménia». Amiano acrescenta que, apesar da provada eficácia destas legiões, os soldados não estavam acostumados à guerra de guerrilha e acabaram por ser superados em número pelos seus inimigos. Mesmo assim, as legiões orientais enviadas com Profuturo e Trajano conseguiram afugentar alguns godos das terras baixas e obrigaram-nos a refugiar-se nos Balcãs, onde os romanos esperavam que «morressem de fome».

Entretanto, Graciano respondeu ao pedido de auxílio do seu tio, enviando o ancião Frigérido com vários reforços, aos quais Amiano chama «tropas auxiliares panonias e transalpinas» *(pannonicis et transalpinis auxiliis)*. É difícil precisar o tipo de tropas que formava este exército. É possível que fossem *limitanei* provenientes destas regiões. Apesar de Amiano chamar a estes soldados *auxiliis*, não parece que pertencessem aos *auxilia palatina*, visto que, geralmente, o historiador romano se refere a estas tropas com o nome da sua unidade. Consequentemente, o mais provável é que se tratasse de tropas normais de segunda classe e não de forças de elite como os *auxilia palatina*.

A CAMPANHA DE 377 D.C.
OS ROMANOS TENTAM CONTER OS GODOS



1. Um grande contingente godo encontra-se na Cítia, perto da foz do Danúbio. Estes godos poderiam fazer parte de um novo grupo que tinha atravessado o Danúbio ou talvez tivesse chegado até aqui depois de se livrar das tentativas romanas de os empurrar para os Balcãs.

2. A fronteira continua submetida a uma grande pressão devido aos taifalos e a outras tribos hostis de godos situados na margem setentrional do Danúbio. Além disso, vários grupos de hunos e alanos subiram o curso do rio.

3. As forças romanas do Oriente sob o comando de Profuturo e Trajano juntam-se às tropas do Ocidente lideradas por Ricomero e Frigérido. Os homens que estão às ordens de Profuturo e Trajano vêm de legiões que se retiraram da Arménia. As forças do Ocidente são formadas por tropas auxiliares e unidades incompletas pertencentes ao exército de operações gaulês.

4. Os romanos abandonam a estratégia da guerra de guerrilha e são atacados pelos godos em Ad Salices. Nenhum dos dois lados consegue uma vitória decisiva e sofrem numerosas baixas. Os romanos retiram-se para sul, para Marcianópolis.

5. Os romanos conseguem evitar uma vez mais o confronto com os godos. Dispõem as suas tropas em lugares estratégicos para bloquear todos os desfiladeiros que ligam os Balcãs ao sul. É possível que algumas unidades de *limitanei* tenham sido retiradas das zonas controladas pelos godos e enviadas para os desfiladeiros como reforço. Os romanos repelem várias tentativas dos godos de romper o bloqueio.

6. A situação dos godos, divididos em pequenos grupos de guerreiros e incapazes de se reagrupar, torna-se cada vez mais desesperada.

7. Alguns godos, provavelmente os que lutaram em Ad Salices, assinam uma aliança com os hunos e os alanos que se encontram repartidos pelo Danúbio e convencem-nos a atravessar o rio.

8. A chegada dos hunos e dos alanos altera o equilíbrio das forças existentes. Saturnino, um dos generais romanos, concentra as suas forças nos postos avançados para evitar serem atacados. Esta distribuição das tropas deixa os desfiladeiros sem vigilância. Os godos, hunos e alanos avançam nas terras baixas do Sul da Trácia.

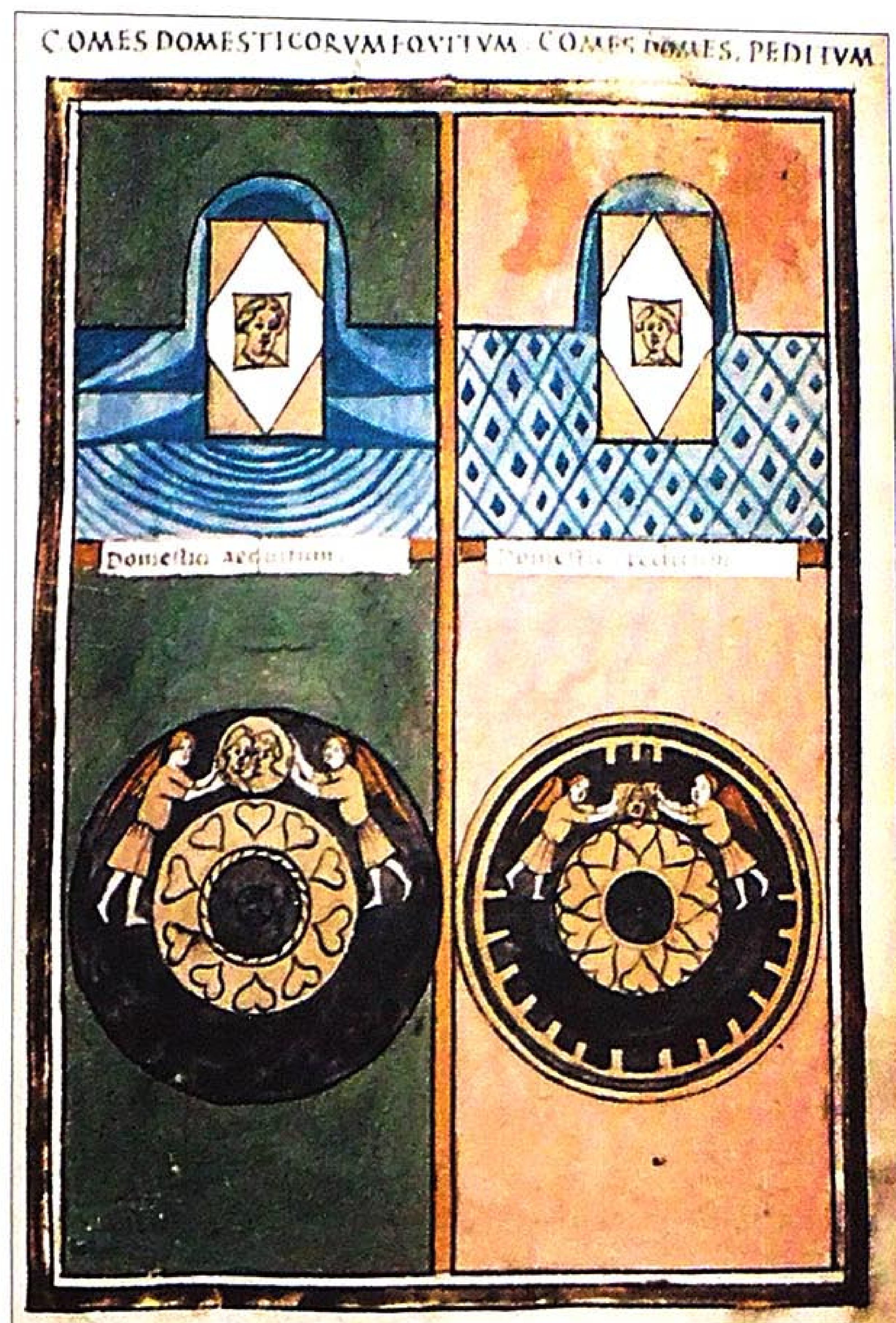
9. No Outono de 377 d.C. vários grupos de bárbaros percorrem a província à procura de comida, provisões e espólio.

10. A maioria das tropas romanas ficou presa nas cidades. Algumas unidades de elite continuam no activo, e realizam pequenas incursões punitivas contra os godos. Uma delas desenrolou-se nos arredores de Dibaltum.

11. Os godos propõem-se derrotar os romanos para os obrigar a assinar um tratado de paz. Para isso, tentam expulsar de Beróia as tropas do Ocidente sob o comando de Frigérido.

12. Frigérido não espera ser atacado e retira-se para o desfiladeiro de Succi, na Ilíria. Em 378 d.C., os romanos chegam à conclusão de que, para expulsar os godos da Trácia, será necessário enviar uma expedição formada pelos principais exércitos imperiais.

Graciano também mandou Ricomero, general das suas tropas domésticas *(comes domesticorum)*, à cabeça de um destacamento de tropas provenientes do exército de operações gálio. Quando estas unidades receberam a ordem de se dirigirem para leste, deram origem a deserções em massa. As deserções não eram um fenómeno inusitado. Entendia-se que os exércitos de operações eram exércitos móveis, mas sempre que um deles tinha de afastar-se para um destino longínquo, era habitual que muitos soldados desertassem e, inclusive, se revoltassem. Foi, aliás, isto que aconteceu entre 350 e 360 d.C., quando foi ordenado às tropas gaulesas que avançassem para Oriente, a fim de lutar contra os persas. Desta vez parece que as deserções foram incitadas por Merobaudes, o *magister peditum* do Império do Ocidente. Merobaudes pretendia evitar que a Gália se visse privada dos seus defensores, pois temia que se os soldados saíssem para leste, os bárbaros que habitavam na outra margem do Reno aproveitassem a ocasião para aumentar as suas incursões — um receio justificado, tal como os factos demonstraram mais tarde. De qualquer forma, não há dúvidas de que as unidades que acompanhavam Ricomero estavam muito dizimadas. Inclusivamente, é possível que não chegassem a atingir metade dos efectivos máximos por unidade.



Insígnia do *comes domesticorum*, uma espécie de academia militar superior para jovens oficiais escolhidos para ocupar postos de comando mais graduados. É provável que, durante as campanhas, os cadetes servissem como oficiais do Estado-Maior, levando escudos semelhantes aos dos *domestici equitum* e *domestici peditum* representados na imagem, com motivos em ouro sobre fundo preto. Ricomero era o *comes domesticorum* do Oriente. (*Notitia Dignitatum*, Bodleian Library, Oxford)

A batalha de Ad Salices

Não se sabe o que faziam os godos enquanto os reforços provenientes do Império do Ocidente iam ao seu encontro. Alguns godos ficaram retidos nos desfiladeiros de montanha dos Balcãs, mas eram uma minoria; a maior parte encontrava-se nas terras baixas da Cítia, perto da foz do Danúbio. É possível que estes godos recém-chegados à região fossem os greutungos que tinham atravessado o rio pouco tempo antes. Também podia tratar-se de um grupo de guerreiros que escapara às tentativas de Profuturo e Trajano de empurrá-los para os Balcãs.

Frigérido e Ricomero encontraram-se com Profuturo e Trajano perto de Ad Salices (na região de Dobruja, a sudeste da Roménia).

> «Não longe dali encontrava-se uma imensa tribo de bárbaros. [Os bárbaros] tinham formado um círculo com os carros, e agasalhavam-se e desfrutavam da sua rica pilhagem como se estivessem protegidos pelas muralhas de uma cidade.» (Amiano Marcelino)

Ricomero assumiu o comando das forças combinadas romanas e esperou que chegasse uma boa oportunidade para atacar. Os romanos não contavam com efectivos suficientes para assaltarem a barricada de carros, nem tão pouco tinham qualquer pressa em atacar, uma vez que sabiam que mais tarde ou mais cedo os godos teriam de sair para procurar alimentos ou evitar adoecer devido aos resíduos gerados no acampamento. A partir do momento em que se pusessem em marcha, os romanos iriam cair-lhes em cima, aprovei-



ESQUERDA **Muitas tribos germânicas ocidentais enterravam os seus mortos juntamente com os seus objectos pessoais e as armas. Estas armas, por exemplo, foram encontradas numa sepultura de um franco do século VI. No entanto, os godos não tinham este costume, pelo que se sabe muito pouco sobre o seu equipamento. No entanto, em vésperas da batalha de Adrianópolis, os homens de Fritigerno equiparam-se com armas e armaduras romanas. (Museum Burg Linn, Krefeld)**

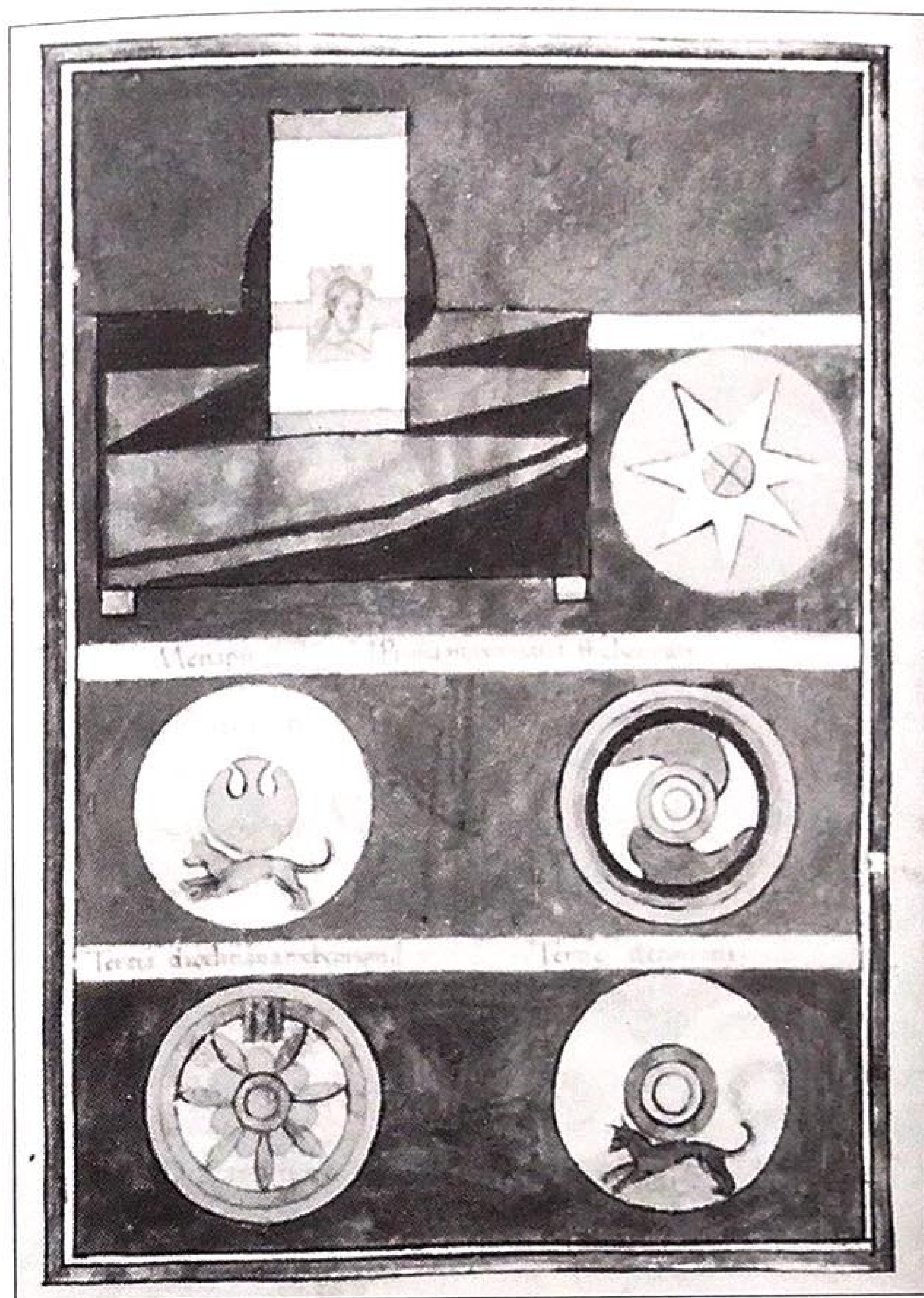
DIREITA **Insígnia do *magister militum per Thracis*, general do exército de operações trácio. Este general estava ao comando de 21 legiões, cujos escudos aparecem aqui por ordem de antiguidade. É provável que todas estas unidades já existissem nas vésperas da batalha de Adrianópolis. As últimas três unidades *(Augustenses, Valentinianenses* e *Gratianenses)* devem ter sido criadas ou, pelo menos, rebaptizadas por Valente em sua honra — na qualidade de Augusto do Oriente — e na dos seus co-imperadores — Valentiniano e Graciano. É provável que todas estas legiões, ou pelo menos a maioria, formassem o exército que lutou às ordens de Lupicino em 376. (*Notitia Dignitatum*, Bodleian Library, Oxford)**

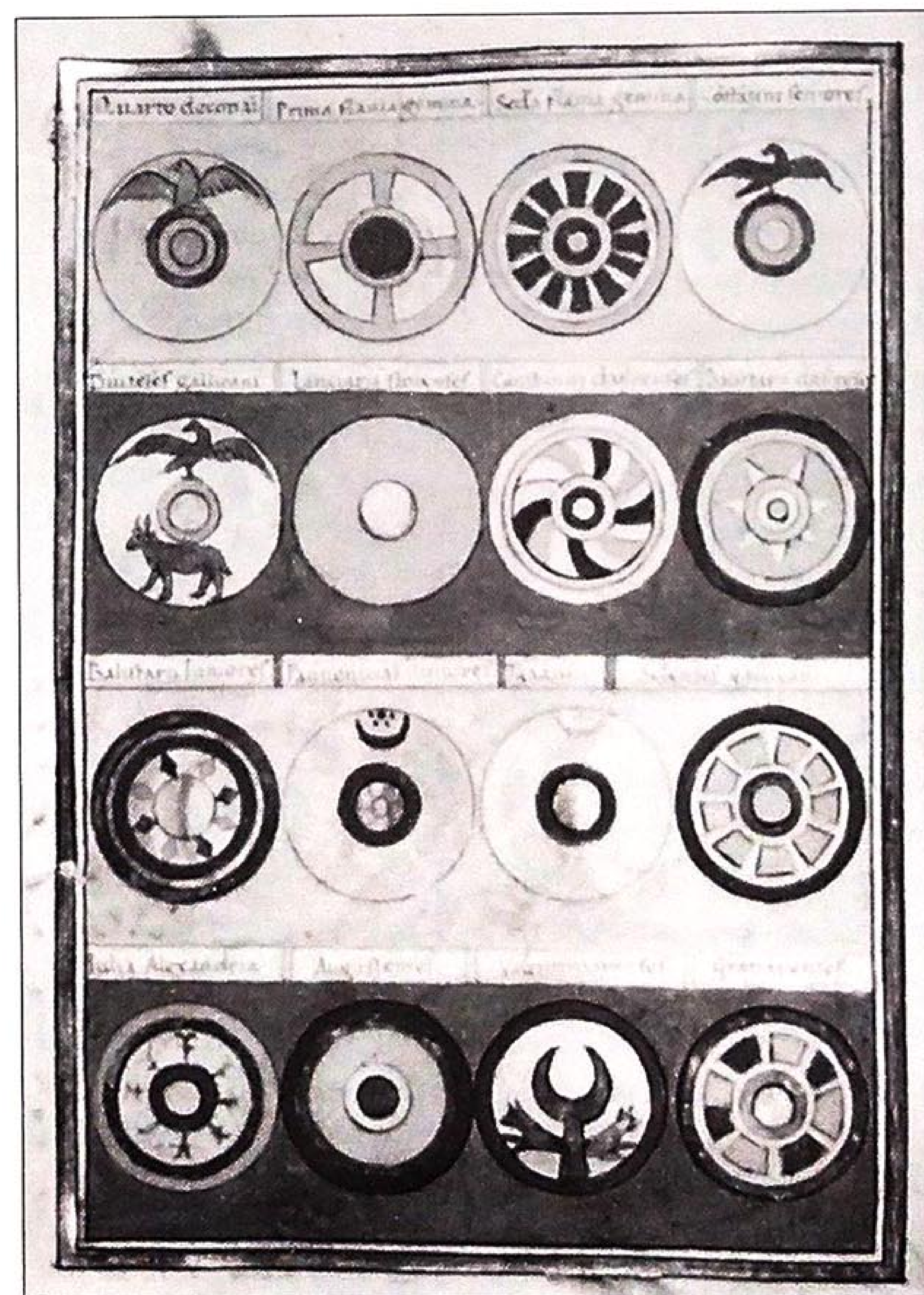
tando a sua vulnerabilidade, e dizimá-los com uma série de ataques relâmpago. Os godos souberam por desertores das intenções dos romanos e, conscientes da sua vulnerabilidade, mantiveram-se atrás da barricada de carros e enviaram emissários aos restantes grupos repartidos pela zona para que viessem em seu auxílio. A chamada de ajuda surtiu efeito, e pouco depois os godos sentiram-se suficientemente fortes para atacar as posições romanas.

Um numeroso contingente de reforço juntou-se aos godos ao anoitecer, e no acampamento levantou-se um clamor provocado pelos homens ansiosos por atacar os romanos sem mais demoras, apesar de faltar pouco para que caísse a noite. É provável que a situação no acampamento godo se tivesse tornado insustentável e que a falta de comida e água, além das deficientes condições sanitárias, aumentassem o desejo de muitos de pôr fim ao cerco. Os chefes godos, no entanto, conseguiram reter os homens, mas tanto os godos como os romanos passaram a noite sem dormir.

Na manhã seguinte, os godos atacaram. Desconhece-se a quantidade de tropas que participaram na batalha, mas, de qualquer modo, não deviam ser grandes exércitos. As forças romanas eram formadas pelas legiões chegadas da Arménia, as tropas auxiliares de Frigérido e as unidades de Ricomero. Talvez nem todas as unidades provenientes da Arménia se encontrassem em Ad Salices, visto ser possível que algumas delas tivessem sido enviadas para vigiar os desfiladeiros de montanha dos Balcãs. Por outro lado, é provável que esta tarefa recaísse nos restantes elementos do exército de operações trácio e, inclusive, nos *limitanei* locais. Assim sendo, uma estimativa razoável para determinar o número de tropas romanas que lutaram em Ad Salices oscilaria entre os 5.000 e os 6.000 homens, soldados de infantaria na sua maior parte, se bem que neste número também se inclua uma pequena unidade de cavalaria. Estas tropas não eram da melhor qualidade. Amiano conta que as tropas provenientes do Império do Oriente não estavam acostumadas a lutar contra os germanos. Por outro lado, muitos dos soldados do Ocidente tinham desertado.

Segundo Amiano, os godos contavam com mais tropas. Tendo em conta a sua pressa em atacar, é possível que Amiano tenha razão. De qualquer forma, a vantagem dos godos não devia ser muito significativa, pois, caso contrário, os romanos ter-se-iam retirado sem lutar. Nesta batalha não se menciona nenhum dos principais chefes godos e, possivelmente, não se tratava do exército que acompanhava Fritigerno, mas sim de outro grupo de guerreiros de consideráveis dimensões. Com toda a probabilidade, as forças godas



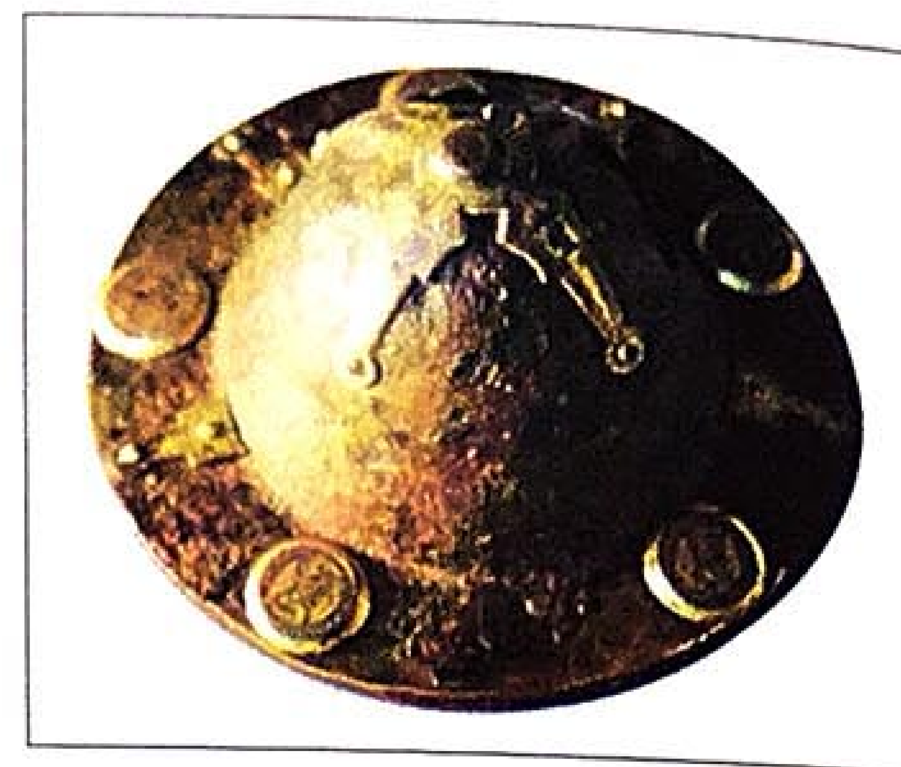


em Ad Salices eram inferiores em número ao exército de 10.000 tervíngios que acompanhou Fritigerno a Adrianópolis. É provável que os godos presentes em Ad Salices fossem guerreiros de provada destreza e espírito combativo. Por outro lado, o desespero potenciava a vontade de combater, uma vez que se encontravam numa situação de vida ou morte. Tal como no caso dos romanos, a maior parte do exército godo era formada por tropas de infantaria. Alguns soldados, não todos, estariam equipados com armas e armaduras de origem romana. Entre as fileiras godas também se contavam alguns desertores romanos.

Os godos saíram do seu acampamento e deixaram alguns homens atrás para defenderem os idosos, as mulheres e as crianças. Em seguida, o exército godo tomou uma posição elevada a partir da qual pudesse carregar contra os romanos, que já estavam dispostos em formação de batalha. Amiano faz uma vívida descrição da batalha:

> «Os nossos homens apressaram-se a ocupar as suas posições e mantiveram-se firmes. Nenhum deles se afastou do seu posto ou rompeu as fileiras para fazer um ataque. Ambos os grupos avançaram com cautela e pararam; os combatentes de ambas as facções trocaram olhares de semelhante ferocidade. Os romanos proferiram o seu grito de guerra, elevando assim o moral das tropas. O grito de guerra dos romanos era o 'barritus', que começava com uma nota grave que se ia ampliando até se tornar num ruidoso clamor. [...] As escaramuças começaram quando ainda não se tinha apagado o dissonante clamor pronunciado em várias línguas. Depois de uma descarga cruzada de dardos e de outros projécteis, deu-se o choque de ambas as facções e lutaram corpo a corpo com os escudos bem agarrados em formação de tartaruga. Os bárbaros, sempre hábeis e alerta [...], desorganizaram a nossa ala direita. A ala cedeu, mas uma importante unidade de tropas de reserva empreendeu um feroz contra-ataque e resgatou os nossos homens das portas da morte. Os fugitivos de cada grupo foram perseguidos pela cavalaria, que fazia rolar cabeças e os abatia com a espada, enquanto os homens a pé abatiam os que inicialmente tinham conseguido fugir, mas que depois ficaram paralisados pelo medo. A totalidade do campo de batalha estava coberto de cadáveres. Havia também alguns





EM CIMA E À ESQUERDA **Os escudos ovais ou redondos dos godos e dos romanos eram agarrados através de uma pega central colocada atrás de uma saliência lavrada. Na imagem pode ver-se um destes trabalhos e uma pega vindos de Trevoux, França. (Metropolitan Museum of Art, Nova Iorque)**

À DIREITA **Este tipo de espada longa e plana *(spatha)* era a arma secundária dos soldados rasos romanos. Depois da derrota dos romanos em Marcianópolis, muitos godos se equiparam com espadas romanas. (Rheinisches Landesmuseum, Bona)**

moribundos, que ainda nutriam a vã esperança de sair com vida. Uns tinham sido abatidos com funda e outros com setas de ponta de ferro.»

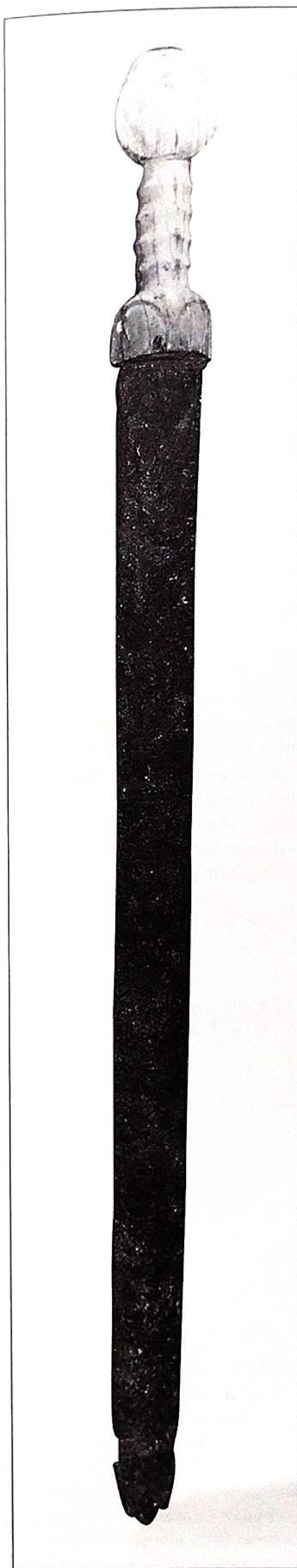
A batalha prolongou-se ao longo de todo o dia, e ao anoitecer ambas as facções se retiraram exaustas e em desordem para os respectivos acampamentos. Amiano faz uma interpretação do resultado da batalha favorável aos seus ao afirmar que «não existe dúvida de que os romanos eram muitos menos e sofreram mais baixas perante um inimigo que lhes levava vantagem em número, mas apesar da desvantagem [os romanos] conseguiram infligir grande dor às hostes bárbaras». Na realidade, se bem que a batalha não tenha significado uma derrota esmagadora para os romanos, era sem dúvida uma derrota estratégica, visto que o único exército disponível para atacar os godos já não dispunha dos efectivos necessários para levar a cabo a sua missão.

Os romanos escolheram a estratégia correcta, mas os generais de Valente não souberam implementá-la de maneira adequada. Amiano responsabiliza por isso Profuturo e Trajano:

> «Na sua região, a estratégia apropriada consistia em dizimar o inimigo de forma paulatina numa guerra de guerrilha, mas ambos preferiram tomar a via mais directa e perigosa: confrontar-se com os bárbaros em batalha [...] com as legiões que trouxeram da Arménia.»

No entanto, os generais do Ocidente tiveram parte da culpa, sobretudo se se tiver em conta que o comando supremo do exército estava nas mãos de Ricomero. Em vez de arriscar tudo numa batalha de resultado incerto, Ricomero devia ter fustigado os godos e utilizado todo o tipo de tácticas dilatórias, empurrando-os para uma guerra de desgaste. Contudo, a tentação de conquistar a fama com uma vitória gloriosa era demasiado forte, uma tentação à qual Valente sucumbiria pouco depois.

Além da sua importância estratégica, Ad Salices é um bom exemplo da clássica batalha planeada — ao contrário das batalhas em que não há tempo de arrumar a formação — entre um exército romano e um exército de guerreiros germânicos. Os romanos colocaram-se numa formação defensiva de duas linhas, ou talvez, tendo em conta o reduzido número de tropas, o tenham feito numa linha apoiada por tropas de reserva. Os godos atacaram em colunas compactas, mas ao contrário do que é mostrado nos filmes de Hollywood, o ataque dos germanos não consistia numa carga enlouquecida sem qualquer espécie de ordem. Os godos avançaram de forma deliberada e cautelosa, e detiveram-se no ponto exacto onde não podiam ser alcançados pelos dardos dos romanos. Em seguida, as linhas de ambos os exércitos tentaram intimidar-se mutuamente e elevar o seu próprio moral. Para tal batiam com os escudos, lançavam gritos de guerra e insultavam os inimigos. Isto deu lugar a uma descarga cruzada de projéc-



teis, geralmente dardos lançados a partir da primeira linha, se bem que fosse provável que também houvesse arqueiros que disparassem as suas setas a partir da retaguarda, por cima das cabeças dos soldados das primeiras fileiras. Amiano também menciona o uso de fundas. Por último, deu-se o choque das duas fileiras de escudos, com cada grupo a procurar fazer retroceder o rival, o que se traduzia numa enorme demonstração de empurrões. Como costumava acontecer numa batalha entre romanos e germanos, a primeira linha romana acabou por ceder à pressão da formação goda, muito mais compacta, mas nessa altura as tropas de reserva vieram ajudar os seus companheiros para restabelecer o equilíbrio de forças. No caso de Ad Salices, a ala esquerda romana, tradicionalmente a mais fraca, acabou por ceder, enquanto o resto da linha conseguiu conservar a posição. Por outro lado, a escassa cavalaria presente na batalha dedicou-se a fustigar os flancos e a perseguir os fugitivos.

A guerra de desgaste

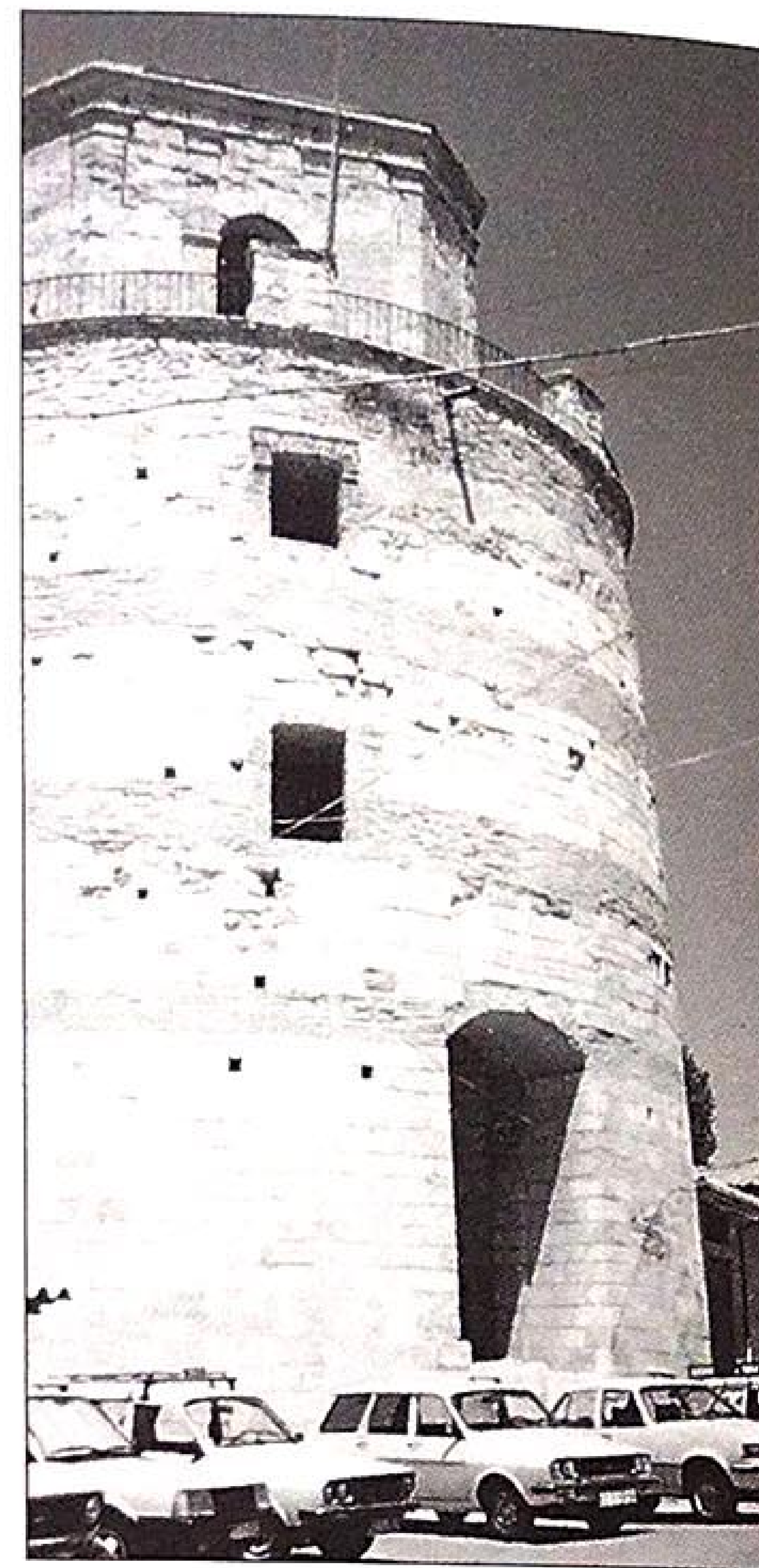
Depois de Ad Salices, os godos não se afastaram do campo de batalha, enquanto os romanos se retiraram para sul, para Marcianópolis. Os romanos aprenderam a lição e não voltaram a tentar enfrentar os godos. Em vez disso, colocaram tropas nos desfiladeiros da montanha dos Balcãs que davam acesso ao sul. Amiano disse que os godos não tentaram seguir os romanos nem dirigir-se para sul:

> «Isto proporcionou às nossas forças a ocasião de construir altas barreiras para isolar o resto das hordes bárbaras nos desfiladeiros da cordilheira dos Balcãs. [Os romanos] tinham a esperança de que um inimigo tão devastador, ao ficar enjaulado entre o Danúbio e os montes, morreria de fome por falta de alimentos. Todos os víveres tinham sido retirados das cidades fortificadas, se bem que os bárbaros não tentassem cercar nenhuma, porque ignoravam como se realizava este tipo de operações.»

O bloqueio de todas as rotas para o sul que atravessavam ou rodeavam os Balcãs não deve ter sido fácil. A região onde se encontra Marcianópolis — com uma extensão de cerca de 100 km a partir da costa do mar Negro até aos contrafortes orientais dos Balcãs — é acidentada mas transitável em vários pontos. É provável que os romanos instalassem os seus escassos efectivos na região, com o objectivo de a cercar. Ao que parece, toda a região situada a norte dos Balcãs tinha sido abandonada, pelo que os *limitanei* da Cítia, Mésia II e Dacia Ripensis devem ter sido enviados para o sul dos Balcãs para reforçar a vigilância nos desfiladeiros e nas cidades mais importantes. Em teoria, os *limitanei* destes três ducados somavam 30.000 homens. Nessa altura da campanha, este número devia ser muito inferior devido às baixas e às deserções, restando não mais que 10.000 homens para reforçar alguns *comitatenses* que estavam no limite das suas forças.

Para piorar ainda mais as coisas, é provável que vários grupos de godos, incluindo o de Fritigerno e do seu séquito, não se encontrassem na área compreendida entre os Balcãs e o Danúbio. Uma vez que estavam ocupados em Adrianópolis, é possível que se encontrassem nos desfiladeiros meridionais dos Balcãs, justamente a norte de Beróia. A ser verdade, a posição destes grupos godos obrigaria os romanos a esticar ainda mais o seu cordão de tropas para tentar isolar os germanos.

Depois da batalha de Ad Salices, Valente nomeou Saturnino *magister equitum* e mandou-o para a zona de conflito, a fim de assumir o comando que então era exercido por Profuturo e Trajano. Entretanto, Ricomero voltou à Gália para recrutar novas tropas e Frigérido dirigiu-se para o Sul de Beróia para fortificar uma posição que vigiava as principais vias de acesso provenientes da Ilíria, no oeste, e dos Balcãs centrais, no norte. Apesar da dificuldade da sua missão, os romanos conseguiram barrar a passagem aos godos. Amiano diz que Saturnino «criou um sistema de postos avançados e de piquetes». Os godos tentaram romper o cerco em várias ocasiões, mas os romanos conseguiram afastá-los, demonstrando uma «sólida resistência em terreno acidentado».



Apesar de contar com escassos defensores, as muralhas de Adrianópolis foram suficientemente fortes para resistir a vários assaltos dos godos. Esta torre é tudo o que resta das fortificações romanas em Adrianópolis. (Fotografia do autor)

Seguramente que os godos já há algum tempo tinham acabado todos os alimentos existentes nos campos e nas povoações da região, pelo que, à medida que se aproximava o Outono, aumentava a sua angústia. A necessidade tinha-os obrigado a dividir-se em pequenos grupos e a deambular pela região em busca de alimentos. Mas muitos foram apanhados em diferentes desfiladeiros, dado que não contavam com homens suficientes para derrotar os piquetes romanos que lhes vedavam a passagem. Levados pelo desespero, alguns godos — provavelmente os mesmos que tinham lutado em Ad Salices — fizeram uma aliança com os hunos e os alanos, e persuadiram-nos a atravessar o Danúbio e a unirem-se às suas fileiras.

O número de hunos e alanos que se juntou aos godos devia ser importante, dado que alteraram de tal forma o equilíbrio de forças existente, que Saturnino se viu obrigado a concentrar as suas forças nos diferentes postos avançados para evitar que pudessem ser assaltados. É possível que Saturnino tivesse conseguido salvar vidas romanas ao tomar esta decisão, mas também deixou os desfiladeiros de montanha sem vigilância e permitiu que os godos, os hunos e os alanos avançassem pelas terras baixas do sul da Trácia. Ao longo do Outono, os grupos de bárbaros alastraram a toda a província, desde o mar Negro até aos montes Rópode e desde o Danúbio até Helesponto, em busca de alimentos, provisões e despojos.

As tropas romanas fortificaram as principais cidades, mas depois de saírem maltratadas nos últimos confrontos com os godos, não tentaram obrigar o inimigo a dar início à batalha. Em geral, os godos podiam movimentar-se à vontade pelas zonas rurais do país, e os romanos que não conseguiram refugiar-se nas cidades foram mortos ou feitos prisioneiros. No entanto, parece que algumas pequenas unidades de elite romanas continuavam a intervir nas zonas rurais para fustigar os godos. É provável que estas unidades de elite tivessem as suas bases nas cidades e saíssem para enfrentar um grupo de godos quando surgisse uma ocasião propícia. Amiano menciona um incidente em que Barzimeres, «tribuno dos *scutarii e* general veterano», foi atacado por um grupo de godos no momento em que levantava o seu acampamento perto da cidade de Dibaltum (Burgas), na costa do mar Negro. Naquela ocasião, Barzimeres estava ao comando de uma tropa de infantaria formada, entre outros, pelos *cornuti*, a unidade mais graduada dos *auxilia palatina*.



Este mosaico de um caçador vestido ao estilo asiático poderia representar um membro de um dos povos nómadas das estepes — hunos ou alanos —, embora também pudesse tratar-se de um persa e inclusive de um romano proveniente da fronteira oriental. (Museu do Mosaico, Istambul)



«Enfrentando o perigo de uma destruição iminente, [Barzimeres] ordenou o toque das trombetas, reforçou os flancos e carregou à cabeça dos seus homens em ordem de batalha. A sua tenaz resistência tê-lo-ia feito sair invicto daquele lance se não tivesse sido cercado por um grande número de tropas de cavalaria no momento em que lhe faltavam as forças, de tão exausto estar. Assim morreu [Barzimeres], depois de causar muitas baixas entre os bárbaros.» (Amiano Marcelino)

Enquanto os romanos preferiam evitar a batalha, os godos procuravam a forma de provocá-la. Uma vez satisfeitas as suas necessidades imediatas de alimentos e provisões, a prioridade dos godos era conseguir uma vitória militar significativa sobre os romanos que lhes permitisse negociar um tratado de paz em termos favoráveis. O movimento seguinte dos godos foi tentar tirar as tropas de Frigérido da sua posição fortificada em Beróia. Se os godos conseguissem o seu objectivo, ficariam com o controlo do vale do Hebro (Maritsa) e do desfiladeiro de Succi (Ihtiman), que dava acesso à Ilíria pelo ocidente. Frigérido não esperou pelo ataque godo, retirando-se pelo desfiladeiro de Succi para a Ilíria. Durante a sua retirada, Frigérido deparou-se com o grupo de Farnóbio, integrado por godos e taifalos. Estes últimos, ao verem que a Ilíria estava desprotegida, aproveitaram a ocasião para atravesar o Danúbio e assolar a região. Os romanos atacaram primeiro, matando Farnóbio e muitos dos seus guerreiros. Ao morrerem os seus chefes, os godos e os taifalos renderam-se. Os romanos aceitaram a sua rendição e enviaram-nos para o Norte da Itália para que trabalhassem como peões nas quintas da região. No ano 377, para os romanos era evidente que o único modo de expulsar os godos da Trácia era organizando uma grande expedição militar em que participassem os principais exércitos imperiais. Por isso, Valente e Graciano acordaram em coordenar as suas forças para destruir os

ESQUERDA **Este capacete típico do século IV pode ter sido utilizado tanto pelos godos como pelos romanos. É provável que o original tivesse partes laterais. (Germanisches Nationalmuseum, Nuremberga)**

A FRONTEIRA NO DANÚBIO E NO RENO (378 D.C.)



1. Os lentienses lançam vários ataques ao longo do curso do alto Reno, encorajados pelos rumores que asseguram que grande parte do exército de operações do Ocidente partiu para leste para confrontar os godos.

2. Por causa dos ataques sofridos no Reno, Graciano vê-se obrigado a ordenar o regresso das tropas que tinha enviado para o Império do Oriente e a mobilizar novos efectivos na Gália.

3. Os lentienses são derrotados, mas os planos de Graciano para ir em ajuda do seu tio estão com um atraso de vários meses. Por outro lado, o número de tropas que Graciano pode enviar para o Império do Oriente sofreu uma importante redução.

4. Na Primavera de 378 d.C., Valente retira-se da fronteira oriental e começa a reunir as suas forças próximo de Constantinopla.

5. Sebastião, o novo *magister militum*, reúne um pequeno exército com os 2.000 melhores homens e recomeça a guerra de guerrilha contra os godos. Sebastião tem mais êxito do que os seus antecessores.

6. As tropas de Frigérido fortificam o desfiladeiro de Succi para evitar que os bárbaros passem para noroeste.

7. Os godos concentram-se sobretudo nos vales fluviais dos Balcãs, próximo de Cabyle, Beróia e Dibaltum. No entanto, os grupos de guerreiros operam ao comprimento e largura da Trácia. Fritigerno concentra as suas forças em Cabyle face à crescente ameaça dos romanos.

8. Depois de derrotar os lentienses, Graciano dirige-se para leste com um pequeno exército de tropas ligeiras. O exército de Graciano é bastante pequeno para poder descer pelo Danúbio de barco.

9. Graciano é obrigado a parar quatro dias em Sirmium devido ao aparecimento de febres.

10. As forças de Graciano recomeçam a viagem pelo Danúbio até chegar ao acampamento de Marte, onde o imperador perde vários dos seus homens numa emboscada armada por um grupo de alanos.

godos. Valente comprometeu-se a retirar todas as tropas que pudesse da fronteira arménia e Graciano prometeu avançar para leste a partir da suas bases na Gália.

A CAMPANHA DE ADRIANÓPOLIS (378 D.C.)

Os historiadores sem formação militar têm dificuldade em perceber como foi possível que o Império Romano, apesar de contar com 500.000 soldados, não tivesse podido recrutar suficientes tropas para esmagar um número relativamente pequeno de godos, hunos e alanos que tinham invadido as províncias do Danúbio. Desde que os godos atravessaram o Danúbio, Valente e Graciano tinham tido dois anos para resolver a crise, tempo mais que suficiente.

No entanto, havia dois graves problemas que se interpunham nos objectivos de Valente e Graciano, pois a tarefa que tinham entre mãos era mais complexa do que poderia parecer à primeira vista. Nas últimas décadas viveram-se situações parecidas, como, por exemplo, os problemas dos Estados integrados na OTAN, capazes de mobilizar vários milhões de soldados, para reunir 50.000 homens e mulheres com o objectivo de realizarem o destacamento de tropas aliadas nos Balcãs na década de 1990. Nesta ocasião, metade das tropas pertenciam a estados alheios à OTAN. No caso que estamos a tratar, era suposto que os exércitos romanos de operações fossem capazes de se deslocar a grandes distâncias e de se destacar em qualquer terreno, mas quando foi dada a ordem de marchar para a Trácia, ocorreu um aluvião de deserções. Em segundo lugar, todas as tropas estavam repartidas noutras frentes e havia o perigo de que, se um importante número de soldados abandonasse os seus postos, qualquer inimigo do Império aproveitasse a ocasião para atacar. E foi isso que aconteceu nos primeiros meses de 378 d.C.

Um sentinela romano de origem alamana voltou à sua casa do outro lado do Reno no Inverno de 377-378. Ao encontrar-se entre os seus, o sentinela deu com a língua nos dentes e revelou os planos de Graciano: contou que o imperador planeava liderar um importante contingente de tropas e marchar para leste para enfrentar os godos. Esta informação convenceu os seus paisanos, os lentienses, de que merecia a pena aproveitarem o facto de o rio estar gelado para sondarem a situação do outro lado do Reno com uma série de incursões. No mês de Fevereiro de 378, os lentienses fizeram as suas incursões, mas foram repelidos por uma brigada de *auxilia palatina* (os *celtae* e os *petulantes*). Mesmo assim, os alamanos certificaram-se de que grande parte do exército do Império do Ocidente tinha partido para a Ilíria com o objectivo de enfrentar os godos. Os lentienses aproveitaram a ocasião para atacar com todas as suas forças, e atravessaram o Reno pelo seu curso alto perto de Argentária (Colmar). Perante esta agressão, Graciano viu-se obrigado a ordenar o regresso das unidades que tinha enviado para a Trácia, a mobilizar as tropas que deixara na Gália e a pedir ajuda aos francos. Embora os lentienses tivessem sido derrotados numa rápida campanha que demonstrou o valor e o engenho de Graciano, o ataque atrasou vários meses os planos do imperador do Ocidente para ir em auxílio do seu tio. Por outro lado, o ataque fez com que Graciano tivesse mais consciência da sua própria vulnerabilidade, pelo que teve de enviar para a Trácia menos tropas que as que inicialmente estava disposto a enviar.

Por outro lado, embora Valente tivesse conseguido firmar um acordo com os persas na disputa pelo controlo da Arménia, não conseguiu retirar as suas melhores tropas da fronteira oriental. Na Primavera de 378, Valente deslocou-se pessoalmente da Antioquia, onde estabelecera o seu quartel-general para a campanha contra a Pérsia, para Constantinopla, a fim de apaziguar os exaltados ânimos dos seus habitantes. O descontentamento popular devia-se em parte ao facto de os católicos que viviam na cidade não verem com bons olhos o arianismo professado por Valente. Os desaires sofridos na campanha contra os godos e a ameaça que a sua proximidade implicava agravaram as tensões.



Escudos de unidades de *pseudocomitatenses* pertencentes ao exército romano do Ocidente. Antes de serem atribuídas ao exército de operações, estas unidades eram guarnições fronteiriças. Entre elas encontravam-se as tropas «transalpinas e panónias» que em 377 chegaram do Ocidente com Frigérido. Os escudos do segundo ao nono poderiam corresponder a algumas destas unidades: *Alpini, Secunda Iulia, Alpina, Lanciarii Lauriacenses, Lanciarii Comaginenses, Taurunenses, Antianenses, Pontinenses*. Todas elas procediam das regiões fronteiriças alpinas ou panónias, e a maioria estavam destinadas à Ilíria. (Notitia Dignitatum, Bodleian Library, Oxford)





EM CIMA **Os guerreiros godos costumavam equipar-se com armas e armaduras de fabrico romano provenientes dos despojos de uma batalha ou das armarias que saqueavam. Mas é evidente que os godos as modificavam para as adequar aos seus gostos e necessidades. É este o caso deste capacete de legionário, modificado por um guerreiro germânico ocidental. (Museu Burg Linn, Krefeld)**

EM CIMA, À DIREITA **Pontas de dardo, lança e machado germânicos. A maioria dos godos levariam armas muito parecidas com estas. Em primeiro lugar, os guerreiros godos costumavam atacar os seus adversários com o dardo e, em seguida, usavam a lança. O machado de mão costumava ser utilizado como arma secundária e substituía muitas vezes a espada, de elaboração mais dispendiosa. As fontes não mencionam que os godos utilizaram os seus machados como armas de arremesso, da mesma forma que os francos costumavam fazer. (Museu Burg Linn, Krefeld)**

Valente não ficou na cidade e preferiu estabelecer o seu quartel nos domínios imperiais de Melantias, a cerca de 20 km da capital. Ali reuniu as suas forças e nomeou Sebastião — o general do Império do Ocidente recém-chegado ao seu quartel — *magister militum* em substituição de Trajano. Uma vez designado para o novo cargo, Sebastião escolheu alguns dos melhores homens para empreenderem uma guerra de guerrilhas contra os godos. Esperava deste modo ganhar tempo para que o imperador pudesse formar o exército principal. Segundo Amiano, Sebastião escolheu trezentos homens de cada unidade. Por outro lado, Zósimo conta que o exército de Sebastião era composto por 2.000 homens, um número razoável se se tiver em conta a estratégia escolhida pelo general romano.

Entretanto, os godos continuavam a ocupar os vales fluviais a sul dos Balcãs, em volta das cidades de Dibaltum, Cabyle e Beróia. Embora o grosso dos godos permanecesse neste território, os grupos de saqueadores continuavam a assolar as regiões rurais da Trácia. Quando Valente se mudou para Constantinopla, pelo menos havia um grupo de godos que operava nas imediações de Adrianópolis. No entanto, quando se aperceberam da chegada das forças imperiais, os godos retiraram-se «carregados de despojos» para noroeste, seguindo o curso do rio Maritsa em direcção a Beróia. Consta que também havia outros grupos de godos a norte dos Balcãs, dado que Amiano fala de uma posição fortificada goda em Nicópolis, cerca de 90 km a norte de Beróia, do outro lado das montanhas.

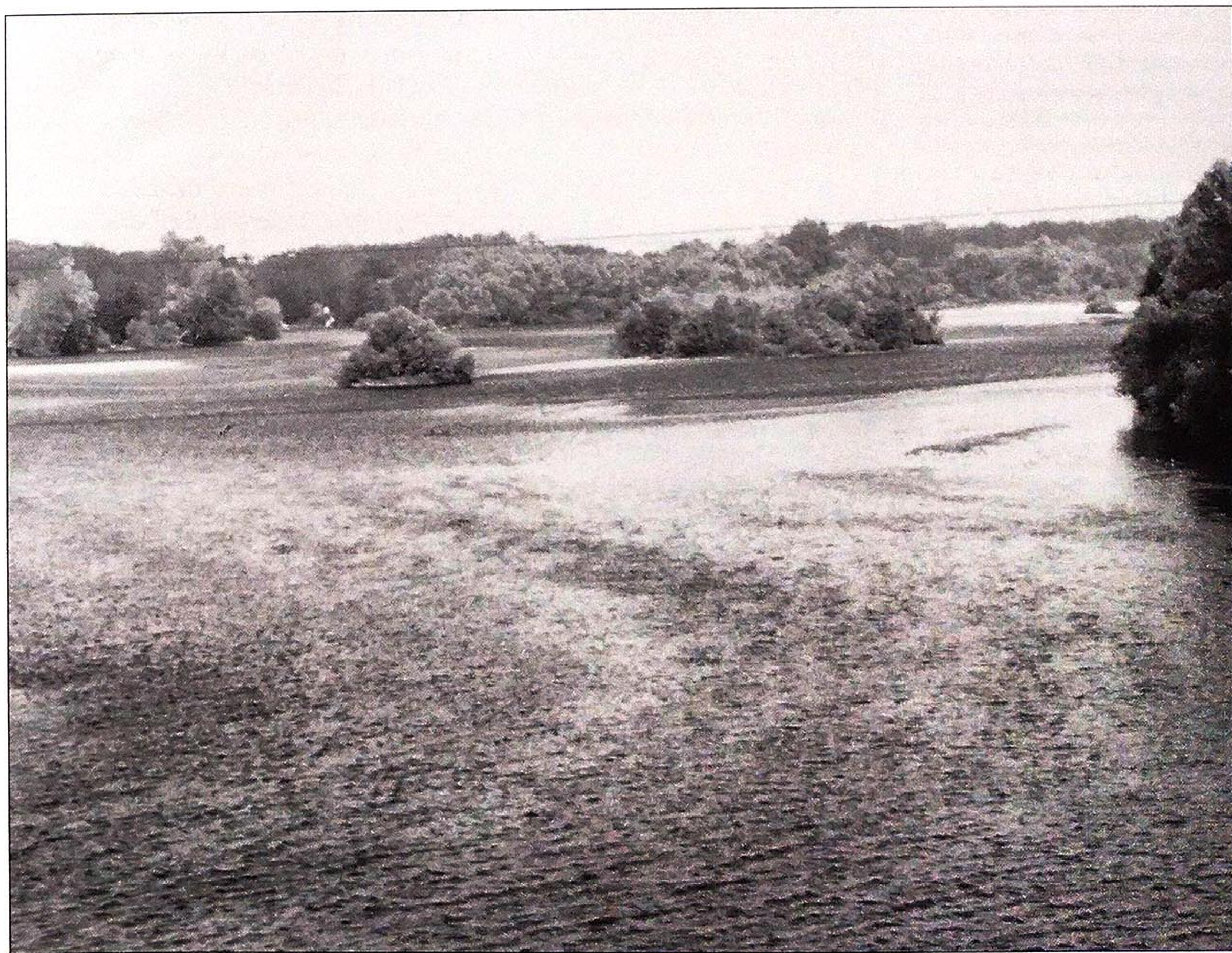
As operações de Sebastião

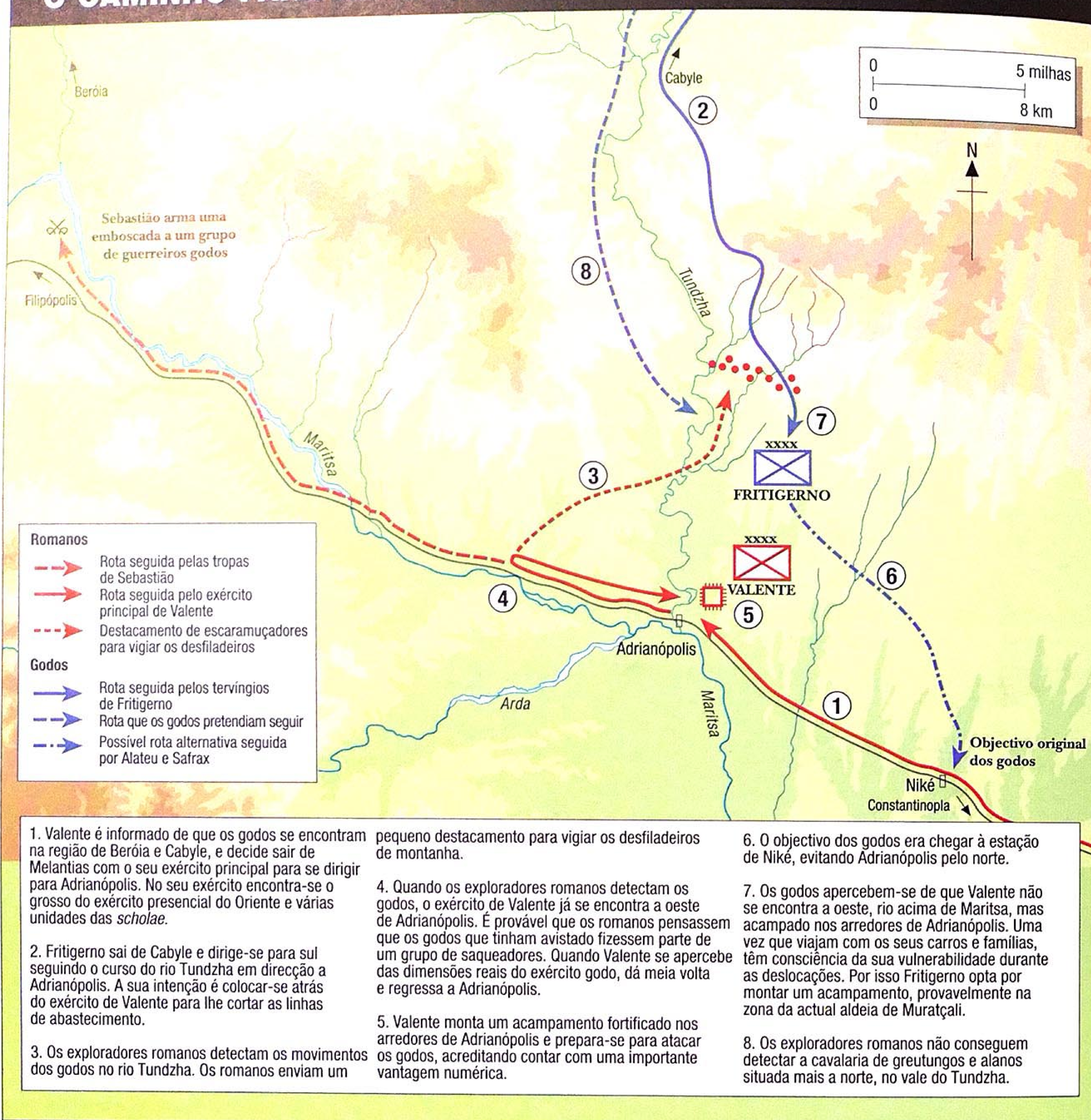
Graças à guerra de guerrilhas, Sebastião teve mais êxito que os seus antecessores nos seus confrontos com os godos. A descrição de Amiano engloba vários meses de operações em poucos dias, e dá a impressão de que Sebastião liderava a avançada do corpo principal do exército. No entanto, sabe-se que nos meses da Primavera e do Verão de 378 Sebastião e os seus homens se dedicaram à perseguição de pequenos grupos de saqueadores godos, eliminando os inimigos dos arredores de Adrianópolis, enquanto Valente e Graciano reuniam as suas forças. Ao que parece, a estratégia de Sebastião baseava-se no ataque aos diferentes grupos de godos separadamente, ao mesmo tempo que os mantinha numa área mais circunscrita. As tropas de Frigérido fortificaram o desfiladeiro de Succi



ESQUERDA **Soldados romanos do século IV representados no arco de Constantino. Alguns historiadores consideram que os penachos dos capacetes poderiam ser cornos, sugerindo com isso que estes soldados podiam ser *cornuti*. Não está claro se são penachos de penas ou cornos. Os *cornuti* foram derrotados pelos godos em Dibaltum e é possível que os sobreviventes desta unidade tenham combatido em Adrianópolis. (Deutsches Archäologisches Institut)**

EM BAIXO **O vale do rio Maritsa era uma das rotas naturais de acesso ao Sudeste da Trácia. Sebastião montou uma emboscada, com êxito, a um grupo de godos nas margens do rio em algum lugar situado entre Adrianópolis e Filipópolis. (Fotografia do autor)**





para terem a certeza de que os godos não tentavam fugir no sentido de noroeste, «de forma a evitar que os grupos de vagabundos se disseminassem a seu bel-prazer pelas províncias setentrionais».

Graças a Amiano é possível fazermos uma ideia da campanha nos primeiros meses de 378. Amiano descreve um episódio em que Sebastião se confrontou com um grupo de godos a noroeste de Adrianópolis:

> «Ao anoitecer viu vários grupos de invasores godos perto do rio Maritsa. [Sebastião] escondeu-se atrás de umas acéquias e de uns arbustos, e esperou. Ao abrigo da noite, avançou silenciosamente e atacou-os enquanto dormiam. O seu êxito foi tão rotundo que todos [os godos] morreram, excepto os poucos que conseguiram fugir».





EM CIMA **Este soldado romano de infantaria do século IV está armado, como era habitual, com uma espada e dois dardos. O seu equipamento defensivo consistia num capacete com crista, um escudo oval e uma cota de malha que o cobria até aos pulsos. (Catacumba da Via Latina, Roma)**

ESQUERDA **Dois soldados do século IV, um de infantaria e outro de cavalaria, representados no arco de Constantino. Este tipo de cooperação entre ambas as armas não ocorreu em Adrianópolis. Naquela ocasião, a cavalaria fugiu do campo de batalha e deixou a infantaria abandonada à sua sorte. (Deutsches Archäologisches Institut)**

Estas e outras acções semelhantes fizeram com que Fritigerno se apercebesse do perigo de continuar a avançar em pequenos grupos de guerreiros, uma vez que podiam ser derrotados facilmente um a um enquanto se ocupavam no saque ou na procura de alimentos. Fritigerno tinha consciência de que os dois imperadores não tardariam a empreender alguma acção contra ele, razão pela qual ainda era mais imperativo reunir os seus homens. Se Fritigerno fosse o primeiro a avançar, talvez pudesse ditar as condições em que a campanha se desenvolveria, mas se ficasse de braços cruzados, o mais provável era que os seus inimigos acabassem por destruí-lo com um movimento de pinça. Portanto, Fritigerno reuniu todas as suas tropas e os seus aliados perto de Cabyle, e em seguida «evacuou a zona com rapidez, dado que pretendia permanecer em campo aberto, onde não pudessem ser surpreendidos nem lhes faltasse a comida».

Entretanto, Graciano tinha derrotado os lentienses e dirigia-se para leste. Mas como não queria deixar desprotegidas as fronteiras do Império de Ocidente, levou consigo apenas um pequeno contingente de tropas. Amiano



No Arco de Galério, contrariamente a muitos outros monumentos do mesmo período, os soldados estão representados com as suas armaduras. Trata-se de guerreiros de inícios do século IV, equipados com armadura de escamas, grandes escudos e capacetes cónicos segmentados *(spangenhelm)* com partes laterais e protecções para a nuca e para o nariz. Pode tratar-se tanto de soldados de infantaria como de cavalaria. Muitos godos e romanos da campanha de Adrianópolis se equipavam de forma parecida. (Deutsches Archäologisches Institut)

diz que levavam «armamento ligeiro» e que o seu número era suficientemente reduzido para se deslocar de barco rio abaixo pelo Danúbio. Graciano parou quatro dias em Sirmium (Sremska Mitrovica, Sérvia) para se restabelecer de umas febres e depois continuou rio abaixo até chegar ao «acampamento de Marte», uma fortaleza fronteiriça perto da actual Kula, na fronteira entre a Sérvia e a Bulgária. No «acampamento de Marte», Graciano perdeu vários homens numa emboscada armada por um grupo de alanos.

Os romanos continuam a avançar

Nesta altura da campanha, Valente já tinha conseguido reunir todo o seu exército em Melantias. Desconhece-se a composição exacta do exército de Valente, dado que as fontes mencionam muito poucas unidades pelo seu nome. É provável que as forças do imperador do Oriente em Melantias fossem compostas por uma parte considerável do exército presencial e pelas *scholae*, embora algumas unidades devessem ter ficado no Oriente. Também havia algumas unidades que no ano anterior tinham lutado nos Balcãs e deviam encontrar-se bastante dizimadas. Entre estas unidades incluíam-se as legiões que haviam combatido em Ad Salices, os *cornuti* que tinham lutado em Dibaltum, alguns soldados das *scholae*, os trezentos homens de cada unidade que haviam servido no exército de Sebastião, e alguns outros guerreiros que se desconhecem. É possível que Valente dispusesse de entre 15.000 e 20.000 homens. Amiano diz que era um exército variado, o que deve significar que havia uma mistura de diferentes tipos de tropas, bem como uma elevada percentagem de veteranos.

Valente saiu de Melantias em direcção a Adrianópolis. O imperador devia ter consciência de que os godos se tinham agrupado na região de Beróia e Cabyle, e é provável que para chegar a Adrianópolis tomasse a rota mais fácil seguindo o curso do rio Maritsa, no encalço dos godos que se retiravam para Beróia e que foram interceptados por Sebastião. A rota que o imperador planeara devia dirigir-se para oeste, passar por Adrianópolis, atravessar o vale do Maritsa em direcção a Filipópolis e flectir para norte até



Soldados de cavalaria convencional, apoiados por arqueiros a cavalo, aniquilam a guarda pretoriana na batalha da ponte Mílvio. Em Adrianópolis, a batalha iniciou-se com uma combinação semelhante de soldados de cavalaria armados com lanças e arcos. (Deutsches Archäologisches Institut)

chegar ao rio Sazliyka, situado a sul dos Balcãs entre Beróia e Cabyle. Nesta região, Valente estava seguro de que se depararia com os godos. Entretanto, Graciano devia dirigir-se para Filipópolis pelo desfiladeiro de Succi e seguir o curso do rio Maritsa em direcção oposta à de Valente. Assim, ambos os imperadores chegariam a juntar as suas forças.

Para infelicidade dos romanos, Fritigerno foi o primeiro a atacar. Os homens de Fritigerno atacaram os romanos a sul de Cabyle, seguindo o rio Tundzha em direcção a Adrianópolis, com a intenção de se colocarem atrás do exército de Valente para cortar a rota de abastecimentos provenientes de Constantinopla. Aparentemente, o seu objectivo era a estação de Niké, a cerca de 24 km de Adrianópolis, no caminho que ligava a cidade a Constantinopla —provavelmente, perto da actual Havsa. Amiano conta que os romanos souberam que «o inimigo tinha intenção de interceptar as nossas linhas de abastecimentos com um poderoso exército», mas as informações sobre o que aconteceu são confusas. Ao que consta, Valente enviou uma unidade de arqueiros e uma tropa *(turma)* de cavalaria para «proteger os desfiladeiros adjacentes» e frustrar as intenções dos godos. Estas tropas eram incapazes de fazer outra coisa que não fosse defender uma praça, sobretudo se se tiver em conta que uma *turma* constava apenas de trinta homens. Desconhece-se a rota que vigiavam, uma vez que um destacamento tão pequeno não podia defender diferentes desfiladeiros de montanha. É provável que fossem enviados pelo Tundzha, rio acima, onde se devem ter encontrado com os godos que se dirigiam para sul.

Valente decide lutar

Quando Valente recebeu informações de que os godos se dirigiam para sul a partir de Cabyl, seguindo o curso do Tundzha, é provável que avançasse para ocidente a partir de Adrianópolis, através do vale do Maritsa. Inicialmente é possível que o imperador do Oriente pensasse que se tratava de um grupo de saqueadores pouco numeroso, mas depressa se deve ter apercebido de que era um exército importante, pelo que deu meia volta e regressou a Adrianópolis, montando um acampamento fortificado nas imediações da cidade. Mas Valente tinha de tomar uma decisão: iniciar uma batalha com os godos ou esperar pela chegada dos reforços de Graciano?

FASE 2: **A cavalaria romana da ala esquerda está situada na retaguarda da coluna e avança em fila pelo caminho que conduz a Adrianópolis. É provável que nesta fase se desviasse da cordilheira pelo ocidente e penetrasse no vale para norte.**

FASE 3: **Enquanto ambas as facções continuam a negociar e sem terem recebido ordens a esse respeito, os *scutarii* e os arqueiros a cavalo da vanguarda inspeccionam o flanco direito dos godos em busca de um ponto fraco. Os escaramuçadores romanos precipitam-se no ataque aos godos e são derrotados.**

FLORESTA

RIBEIRO

TERRENO IRREGULAR COM ERVAS DANINHAS

C

QUINTA

F

B

VINHEDOS/OLIVAIS

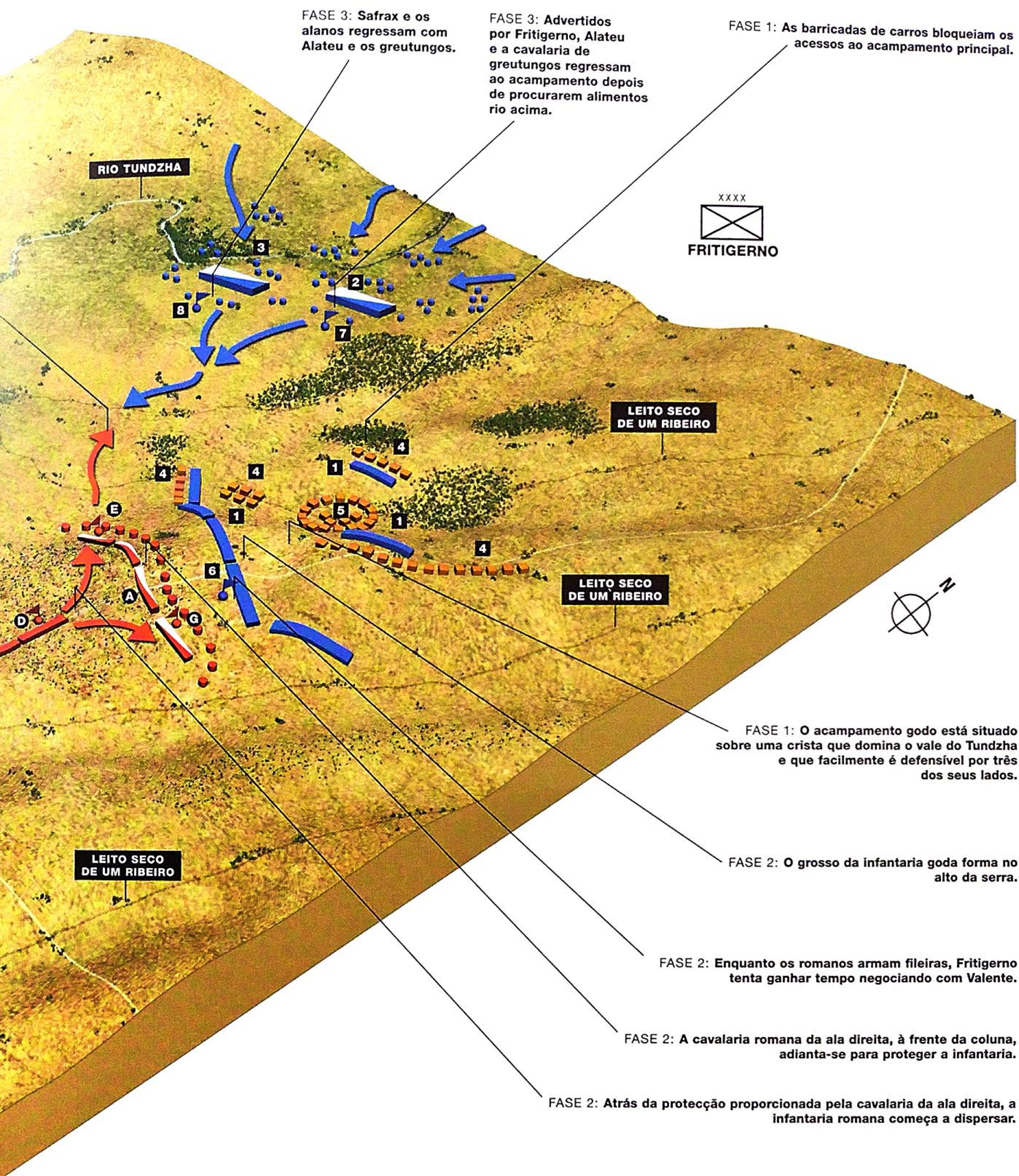
CAMINHO NÃ PAVIMENTAD

FASE 1: **Após uma marcha de 13 km debaixo de um sol abrasador, o exército romano consegue ver as posições godas.**



GODOS
1 Infantaria de tervíngios e cavalaria desmontada
2 Cavalaria de greutungos
3 Cavalaria de alanos
4 Barricadas de carros
5 Principal acampamento godo
6 Fritigerno
7 Alateu
8 Safrax

ROMANOS
A Vanguarda da cavalaria da ala direita
B Infantaria romana (*auxilia palatina, legiones palatinae*)
C Cavalaria romana da ala esquerda
D Valente
E Cássio e Bacúrio
F Trajano (ao comando da infantaria)
G Victor (ao comando da cavalaria)



A BATALHA DE ADRIANÓPOLIS

9 de Agosto de 378 d.C., cerca das 14h00. Vista de sudeste, mostrando o avanço inicial dos romanos e o primeiro ataque, bem como o regresso da cavalaria de greutungos e alanos.

Soldado a cavalo equipado com armadura num mosaico romano do período tardio. Os catafractos fortemente armados constituíam uma parte muito importante do exército romano de Oriente no século IV e deviam encontrar-se entre as tropas que lutaram em Adrianópolis. (Bernd Lehnhoff)



A decisão de Valente foi influenciada por vários factores. Em primeiro lugar, os seus exploradores informaram-no de que as forças godas eram compostas por 10.000 guerreiros. Se Valente dispunha de 15.000 homens, no mínimo, a opção de iniciar a batalha com os godos podia tornar-se muito tentadora. A popularidade de Valente em Constantinopla encontrava-se naquela altura abaixo dos mínimos, como demonstravam os protestos que se viu obrigado a apaziguar antes de empreender a campanha contra os godos. Se permitisse que um exército inimigo se colocasse entre Adrianópolis e Constantinopla, não só ficariam cortadas as suas linhas de abastecimento, como a população se sentiria abandonada pelo seu imperador. Por último, se esperasse por Graciano, que supostamente estava ao comando de um número reduzido de tropas, teria de partilhar a glória com o seu sobrinho em troca de um modesto apoio militar. Vendo-o em retrospectiva, é muito fácil criticar a decisão de Valente de atacar, mas se se analisar a situação do seu ponto de vista e se se tiver em conta a informação de que dispunha, os motivos que o levaram a avançar tornam-se muito mais claros.

Ginete equipado com armadura num relevo do século IV. Deve tratar-se de um oficial equipado com uma couraça anatómica. Esta couraça era usada por cima de uma peça de couro da qual pendia uma espécie de franja *(pteryges)*. As *pteryges* serviam para proteger as coxas e a parte superior dos braços. (Museu Arqueológico, Istambul)



Amiano conta que os godos avançaram com lentidão durante os três dias seguintes. O seu avanço era obstaculizado pelos carros que levavam consigo e os anciãos, as mulheres e as crianças que os acompanhavam. Devem ter levado três dias a percorrer o caminho que ia pela margem oriental do rio Tundzha até chegar a terreno aberto a cerca de 20 km a norte de Adrianópolis. É possível que os greutungos e os alanos se dirigissem para o ponto de encontro por outra rota, talvez pela margem ocidental do rio Tundzha, que pode ser atravessado em vários pontos.

O objectivo dos godos era chegar a Niké, evitando Adrianópolis pelo norte, e seguir depois o caminho que se dirigia para sudeste, para Constantinopla. Este plano partia do pressuposto de que Valente se encon-

traria mais a oeste, em vez de estar acampado numa posição fortificada nas imediações de Adrianópolis. Nesta situação, os godos não podiam evitar o encontro com o imperador do Oriente. Ao deslocarem-se com as suas famílias e as suas escassas posses, os godos sabiam que eram muito vulneráveis a um possível ataque. Fritigerno via-se perante o dilema de procurar uma posição favorável para lutar ou retirar-se de novo para norte. Se demorasse demasiado tempo a tomar uma decisão, corria o risco de Valente receber reforços, tornando-se assim num adversário demasiado poderoso para conseguir derrotá-lo numa batalha.

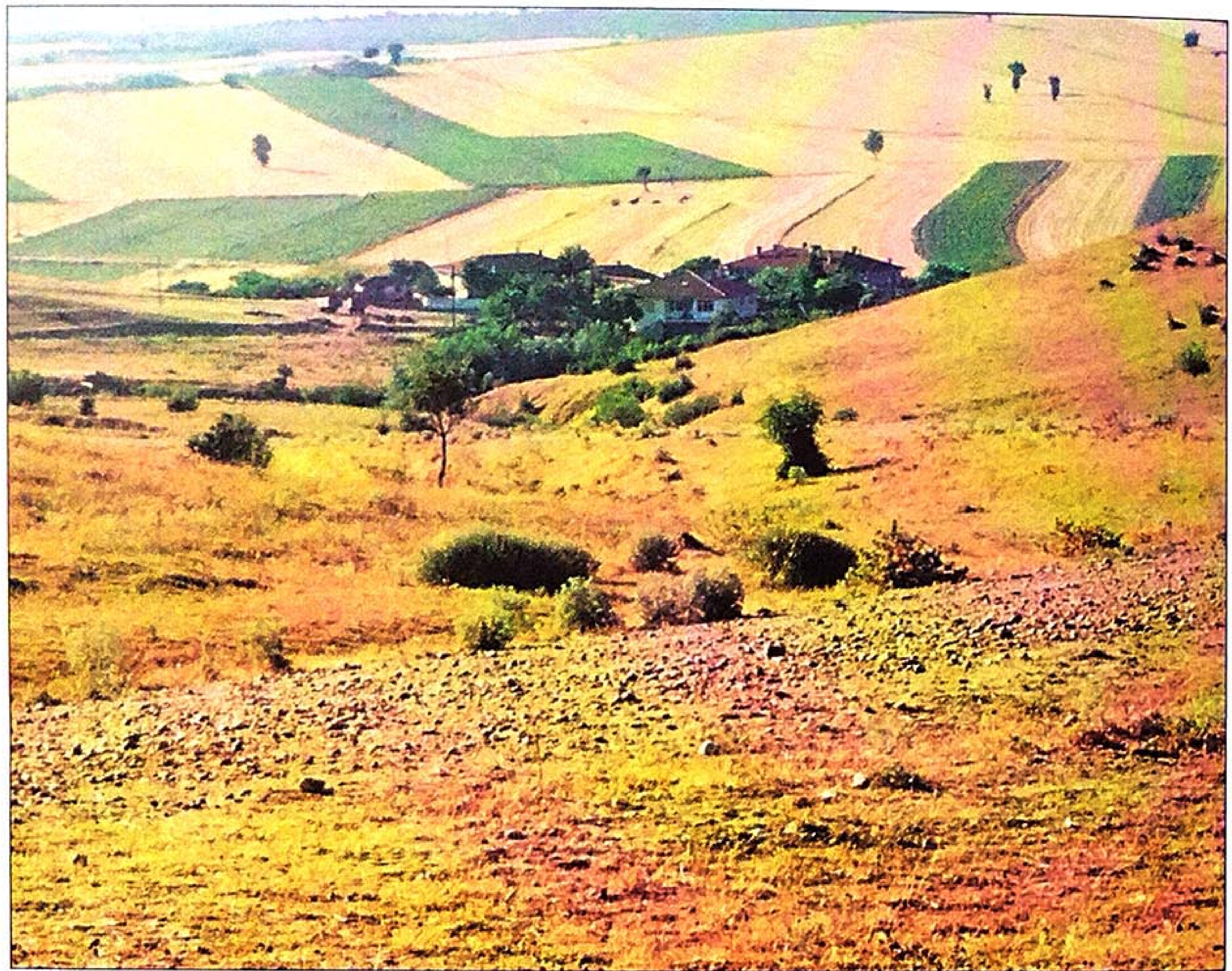


Capacete prateado que pertenceu a um soldado dos *Equites Stávelsiani* (c. 320 d.C.). É provável que este tipo de capacetes fosse usado por soldados endinheirados, ou que tivessem já alcançado muitas vitórias, tanto nos exércitos godos como nos romanos. (Rijksmuseum van Oudhenden, Leiden)

Isto leva a pensar quantos guerreiros formavam o exército de Fritigerno. Os exploradores de Valente comunicaram-lhe que os godos contavam com 10.000 combatentes, um número que Amiano considera erróneo, mas não corrige. Outros historiadores falam inclusive de até 200.000 homens, mas é evidente que nem o explorador mais incompetente teria cometido um erro de apreciação tão grave. O mais provável é que Fritigerno contasse com cerca de 10.000 homens, talvez mais alguns milhares, e que outros grupos de aliados, como os de greutungos e alanos, sob o comando de Alateu e Safrax, respectivamente, estivessem perto do exército principal godo, embora não nas imediações, pelo que os exploradores romanos não puderam incluí-los nas suas estimativas. Se os godos tivessem superado claramente em número os romanos, ter-se-iam apercebido disso no momento de destacar as suas tropas e os oficiais teriam aconselhado o imperador a retirar-se. No entanto, não existe nenhum indício de que tal acontecesse. Ignorando-se o número real de guerreiros godos, o certo é que o imperador do Oriente pensava que eram 10.000, e convocou um conselho de guerra para decidir o movimento seguinte. Sebastião e outros oficiais da sua opinião instaram-no a atacar sem perder mais tempo. Sem dúvida que a postura de Sebastião se devia em parte aos êxitos que tinha alcançado contra os godos no rio Maritsa. Sebastião estava convencido de que a vitória final estava ao alcance dos romanos. Outros oficiais liderados por Victor eram partidários de esperar pela chegada dos reforços de Graciano. Ricomero, recém-chegado a Adrianópolis, era desta opinião. Ricomero tinha-se adiantado ao exército do Ocidente levando consigo uma carta do imperador em que pedia a Valente que esperasse por ele.

O facto de o imperador do Oriente apresentar a questão a debate entre os seus oficiais parece indicar que, se acreditava que os godos dispunham de 10.000 guerreiros, o seu exército não podia ser muito maior. Se a estimativa de entre 15.000 e 20.000 soldados romanos for correcta, o mais provável é que o número real se aproximasse mais do primeiro número que do segundo. Por outro lado, se Valente tivesse acreditado que tinha uma vantagem a seu favor de 2 para 1, não teria hesitado em atacar. No final, «prevaleceram a obstinação do imperador e as lisonjas de alguns dos seus cortesãos».

Uma vez concluído o conselho de guerra, os romanos começaram a preparar-se para a batalha. Fritigerno enviou um sacerdote cristão ao acampamento romano com uma proposta de acordo para evitar a guerra. Pedia que se retomasse o acordo original a que tinham chegado quando os godos haviam atravessado o Danúbio dois anos antes: terra para se instalarem na Trácia em troca de uma paz duradoura. Fritigerno também enviou uma mensagem pessoal a Valente, em que lhe dava a entender que a única coisa que



À DIREITA **A pequena aldeia de Muratçali está situada ao abrigo das montanhas. É provável que os godos estabelecessem nela o seu acampamento. Esta localização é facilmente defensível e dispõe de água potável. É possível que os godos tenham utilizado alguns dos seus carros para bloquear os acessos mais vulneráveis. No entanto, a sua principal linha de defesa encontrava-se no alto da serra, donde esta imagem foi tirada. (Fotografia do autor)**



pretendia era a paz e que, para consegui-la, o imperador tinha apenas de fazer uma demonstração de força para intimidar os godos, e ele tivera um argumento para os persuadir da conveniência de chegarem a um acordo.

Os primeiros movimentos

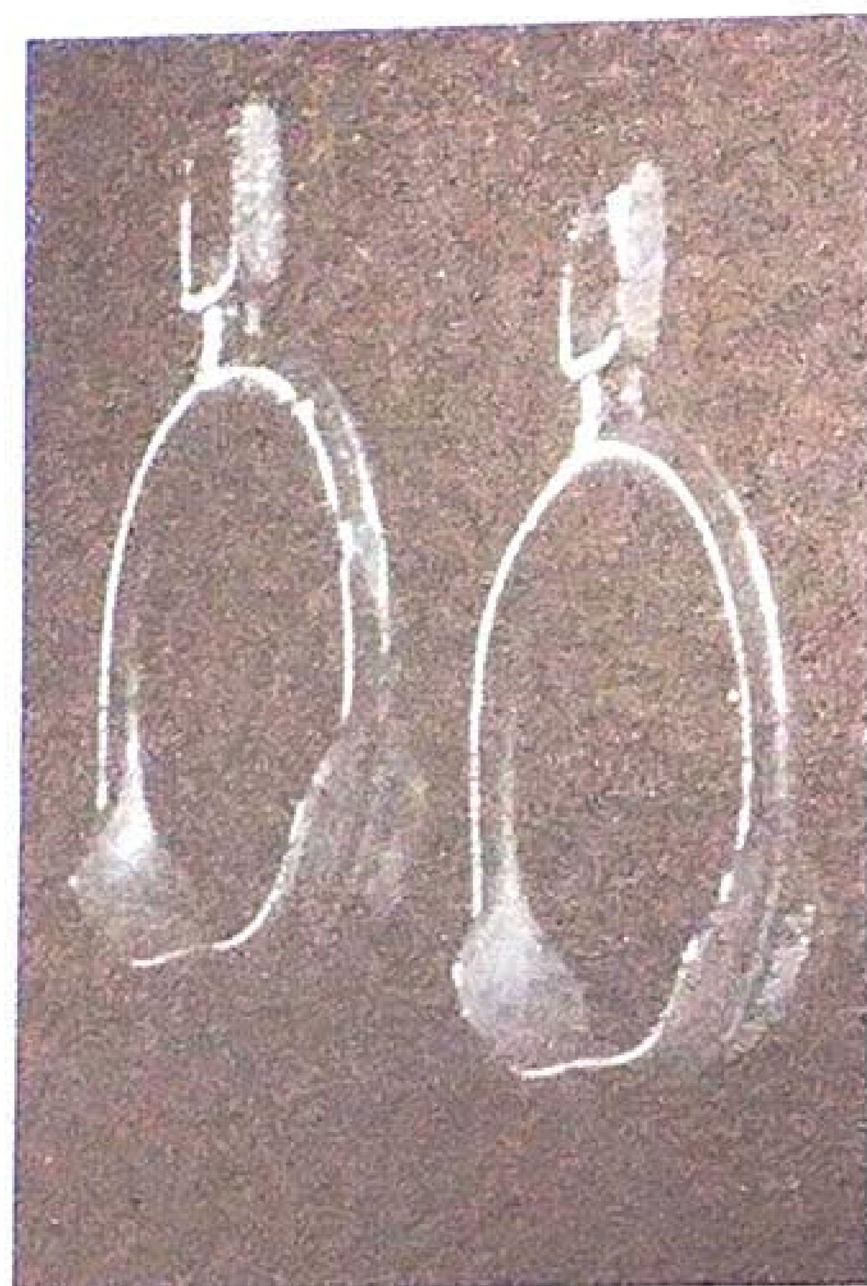
Em todo o caso, a proposta de paz de Fritigerno foi recusada. Ao amanhecer de 9 de Agosto de 378, Valente deixou a sua bagagem, o tesouro imperial e os seus conselheiros civis na cidade «com uma guarda adequada de legiões» e saiu de Adrianópolis para a frente do seu exército. Nesse dia estava um calor abrasador e o terreno por onde as tropas tinham de passar era pedregoso e acidentado. Depois de uma marcha de 13 km, os romanos começaram a ver a posição dos godos, que deviam encontrar-se no alto de uma cordilheira situada a sul da actual aldeia de Muratçali, a cerca de 16 km a norte de Adrianópolis e 5 km a leste do rio Tundzha.

Desconhece-se a localização exacta do acampamento godo. À excepção da presente obra, o único estudo da batalha é o de F. Runkel (*Die Schlacht bei Adrianople*, Berlim, 1903). Nele, Runkel situa o acampamento godo na cordilheira próxima de Demirhanli (lugar a que ele chama Demeranliga). A distância entre Demirhanli e Adrianópolis é a mesma que entre a cidade e Muratçali, com a única diferença de que Demirhanli se encontra mais para leste que para norte. Esta situação sugeriria que os godos se tinham aproximado de Niké mais do que o previsto. Apesar de a cordilheira de Demirhanli oferecer uma boa posição defensiva para lançar um ataque a partir do oeste, é fácil flanqueá-la pelo sul — por onde passava o principal caminho romano. Outro factor contra a proposta de Runkel é que por detrás da cordilheira de Demirhanli não há rios nem fontes, pelo que se os godos tivessem acampado ali, careceriam de água. Do mesmo modo, na cordilheira de Demirhanli as quebradas são mais abertas, pelo que a cavalaria goda teria muito menos possibilidades de passar despercebida. Pelo contrário, Muratçali dispõe de abundante água, está perto do rio Tundzha e é facilmente defensável por três dos seus lados.

As descrições coetâneas dos factos falam de que os romanos se depararam com uma barricada de carros dispostos em círculo — não só em Adrianópolis, mas também em Ad Salices. Apesar do registado nas fontes, seria erróneo pensar que os godos estavam agrupados num único círculo de grandes dimensões. Os godos tinham-se transformado num povo de refugiados, e mesmo que algumas famílias e os seus pertences tenham ficado em Cabyle,

EM BAIXO **Vista para sul a partir do centro da posição dos tervíngios. Pode ver-se a rota pela qual os romanos se aproximaram. O terreno desce rapidamente para leste, pelo que a cavalaria goda ficaria fora do campo visual dos romanos. (Fotografia do autor)**





EM CIMA **Estribos ávaros. Alguns historiadores modernos sugerem que a cavalaria goda se vangloriou com a vitória em Adrianópolis porque os ginetes godos cavalgavam com estribos. Esta afirmação é falsa. No Ocidente, estes estribos foram introduzidos pelos ávaros no século VII. (Museu Nacional de Hungria)**



À DIREITA **Soldado com armadura num mosaico do palácio imperial de Constantinopla. Está equipado com uma couraça metálica e uma peça com pteryges brancas que lhe protege as coxas. A espada pende-lhe do lado esquerdo de um cinto de couro vermelho e calça umas polainas pretas atadas com cordões de cor amarela ou dourada. (Museu do Mosaico, Istambul)**

o mais provável é que em vésperas da batalha houvesse cerca de 30.000 pessoas no acampamento godo, incluindo as mulheres, as crianças, os mutilados, os prisioneiros e os escravos. Os godos deviam dispor de entre 2.000 e 5.000 carros para se deslocar. Se com estes mesmos carros se formasse um círculo, uma vez soltos os animais e agrupados no centro, a circunferência resultante teria um diâmetro de entre 2 e 3 km, sendo necessário um dia completo de trabalho para formar o círculo. Em vez disto, é muito mais provável que várias famílias ou clãs se agrupassem em unidades mais pequenas com menos carros e que se situassem perto do ponto de abastecimento de água. Neste caso, com os carros restantes ter-se-ia formado uma barricada para proteger os lados mais vulneráveis do acampamento.

Os romanos começaram a dispersar cerca das duas da tarde. A cavalaria da ala direita estava à frente da coluna e adiantou-se ao resto do exército para proteger o destacamento. Entretanto, a infantaria começou a formar atrás da cavalaria da forma habitual, em duas linhas. A retaguarda da coluna ficou a cargo da cavalaria da ala esquerda.

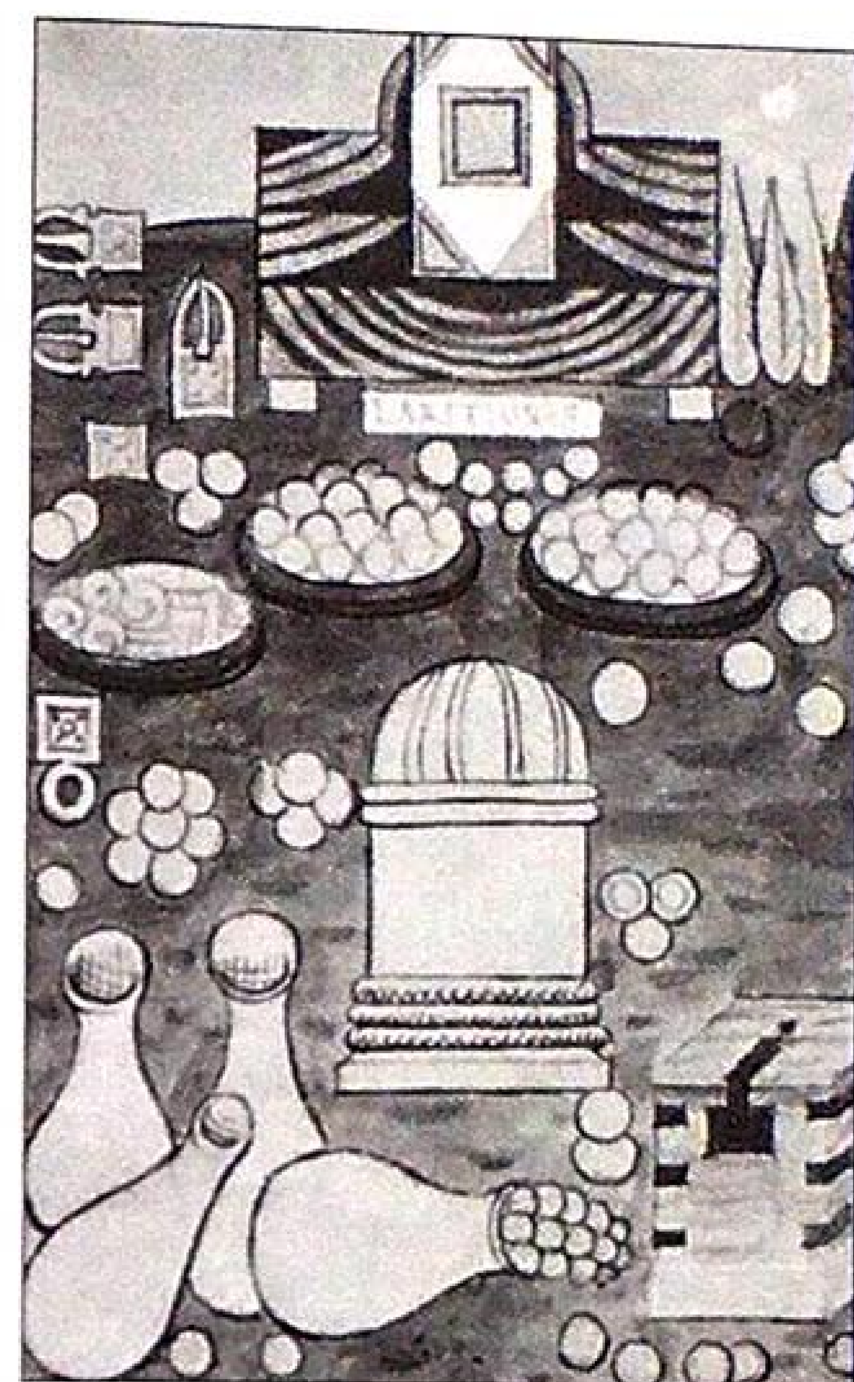
Ao estudar esta batalha, dá-se muitas vezes por assente que os godos permaneceram no seu acampamento e que lutaram por detrás da barricada. Contudo, é pouco provável que combatessem desta posição. A prática habitual consistia em enfrentar o inimigo em campo aberto e retirar-se para o acampamento apenas em caso de derrota. Se os godos tivessem ficado atrás da barricada de carros, não só teriam perdido a iniciativa face aos romanos, como não teriam podido fazer uso da sua táctica favorita: carregar contra o inimigo e combater corpo a corpo com lanças, espadas e escudos. O mais provável é que os godos formassem na crista das montanhas a sul de Muratçali, enquanto a maioria dos carros teriam sido escondidos atrás da cordilheira.

Segundo a descrição da batalha feita por Amiano, a batalha travou-se em campo aberto, não entre os carros. De facto, o historiador latino afirma que uma parte da linha romana conseguiu abrir passagem a golpe de espada até aos carros, dando a entender que a batalha se travara fora da barricada.

À medida que os romanos começaram a dispersar, Fritigerno procurou uma forma de ganhar tempo. Embora o chefe dos godos tivesse chamado todas as suas tropas para se reunirem com ele, nem todos os grupos de guerreiros se encontravam nas imediações do acampamento. Em concreto, os greutungos e os alanos, que tinham estado à procura de alimentos nas margens do Tundzha mais a norte, ainda não se tinham reunido com Fritigerno. Por isso, Fritigerno voltou a enviar emissários a Valente, aparentemente para tentar negociar um acordo de paz no último momento, mas o que na realidade o caudilho dos godos pretendia era ganhar tempo.

As negociações alongaram-se por questões técnicas e de protocolo. No início, os romanos repeliram os emissários godos por serem homens de classe baixa. Então, Fritigerno ofereceu-se para negociar em pessoa, e em troca os romanos enviavam como reféns alguns oficiais de alta patente. Valente propôs o seu parente, o tribuno Équito, mas este negou-se rotundamente, dado que, depois de ter sido feito prisioneiro de guerra em Dibaltum, conseguira fugir e temia que, se os godos voltassem a pôr as mãos em cima dele, o matassem. Finalmente, Ricomero ofereceu-se como voluntário para o intercâmbio.

Os motivos de Fritigerno para negociar eram claros. Precisava de ganhar tempo para que Alateu e Safrax pudessem chegar com os seus homens. O que não está tão claro é por que motivo Valente permitiu que as negociações se alongassem tanto. Se queria alcançar uma solução pacífica, já tinha tido



Insígnia do *Comes Sacrarum Largitionum*, o funcionário responsável pela gestão das finanças do Império. Valente levou consigo o tesouro imperial e deixou os seus funcionários civis em Adrianópolis encarregados do mesmo. Depois da batalha, os godos tentaram, sem êxito, capturar o tesouro. (*Notitia Dignitatum*, Bodleian Library, Oxford)

FASE 4: **Depois de perseguir os *scutarii* e os ginetes a cavalo que iniciavam a fuga, a cavalaria de greutungos e alanos sob o comando de Alateu e Safrax carrega contra a cavalaria romana da ala direita.**

FASE 4: **A cavalaria romana da ala direita, sob o comando de Cássio e Bacúrio, foge do campo de batalha. A cavalaria tenta reagrupar-se, mas os godos perseguem-na e acaba por fugir em debandada.**

FASE 6: **A cavalaria goda carrega contra o flanco direito da infantaria romana, que agora se encontra a descoberto.**

FASE 6: **A cavalaria da ala esquerda dispersa-se e acaba por fugir, deixando a descoberto o flanco da infantaria romana.**

FASE 5: **Algumas unidades da cavalaria da ala esquerda contagiam-se com o pânico dos *scutarii* e dos ginetes a cavalo, e iniciam a fuga sem lutar.**

FASE 7: **Quinta em que provavelmente Valente morreu.**

RIBEIRO

LEITO SECO DE UM RIBEIRO

VINHEDOS/OLIVAIS

QUINTA

CAMINHO NÃO PAVIMENTADO

FASE 6: **A infantaria romana, pressionada por todos os lados e incapaz de resistir ao embate da infantaria e da cavalaria godas combinadas, desmorona-se.**

FASE 7: **Os *batavi*, formados na retaguarda como tropas de reserva, fogem depois de presenciar o desabamento da linha romana.**

GODOS

- **1** Infantaria de tervíngios e cavalaria desmontada
- **2/3** Cavalaria de greutungos e alanos
- **4** Barricadas de carros
- **5** Principal acampamento godo
- **6** Fritigerno
- **7** Alateu
- **8** Safrax

ROMANOS

- **A** Grosso da cavalaria da ala direita
- **B** Primeira linha de infantaria romana *(auxilia palatina)*
- **C** Cavalaria romana da ala esquerda
- **D** Valente
- **E** Cássio e Bacúrio
- **F** Trajano
- **G** Victor
- **H** Remanescente da cavalaria da ala direita
- **I** Segunda linha de infantaria romana *(legiones palatinae)*
- **J** *Matiarii*
- **K** *Lanciarii*
- **L** *Batavi*



FASE 5: **A cavalaria romana da ala esquerda adianta-se e ataca os godos que perseguem a vanguarda romana. Num primeiro momento, o ataque da cavalaria da ala esquerda tem êxito e os romanos conseguem penetrar até às barricadas de carros.**



FASE 5: **A cavalaria romana da ala esquerda repele uma parte da cavalaria de greutungos.**

FLORESTA

FASE 4: **A infantaria pesada de tervíngios e a cavalaria desmontada descem a colina à pressa e carregam contra a infantaria romana.**



TERRENO ACIDENTADO COM ERVAS DANINHAS

FASE 5: **A colisão entre a infantaria romana e a infantaria de tervíngios resolve-se com o típico movimento de pêndulo provocado pela pressão de cada uma das linhas sobre a contrária.**

FASE 4: **A cavalaria foge, e deixa desprotegida a infantaria antes que possa completar a sua formação..**

FASE 7: **Victor sai à procura das tropas romanas de reserva e apercebe-se de que fugiram. Victor e o que restava da cavalaria da ala direita também dão início à fuga.**

FASE 7: **No meio da debandada geral, algumas unidades de elite, como os *lanciarii* e os *matiarii*, mantêm-se nos seus postos. Valente refugia-se entre as fileiras destas unidades.**

A BATALHA DE ADRIANÓPOLIS

9 de Agosto de 378 d.C. Vista de sudeste, na qual se mostra como a cavalaria goda, depois de derrotar a cavalaria romana, carrega contra o flanco da infantaria romana.

Moeda de ouro com o busto de Valente no anverso e a representação do imperador em atitude vitoriosa no reverso. Esta moeda deve ter sido cunhada para comemorar as suas vitórias contra os godos no início do seu reinado. (Museu Arqueológico, Istambul)



ocasião para isso quando os emissários godos o visitaram pela primeira vez em Adrianópolis, mas nessa altura o imperador negou-se a atender as suas propostas. É possível que ao ver a posição dos godos, Valente começasse a duvidar das suas possibilidades de vitória. Talvez também se apercebesse de que não tinha a superioridade numérica que esperava e que, nessas circunstâncias, o mais aconselhável era resolver a disputa com um pacto. Outra possibilidade é que também o imperador do Oriente pretendesse ganhar tempo para que Graciano pudesse chegar com os reforços. Em todo o caso, antes de Ricomero chegar ao acampamento godo em missão diplomática, oficiais romanos de escassa patente precipitaram o início da batalha sem que o imperador tivesse conhecimento disso.

Começa a batalha

Os escaramuçadores romanos da ala direita, encarregados de proteger o destacamento dos romanos e vigiar os movimentos inimigos, deram sinal de início ao combate com os godos sem terem recebido quaisquer ordens. Desconhece-se o que aconteceu. Amiano conta que uma unidade de arqueiros e *scutarii* sob o comando de Cássio e Bacúrio «lançou um ataque impulsivo contra o inimigo». Os *scutarii* deviam ser uma das unidades de cavalaria de elite das *scholae.*

É pouco provável que estas tropas atacassem a barricada de carros. O que devem ter feito foi explorar o terreno, deslocando-se para a esquerda à procura de um ponto fraco nas defesas do inimigo. Também é provável que os



Nobre acompanhado por um séquito armado numa lápide do século III-IV. A figura mais pequena é um escravo. (Museu Arqueológico, Istambul)

exploradores pretendessem averiguar o que havia por detrás da cordilheira, uma vez que as montanhas os impediam de ver para oeste.

O trabalho dos escaramuçadores consistia em serem os olhos e os ouvidos do exército, vigiando o inimigo e evitando que interferisse nos movimentos das suas próprias tropas. Os escaramuçadores combatiam à distância com armas de projéctil e recorriam a ataques relâmpago. Quando se viam obrigados a lutar corpo a corpo, eram quase sempre derrotados. No caso que agora nos ocupa, parece que os escaramuçadores romanos se envolveram numa acção para a qual não estavam preparados. Outra possibilidade é que o seu ataque se devesse à arrogância dos *scutarii*, dado que por serem uma unidade de cavalaria de elite bem equipada, talvez pensassem que podiam derrotar sem grandes problemas os godos que encontrassem no seu caminho.

Seja qual for o motivo da refrega, o resultado foi previsível: «A sua retirada foi tão cobarde quanto precipitado tinha sido o ataque», assinala Amiano. Para complicar ainda mais as coisas, a cavalaria romana que batia em retirada «provocou o ataque da cavalaria goda comandada por Alateu e Safrax, que acabavam de chegar acompanhados de um grupo de alanos. [A cavalaria goda] saiu disparada como um raio e pôs em debandada todos os que encontrava no seu caminho, causando uma grande mortandade [entre os romanos]».



Oficial bizantino com uma couraça anatómica num mosaico do século VI proveniente de Argos, Grécia. Também usa uma peça com tiras ou franjas de couro que lhes protegem as coxas e os ombros. Veste uma túnica vermelha de manga comprida, pois, ao que parece, o vermelho era a cor favorita dos militares. Tal como a maioria dos soldados romanos que estavam destacados em climas quentes, este oficial não usa calças. (Fotografia do autor)

Enquanto os greutungos e os alanos perseguiam a cavalaria romana da ala direita, os tervíngios lançaram um ataque contra toda a linha inimiga antes que os romanos pudessem terminar o destacamento. A cavalaria da ala esquerda ainda não tinha ocupado a sua posição e tinha dificuldades para se movimentar para a esquerda descendo uma ladeira a pique. É igualmente possível que parte da infantaria também não estivesse na sua posição.

Amiano faz uma vívida descrição daquilo que aconteceu a seguir: «As nossas tropas em retirada reagruparam-se, chamando-se aos gritos uns aos outros para infundirem coragem, mas quando o combate se propagou como fogo e muitos foram atravessados por setas e dardos, o moral [dos soldados] baixou. Seguidamente ocorreu o choque das duas linhas adversárias, como dois barcos de guerra que se empurram de um lado para o outro. [...] A nossa ala esquerda conseguiu penetrar [nas fileiras inimigas] até chegarem os carros, e teria chegado ainda mais longe se a tivessem apoiado, mas foi abandonada pelo resto da cavalaria. Face à grande desvantagem numérica, [a ala esquerda] acabou por ceder e desmoronou-se como um dique.»

É provável que a cavalaria romana da ala direita chegasse a reagrupar-se, mas foi atacada sem piedade pela cavalaria goda e alana, provocando a sua debandada. Na sua fuga, a cavalaria da ala direita teve de passar de longe pela cavalaria da ala esquerda no momento em que esta tentava avançar para armar fileiras. É provável que, inicialmente, as primeiras filas da ala esquerda enfrentassem a cavalaria goda com um certo êxito, empurrando os godos de volta à barricada de carros. Este êxito ficou a dever-se, sem dúvida, ao facto de os romanos terem surpreendido os perseguidores godos quando estes carregavam em desordem. No entanto, o pânico dos *scutarii* e dos arqueiros a





Depois de porem em fuga a cavalaria romana, os ginetes greutungos e alanos carregaram contra o flanco da infantaria romana. Nesse momento, a infantaria romana já tinha travado combate com a infantaria de tervíngios. O resultado foi catastrófico. A confusão e a desordem instalaram-se nas fileiras romanas, e os soldados começaram a apertar-se ao ponto de lhes ser impossível mover-se. (Howard Gerrard)

cavalo na sua precipitada fuga contagiou-se às unidades de retaguarda da cavalaria romana, e em vez de apoiarem as primeiras filas, voltaram para trás e fugiram com o resto da ala direita. Por sua vez, as tropas de Fritigerno desceram à pressa a encosta da serra e carregaram com todas as suas forças contra a infantaria romana. Entretanto, a cavalaria romana da ala esquerda foi derrotada pelos godos e alanos. Isto fez com que o lado esquerdo da linha de infantaria romana ficasse exposto, facto aproveitado pela cavalaria goda para carregar pelo flanco.

A última defesa

A infantaria romana, abandonada à sua sorte pela cavalaria, era pressionada por todos os lados. A descrição de Amiano sobre a confusão que se apoderou dos soldados permite reviver a batalha ao mesmo tempo que reflecte as vivências do autor no combate:

> «As nuvens de pó ocultavam o céu que se agitava com gritos espantosos. Devido ao pó era impossível ver e evitar os projécteis atirados pelo inimigo. Todos os projécteis acertavam no alvo e semeavam a morte por toda a parte. Os bárbaros penetraram de enxurrada [na nossa formação], agrupados em enormes colunas, e esmagaram homens e cavalos, destroçando as nossas fileiras para impedir que os soldados pudessem retirar-se em ordem.
>
> Muitos soldados deram início à fuga, mas algumas unidades de elite mantiveram-se firmes nos seus postos. Duas das *legiones palatina* de maior patente do exército, os *lanciarii* e os *matiarii*, não se deixaram amedrontar pelo embate dos godos nem pela confusão reinante. Aparentemente, Valente ia a pé e tinha sido abandonado por quase todos os seus guarda-costas. O imperador conseguiu reunir-se com eles e ordenou depois a Trajano e a Victor que trouxessem as tropas de reserva, mas já não estavam no seu lugar. Victor procurou os *batavi*, que tinham sido dispostos não muito longe, mas já tinham fugido. Victor também fugiu, tal como Ricomero e Saturnino, abandonando o imperador à sua sorte.»

Existem duas versões sobre a morte de Valente. A primeira diz que foi morto por uma seta e que caiu entre as fileiras dos poucos *lanciarii* e *matiarii* que restavam em pé, mas o seu corpo nunca foi encontrado. A segunda versão também conta que Valente foi ferido por uma seta, mas que não morreu na altura, tendo sido levado por alguns eunucos e soldados da guarda para a casa de uma quinta próxima. Os godos atacaram a casa sem saberem que o imperador se encontrava nela. Num primeiro momento, os defensores conseguiram repelir os godos com descargas de setas, mas estes voltaram e amontoaram ervas e palha junto à casa, e deitaram-lhe fogo. Um dos homens saltou por uma janela e foi feito prisioneiro, mas os outros, inclusive Valente, morreram no incêndio. Algum tempo depois, o prisioneiro conseguiu libertar-se do seu cativeiro e contou a história.

Segundo Amiano, duas terças partes do exército romano morreram em Adrianópolis. Entre as baixas encontravam-se, além do imperador, Trajano, Sebastião e 35 tribunos. Amiano compara a matança sofrida em Adrianópolis com a de Canas.

O DIA SEGUINTE

«Depois da fatal batalha, quando a negra noite cobriu a Terra, os sobreviventes dispersaram por todo o lado levados pelo pânico. [...] Ao longe ouviam-se os patéticos gritos dos que tinham ficado para trás, os soluços dos moribundos e os gemidos agonizantes dos feridos.»

(Amiano Marcelino)

No dia a seguir à batalha, os godos dirigiram-se para Adrianópolis porque alguns desertores lhes tinham contado que Valente deixara a insígnia e o tesouro imperial na cidade. Os godos cercaram a cidade e tentaram, sem êxito, assaltar as muralhas. Muitos romanos desertaram e juntaram-se aos godos, incluindo vários *candidati* (membros da guarda pessoal do imperador), os quais Fritigerno tentou usar para que lhe facilitassem a entrada na cidade mediante um acto de traição. Quando este estratagema fracassou, os godos abandonaram o cerco e, acompanhados pelos hunos, os alanos e os desertores romanos, dirigiram-se para as férteis terras baixas da Trácia, na zona de Perinto (Mármara Ereglisi, Turquia), a fim de as saquear.

Por último, os godos decidiram cercar Constantinopla, mas rapidamente se aperceberam de que lhes seria impossível tomar a cidade, uma vez que, segundo Amiano, «contemplaram as longas muralhas da cidade [...] e o próximo estreito que separa o mar Negro do Egeu». Os godos também sofreram numerosas baixas por causa da saída repentina de um contingente de mercenários árabes que defendia a cidade. Amiano descreve vividamente este episódio:



Nesta pintura do século IX pode ver-se o imperador Constantino e alguns dos seus guardas pessoais, os *candidati*. Os guardas vestem túnicas brancas decoradas com motivos em vermelho e ouro. Os seus escudos são lisos e vermelhos, com o bordo azul. Depois da batalha de Adrianópolis, vários dos *candidati* de Valente que desertaram juntaram-se aos godos. (Bibliothèque Nationale, Paris)



A última defesa. Quando o seu exército fugiu em debandada, Valente refugiou-se entre as filas dos *lanciarii* e dos *mattiarii*, que permaneceram nos seus postos apesar da fúria do ataque godo. No entanto, a situação era desesperada e Valente morreu juntamente com a maioria dos [illegible] destas duas unidades de veteranos. Depois do massacre de Adrianópolis, o [illegible] não voltaria a ser o mesmo. (Howard Gerrard)



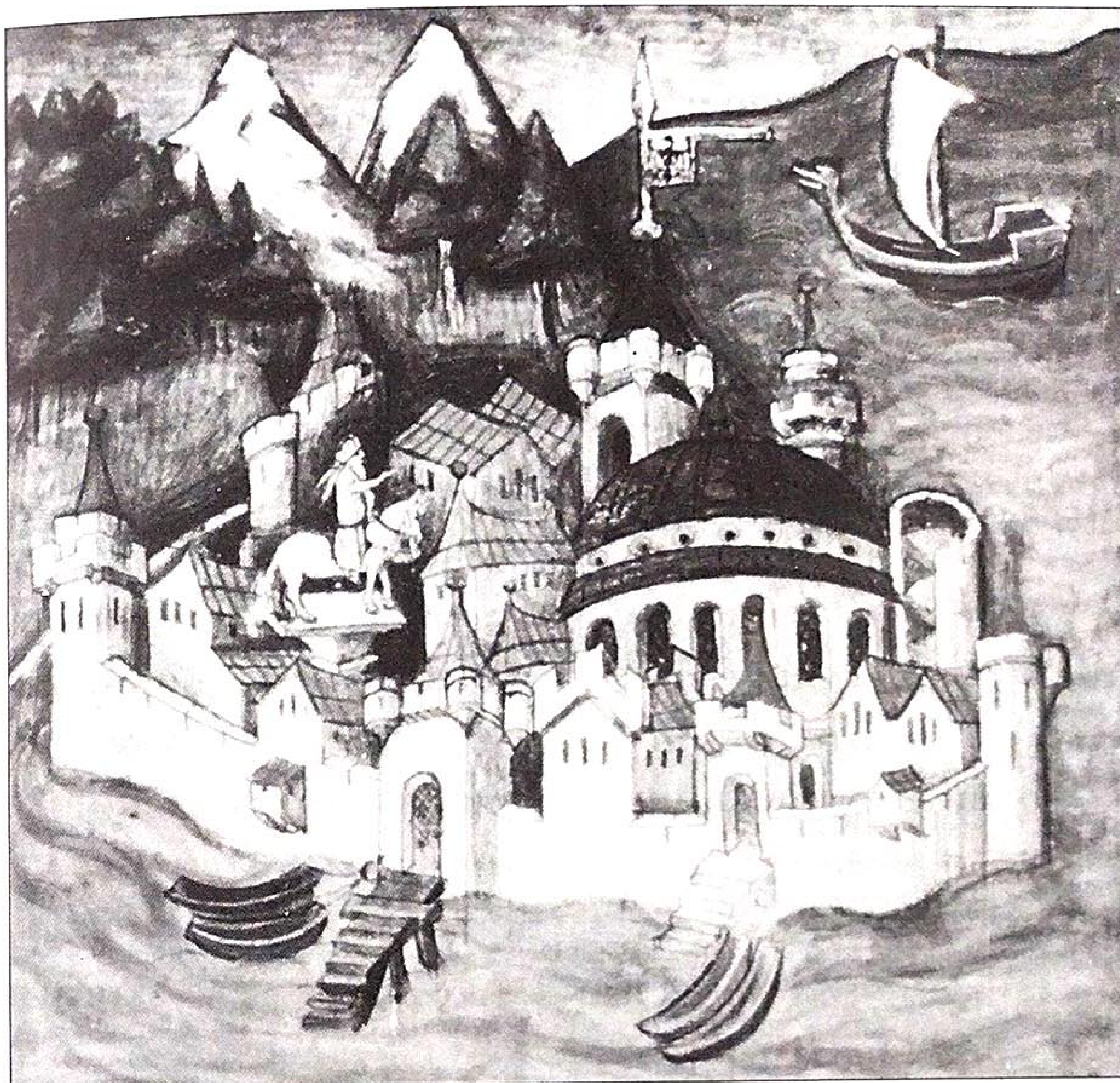
Pormenor da base de um obelisco erigido por Teodósio I em Constantinopla (actual Istambul). Os homens da segunda fila são soldados, provavelmente godos recrutados depois do tratado de 382. Distinguem-se dos romanos por usarem o cabelo comprido. (Fotografia do autor)



«Os sarracenos [...] foram avisados de que deveriam ir para a cidade. Estão mais habituados a combater aplicando a guerra de guerrilhas do que seguindo as regras de uma batalha formal. Quando a hoste de bárbaros [godos] apareceu de improviso, [os sarracenos] saíram com grande audácia da cidade e atacaram-nos. Depois de um longo e duro combate, os adversários separaram-se em igualdade de condições. Não obstante, um incidente insólito deu a vantagem aos guerreiros do Oriente. Um deles, um homem de cabelo comprido vestido apenas com uma tanga, desembainhou a sua adaga e lançou-se, proferindo uns gritos que faziam gelar o sangue, sobre a hoste de godos. [O guerreiro sarraceno] cortou a garganta a um godo e, acto seguido, pôs os seus lábios na ferida e começou a chupar-lhe o sangue. Este macabro espectáculo aterrorizou os bárbaros, que perderam a sua habitual galhardia e mostraram-se vacilantes no seu avanço.»

A escassez de víveres obrigou os godos a entrarem novamente na Trácia, em direcção à Ilíria e à Dácia. Entretanto, Graciano retirou-se para oeste, abandonando a campanha dos Balcãs. Em Janeiro de 379, Graciano proclamou Teodósio imperador do Império do Oriente e pôs nas suas mãos a responsabilidade de dirigir a guerra. Entretanto, no Império do Oriente, os generais romanos massacraram todos os soldados godos que serviam no exército com receio de que se rebelassem.

A guerra prolongou-se por mais quatro anos, durante os quais os godos não conseguiram tomar nenhuma cidade importante, mas os romanos também não foram capazes de derrotar os godos. Teodósio conseguiu novas tropas do Egipto e da Síria, e recrutou várias tribos bárbaras prove-



Estampa de Constantinopla tirada da *Notitia Dignitatum*. Esta relação de oficiais militares e funcionários dos séculos IV-V constitui uma valiosa fonte de informação sobre o exército romano do período tardio. (*Notitia Dignitatum*, Bodleian Library, Oxford)

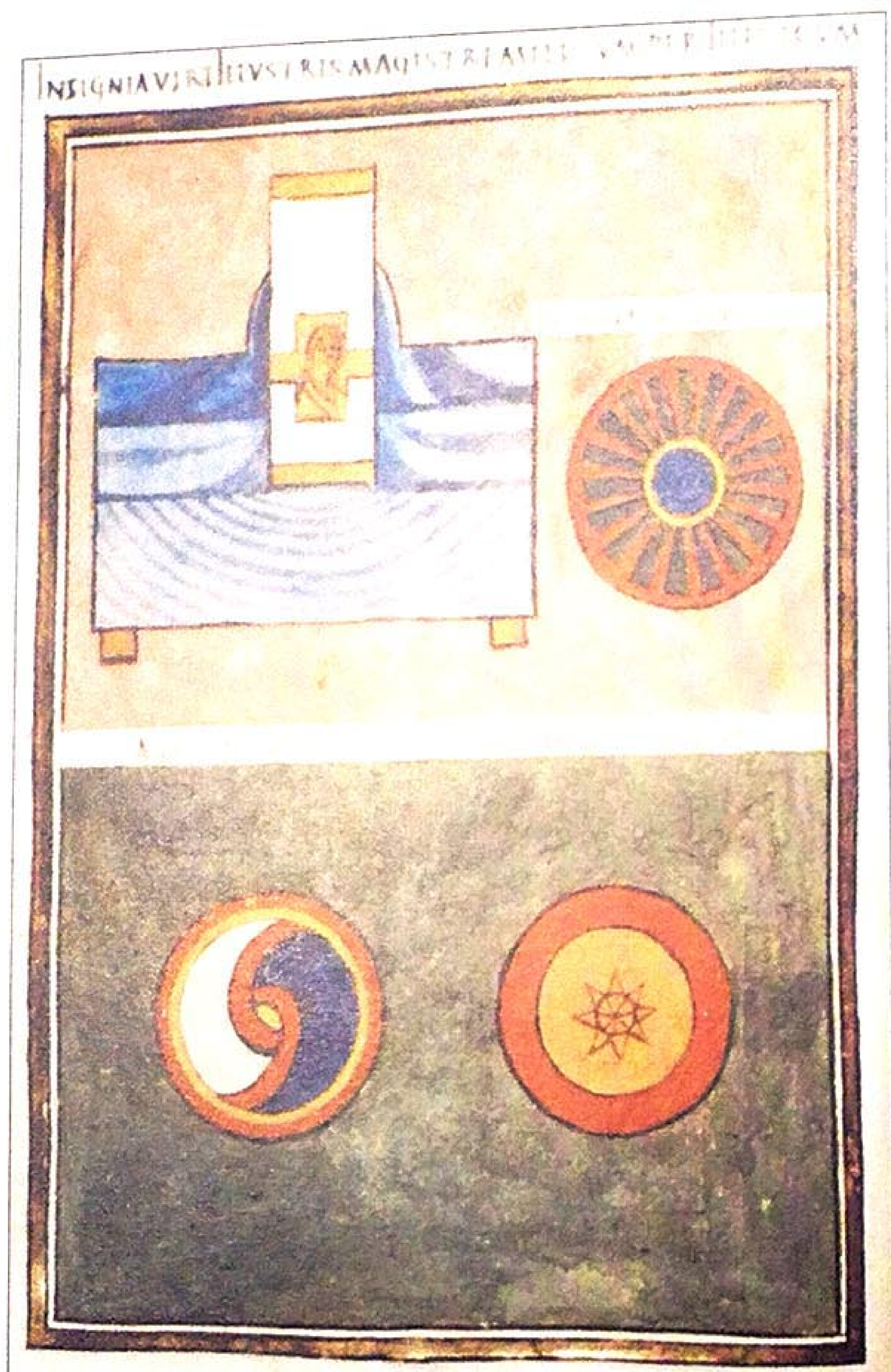
nientes da região situada a norte do Danúbio. Modares, um godo ao serviço de Roma que tinha conseguido sobreviver à purga do exército e que continuava leal aos romanos, liderou com êxito vários contra-ataques, empurrando os seus compatriotas para a Ilíria, onde uma vez mais se dividiram em diferentes grupos de guerreiros. Segundo parece, Alateu e Safrax dirigiram-se para norte através da Panónia, mas foram detidos por Graciano, enquanto Fritigerno atacou com êxito o exército de Teodósio na Macedónia, empurrando deste modo os romanos do Oriente para Constantinopla.

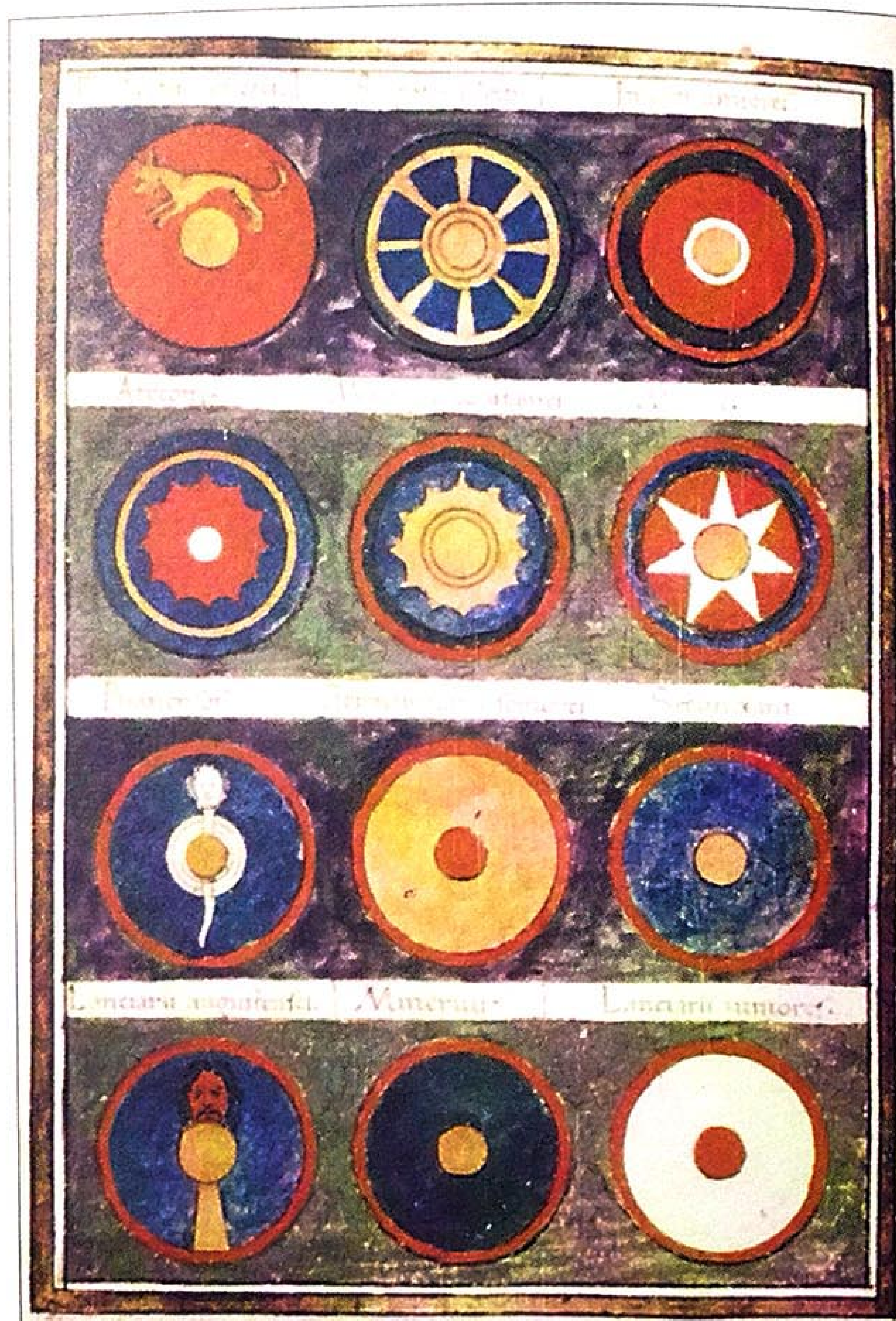
Como nenhum dos dois lados conseguia fazer progressos significativos, godos e romanos optaram pela negociação para tentar alcançar um acordo. Foi deste modo que em 3 de Outubro de 382 se assinou um tratado no qual se reuniam basicamente as condições do tratado de 376. Fritigerno e os seus receberam terras na Trácia, na margem meridional do Danúbio, para que se pudessem estabelecer. Em troca da terra e de um alto grau de autonomia, os godos comprometiam-se a proporcionar tropas ao exército romano, e muitos deles serviram em 378, sob o comando de Teodósio, na campanha contra o usurpador Máximo. Pacato, num panegírico dirigido ao imperador Teodósio, descreve a mobilização para esta campanha:

> «Tu [Teodósio] concedeste o privilégio de ser teus soldados aos povos bárbaros, aqueles que tinham prometido servir-te voluntariamente para substituir umas tropas de duvidosa lealdade na fronteira, assim como para reforçar o teu exército. [Desde então] seguiram os estandartes contra os que antes tinham combatido. Ali marcharam, sob a bandeira e comando romanos, os que antigamente foram inimigos de Roma, e

Selo de Alarico, chefe dos guerreiros cujos antepassados tinham lutado vitoriosamente em Adrianópolis. Alarico e os seus saquearam Roma em 410. (Kunsthistorisches Museum, Viena)







Insígnia do *magister militum per Illyricum*, general do exército regional de operações na Ilíria, cargo para o qual Alarico foi nomeado naquela época. É provável que este exército tenha sido criado depois de Adrianópolis, mas muitas das suas unidades já teriam servido na região durante a campanha contra os godos. (*Notitia Dignitatum*, Bodleian Library, Oxford)

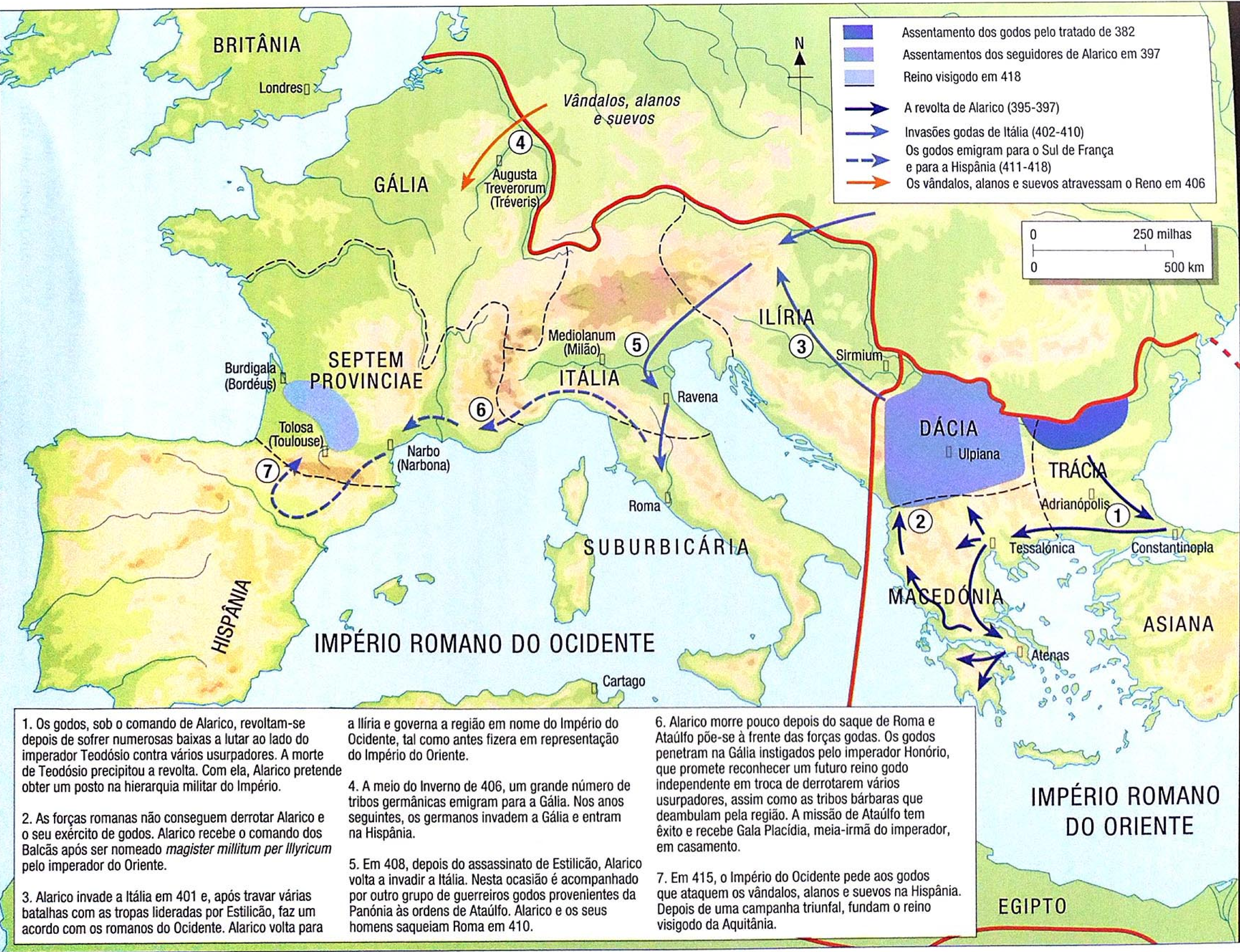
com os seus soldados encheram as cidades da Panónia que pouco tempo atrás tinham saqueado com violência. O godo, o huno e o alano responderam aos seus nomes [...]».

Os bárbaros estavam há muito tempo a servir no exército romano e inclusive alguns prisioneiros de guerra tinham-se tornado colonos militarizados destinados a proteger as fronteiras. Contudo, o tratado de 382 era diferente, já que pela primeira vez era permitido a um povo inteiro instalar-se em território do Império, conservar as suas próprias leis e combater nas filas romanas como um corpo independente sob o comando dos seus próprios chefes.

A paz não durou muito. Depois de desempenhar um papel muito importante na vitória de Teodósio sobre os usurpadores Máximo e Eugénio, os godos voltaram a rebelar-se. É provável que a revolta tenha sido provocada pelo elevado número de baixas sofridas pelos godos nestas campanhas. É possível que o alto preço que pagaram por servir Teodósio os levasse a procurar a maneira de exercer um maior controlo sobre o seu próprio destino.

Os godos invadiram a Grécia e a Ilíria sob o comando de Alarico, e com esta acção inauguraram um período de hostilidade aberta no qual se sucediam guerras e frágeis tréguas. O objectivo de Alarico e, por extensão, dos godos não era fundar um reino independente, mas aceder à hierarquia do comando militar do Império. Segundo parece, Arcádio, que em 395 sucedeu a Teodósio no trono do Império do Oriente, nomeou Alarico *magister militum per Illyricum* durante algum tempo. No seu novo cargo, Alarico

OS DOIS IMPÉRIOS DEPOIS DA BATALHA DE ADRIANÓPOLIS (382-418 D.C.)



1. Os godos, sob o comando de Alarico, revoltam-se depois de sofrer numerosas baixas a lutar ao lado do imperador Teodósio contra vários usurpadores. A morte de Teodósio precipitou a revolta. Com ela, Alarico pretende obter um posto na hierarquia militar do Império.

2. As forças romanas não conseguem derrotar Alarico e o seu exército de godos. Alarico recebe o comando dos Balcãs após ser nomeado *magister millitum per Illyricum* pelo imperador do Oriente.

3. Alarico invade a Itália em 401 e, após travar várias batalhas com as tropas lideradas por Estilicão, faz um acordo com os romanos do Ocidente. Alarico volta para a Ilíria e governa a região em nome do Império do Ocidente, tal como antes fizera em representação do Império do Oriente.

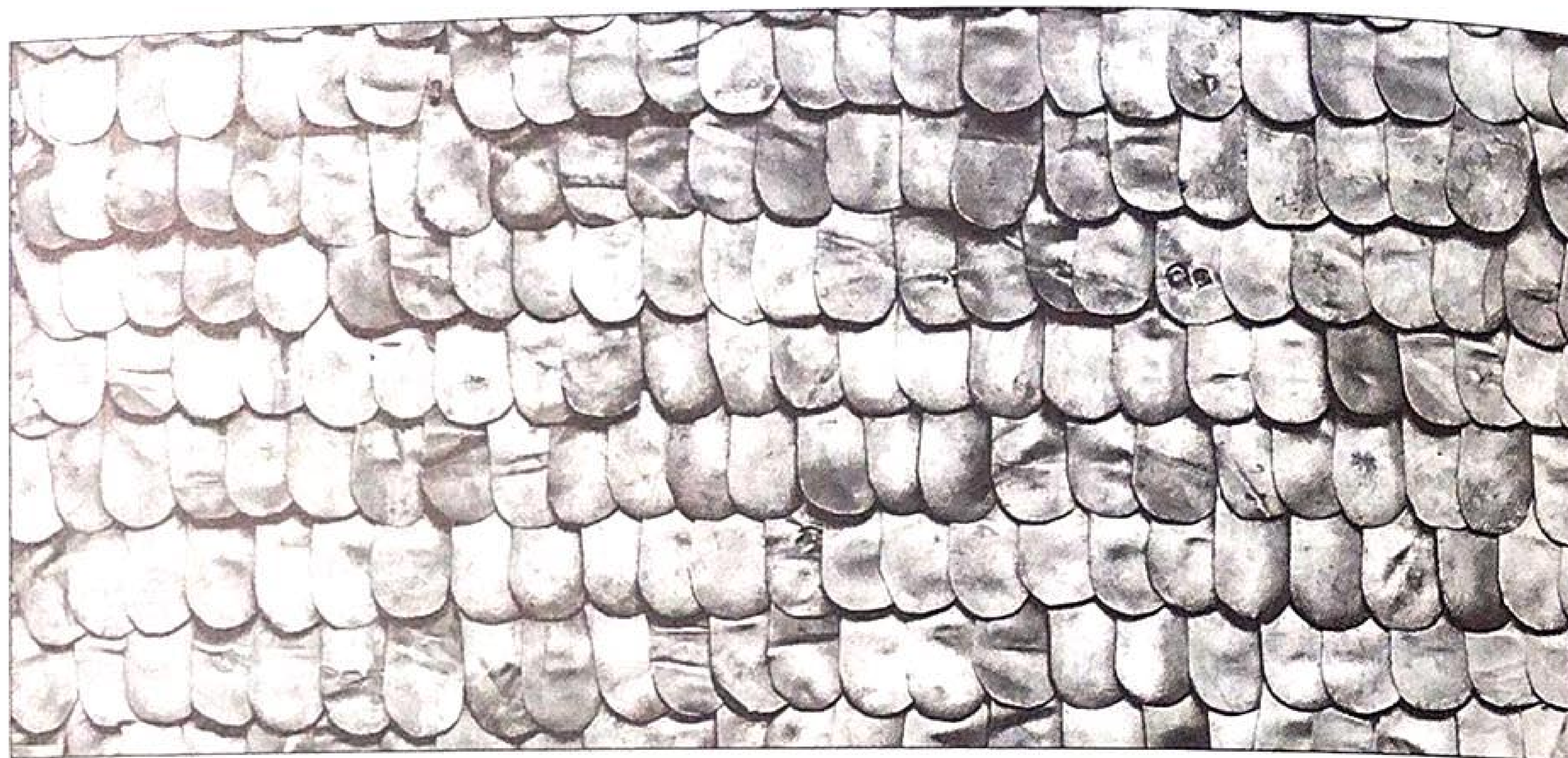
4. A meio do Inverno de 406, um grande número de tribos germânicas emigram para a Gália. Nos anos seguintes, os germanos invadem a Gália e entram na Hispânia.

5. Em 408, depois do assassinato de Estilicão, Alarico volta a invadir a Itália. Nesta ocasião é acompanhado por outro grupo de guerreiros godos provenientes da Panónia às ordens de Ataúlfo. Alarico e os seus homens saqueiam Roma em 410.

6. Alarico morre pouco depois do saque de Roma e Ataúlfo põe-se à frente das forças godas. Os godos penetram na Gália instigados pelo imperador Honório, que promete reconhecer um futuro reino godo independente em troca de derrotarem vários usurpadores, assim como as tribos bárbaras que deambulam pela região. A missão de Ataúlfo tem êxito e recebe Gala Placídia, meia-irmã do imperador, em casamento.

7. Em 415, o Império do Ocidente pede aos godos que ataquem os vândalos, alanos e suevos na Hispânia. Depois de uma campanha triunfal, fundam o reino visigodo da Aquitânia.

A armadura de escamas era um substituto habitual da cota de malha e talvez fosse mais utilizada na parte oriental do Império do que na ocidental. Este tipo de armadura era feita com várias filas de pequenas escamas de bronze. Os oficiais e os guardas por vezes usavam armaduras de escamas banhadas a prata e/ou ouro. (National Museums of Scotland, Escócia)



enfrentou os exércitos do Ocidente sob o comando de Estilicão e encabeçou, sem êxito, a invasão da Itália. Mais tarde, Alarico mudou de lado e controlou a Ilíria em nome do imperador do Ocidente. Este estudo não pretende contar a história dos descendentes dos godos que atravessaram o Danúbio em 376. Mesmo assim, merece a pena assinalar que os descendentes daqueles refugiados invadiram a Itália pela segunda vez em 409 e em 410 saquearam Roma. Por último, oito anos depois fundaram o reino visigodo no Sul de França, que mais tarde incluiria parte da Península Ibérica.

Causas da derrota romana

Como é possível que o exército mais bem organizado, equipado e disciplinado do mundo fosse esmagado por uma multidão de refugiados e desertores? Ao longo dos anos, várias hipóteses foram formuladas para explicar um facto tão insólito. Alguns historiadores sugerem que os godos contavam com uma grande superioridade numérica, citando números de até 200.000 guerreiros, quando, na realidade, se teriam podido considerar afortunados se no dia da batalha tivessem à sua disposição a décima parte desse número. Outros historiadores sugerem que a chave da derrota romana esteve na superioridade táctica da cavalaria frente à infantaria, quando de facto a batalha consistiu num confronto clássico entre duas forças de infantaria, no qual uma acção afortunada da cavalaria goda fez a balança inclinar-se a favor do seu lado. Alguns historiadores modernos afirmam sem ofensa que os ginetes godos se impuseram aos romanos porque utilizavam estribos, quando esta peça só foi introduzida na Europa depois da chegada dos ávaros vários séculos depois.

Os romanos perderam a campanha de Adrianópolis por diferentes razões tanto estratégicas como tácticas, algumas das quais foram bastante triviais. No aspecto estratégico, por causa da pressão que os romanos tinham de suportar nas fronteiras, não foram capazes de reunir suficientes tropas de alto rendimento para eliminar de forma rápida e contundente a ameaça que os godos constituíam. Por outro lado, todos os generais romanos, com a possível excepção de Sebastião, actuaram com a típica arrogância de um exército bem equipado e «civilizado» que se defronta com uma ralé. Os generais romanos travaram batalha em três ocasiões com os godos (Marcianópolis, Ad Salices e Adrianópolis) e nas três careceram da preparação e do conhecimento exaustivo das dimensões e dos movimentos do inimigo. Definitivamente, os generais romanos deixaram-se arrastar pelo seu desejo de lutar, sem se certificarem de que todos os factores estavam a seu favor.

É também provável que o moral e o rendimento do exército do Oriente estivessem bastante baixos inclusive antes de começar a campanha. Tinham sofrido, 13 anos antes, uma humilhante derrota às mãos dos persas e é possível que o exército ainda não se tivesse recuperado desse golpe. Por outro lado, o exército, tal como a sociedade da época, estava dividido pelas disputas religiosas entre pagãos, arianos e católicos. Alguns historiadores sugeriram que a cavalaria, influenciada por Victor, *magister equitum* de fé católica, pôde abandonar Valente de maneira deliberada por professar o arianismo.

Por último, os fracassos romanos contrastam com a grande capacidade estratégica de que Fritigerno fez gala. Apesar dos graves problemas logísticos que o chefe dos godos teve que enfrentar, foi capaz de ditar as condições e o *tempo* com que se desenrolou toda a campanha. No aspecto táctico, os godos saíram vitoriosos graças aos seus guerreiros estarem bastante frescos, sobretudo se se compararem com os romanos, queimados pelo sol, sedentos e esgotados, e se se tiver em conta que estes foram surpreendidos pelo imprevisto aparecimento dos reforços inimigos. O rendimento da cavalaria romana na batalha foi muito pobre, e a sua falta de disciplina, alarmante. Os godos repeliram sem demasiados problemas os ginetes romanos, e alguns desertaram sem dar luta. Ao faltar o apoio da cavalaria, a infantaria romana foi atacada pelo flanco enquanto combatia na frente. Apesar da heróica resistência de algumas unidades, a derrota foi inevitável. Embora, em termos gerais, a infantaria romana tenha lutado melhor do que a cavalaria, sabe-se que pelo menos uma unidade palatina (os *batavi*) fugiu do campo de batalha sem dar luta.

Neste fragmento de uma estátua do século IV pode ver-se uma armadura de escamas em pormenor. É provável que a estátua representasse um imperador, pois é uma cópia de outra na qual aparecem Diocleciano e os seus co-imperadores. (Museu Arqueológico, Istambul)



Transcendência da batalha

O tema da verdadeira transcendência da batalha de Adrianópolis é um dos temas que os historiadores gostam de discutir. Não há dúvida de que a batalha implicou uma catastrófica derrota para o Império Romano. Antes de Adrianópolis, outros imperadores tinham perdido a vida no campo de batalha e muitos exércitos romanos tinham sido aniquilados, mas a particularidade de Adrianópolis é que mostrou as debilidades estratégicas do Império e alterou o *statu quo* de forma definitiva.

A vitória goda em Adrianópolis e o posterior fracasso dos sucessivos exércitos romanos para derrotar os godos mostrou a outros povos do outro lado do Reno e do Danúbio que era possível apoderar-se de um território do Império. Os francos, alamanos, burgúndios, suevos, vândalos, assim como outros grupos de alanos e godos, seguiram os passos de Fritigerno e dos seus, e atravessaram de forma massiva as fronteiras um ano depois de Adrianópolis. Entretanto, Teodósio teve consciência de que era mais fácil incorporar os godos ao seu exército para que lutassem contra os inimigos do Império, do que recrutar novas tropas romanas de duvidosa destreza para que combatessem contra esses mesmos inimigos, ao mesmo tempo que vigiavam os godos. Depois de Adrianópolis, o papel das tropas regulares romanas foi perdendo importância e as unidades móveis de *comitatenses* pareciam-se cada vez mais com os *limitanei*, que permaneciam sempre no mesmo lugar. Apesar de o exército do Oriente ter sido, de longe, o que ficou mais maltratado em

A cota de malha era a armadura mais utilizada no século IV. É provável que os soldados a usassem sobre uma peça acolchoada de couro, a fim de amortecer um possível impacto. (National Museums of Scotland, Escócia)



Adrianópolis, como já lhe tinha acontecido 15 anos antes na campanha contra os persas, a verdade é que a metade ocidental do Império foi a que mais sofreu os efeitos da batalha a longo prazo. Quando Teodósio se serviu com êxito dos godos para combater os seus rivais do Ocidente, o imperador abriu um perigoso precedente. A partir daí, quando um grupo de bárbaros dava demasiados problemas às autoridades do Império do Oriente, era-lhe concedido o estatuto de soldados romanos e eram encorajados a emigrarem para o Império do Ocidente.

Se os godos não tivessem ganho a batalha de Adrianópolis, a história posterior do Império Romano do Ocidente teria sido muito diferente. Seria exagerado dizer que o Império Romano do Ocidente não se teria desmoronado, mas se os godos tivessem sido derrotados em Adrianópolis, Roma não teria sido saqueada em 410 por Alarico e a história das invasões germânicas teria sido muito diferente.

A derrota romana em Adrianópolis também provocou várias mudanças nos métodos de combate, embora, na realidade, essas modificações não tenham sido fruto de uma mudança revolucionária de paradigma, mas sim uma consequência de um longo processo. Depois de Adrianópolis, a crescente dependência de *foederati* germânicos por parte do exército romano mudou profundamente a forma de fazer as guerras. À medida que a fiabilidade dos exércitos regulares diminuía, os imperadores, generais e, inclusive, alguns cidadãos optaram por contratar guardas privadas de guerreiros, em geral germânicos.

Apesar de depois de Adrianópolis os guerreiros a cavalo se terem transformado num elemento-chave dos exércitos romanos, seria errado concluir que este fenómeno foi o resultado directo da eficácia da cavalaria goda na batalha. Desde o século III, a cavalaria romana não tinha parado de aumentar. Os guerreiros germânicos, ao tornarem-se o pilar dos principais exércitos depois de Adrianópolis, levaram este processo para a fase seguinte. Os homens de Fritigerno e os seus descendentes não eram soldados nem de cavalaria nem de infantaria. A flexibilidade caracterizava este tipo de guerreiros. Quando conseguiam cavalos, utilizavam-nos para ter uma maior mobilidade, mas na hora de combater decidiam se o faziam a pé ou a cavalo em função das considerações tácticas do momento.

O CAMPO DE BATALHA, HOJE

A cidade de Edirne, a actual Adrianópolis, encontra-se a pouco mais de duas horas de Istambul pela auto-estrada. Se não se dispõe de carro, há também uma linha de comboio, porém, no momento de escrever o presente livro, a viagem de comboio durava seis horas.

Em Edirne as fronteiras da Turquia, Grécia e Bulgária coincidem. A localização fronteiriça da cidade teve influência na arquitectura e no ambiente da cidade, dando-lhe um inconfundível sabor balcânico. Edirne conta com vários hotéis, a maioria especializados em hospedar os camionistas do Leste da Europa, assim como os trabalhadores turcos emigrantes que vão ou regressam da Alemanha e da Áustria. Não é necessário reservar quarto com antecedência, excepto no início de Julho, quando a cidade celebra o festival anual de luta turca. No entanto, é possível que os hotéis façam desconto aos clientes com reserva e que paguem a pronto. Há uma enorme variedade de restaurantes na cidade, desde os típicos vendedores de rua de *kebap* até restaurantes de mesa e toalha; alguns encontram-se junto ao rio Maritsa e gozam de magníficas vistas. A comida é boa, simples e muito barata em comparação com os preços da Europa Ocidental. Edirne tem vários jardins muito tranquilos nos quais se serve chá.

No Verão, Edirne é uma cidade quente e poeirenta, pouco visitada pelos turistas ocidentais apesar de ter sido capital do Império Otomano.



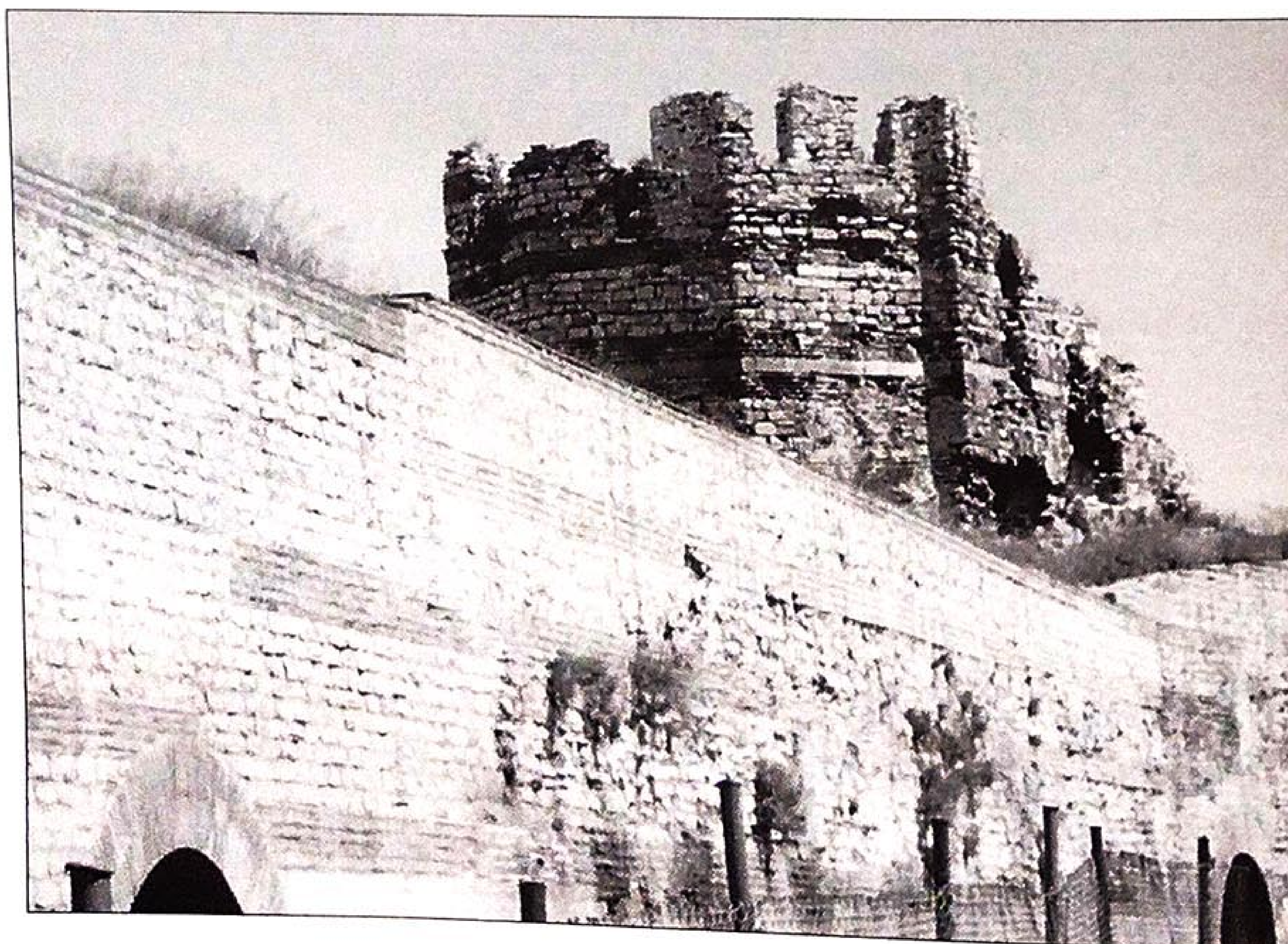
A infantaria e a cavalaria romanas do Oriente celebram um triunfo sobre os persas, que frequentemente contavam com elefantes de guerra nas suas filas. Os persas sassânidas eram uma ameaça constante para a segurança da fronteira oriental, pelo que para os romanos do Oriente era muito arriscado retirar as tropas deste lugar para deter as incursões dos godos e outros povos germânicos na Europa. (Arco de Galério, Deutsches Archäologisches Institut)

A escassez de turistas é até certo ponto surpreendente, uma vez que a cidade tem várias mesquitas de grande beleza, inclusive a de Selim, considerada por muitos especialistas como um dos grandes ícones da arquitectura otomana.

Infelizmente, em Edirne restam poucos vestígios da presença romana na cidade, e a batalha de 378 não é mencionada em nenhum sítio. Há um museu arqueológico interessante, embora pequeno, mas é dedicado principalmente ao período otomano e conta apenas com algumas peças romanas que não têm qualquer relação com a batalha.

Para percorrer o campo de batalha, é necessário dispor de um carro; pode alugar-se em Istambul e em Edirne. Se se viajar no Verão, vale a pena alugar um carro com ar condicionado, a menos que se queira sofrer o sufocante calor que os soldados romanos tiveram que suportar em 378. As temperaturas em Julho e Agosto ultrapassam com frequência os 40°C. Se se sair de Edirne, meio dia costuma ser suficiente para percorrer o campo de batalha.

Para chegar ao campo de batalha, deve sair-se de Edirne pelo norte, tomando uma pequena estrada que corre entre campos de trigo e girassóis, a paisagem característica do campo trácio. Não costuma ter trânsito, com a excepção de um tractor de vez em quando. Depois de se passar a povoação de Buyuk Dolluk — identificada por *Bird's Eye Views* como sendo a quinta onde Valente pode ter morrido —, depara-se com a vista para a serra onde provavelmente os godos dispersaram. Esta região não tem grandes elevações, pelo que se pode explorar a pé. Há muitos caminhos por asfaltar que comunicam as quintas da zona com a estrada principal e que são aptos para turismo. Muratçali só se pode ver quando se alcança o cimo da serra, pois ergue-se precisamente por trás das montanhas. Uma vez na povoação, tem-se a noção da importância estratégica que a localização teve para os godos, pois proporcionava-lhes uma posição facilmente defensável. Também é aconselhável ir até ao rio Tundzha, para verificar a facilidade com que os godos conseguiram esconder vários milhares de ginetes neste lugar.



As muralhas de Constantinopla protegeram a cidade dos godos. Grande parte das defesas continuam ainda em pé e podem ser visitadas em Istambul. No entanto, estas muralhas foram construídas por Teodósio II no início do século v. (Fotografia do autor)



A cavalaria romana tal como aparece representada no arco de Constantino. No canto superior esquerdo podem ver-se os característicos estandartes em forma de dragão que a maioria das unidades romanas da época utilizava. (Deutsches Archäologisches Institut)

Uma maneira mais produtiva de passar o tempo seria ficar vários dias em Istambul, uma cidade onde existem numerosos vestígios do passado romano. Além das muralhas construídas na época de Teodósio II e da Igreja de Santa Sofia erigida por Justiniano e mais tarde reconvertida em mesquita, na cidade velha de Istambul há muitos monumentos e jazidas romanos. É aconselhável visitar o Museu Arqueológico, assim como o Museu do Mosaico situado na parte escavada do palácio imperial. Embora a maioria das suas peças pertençam à época otomana, o Museu Militar de Istambul é uma visita obrigatória. Entre outras coisas, tem uma colecção de armas e armaduras da época otomana, um pedaço da corrente que se utilizava para impedir a entrada para o Corno de Ouro, uma bandeira bizantina do período tardio e um estandarte turco utilizado na batalha do Kosovo de 1389. Durante a tarde, um grupo de janízaros fardados costuma dar um concerto.

BIBLIOGRAFIA

Fontes primárias

A maior parte da informação disponível sobre a batalha de Adrianópolis procede de Amiano Marcelino. O historiador romano descreve os principais acontecimentos do seu tempo. Na sua faceta de historiador militar, contava com a vantagem de ter servido em meados do século IV como oficial do exército romano. Na década de 390, Amiano escreveu a sua particular história de Roma.

As restantes fontes primárias não são fáceis de conseguir, mas nos livros publicados por historiadores modernos citam-se frequentemente as referências à batalha feitas por outros escritores de finais do século IV em diante. Entre eles, encontram-se Jordanes, que escreveu a *Gética*, e Zósimo, autor da *Nova História*. Apesar de não ser tão rigorosa como a obra de Amiano, a *Nova História* de Zósimo conta o que aconteceu depois de 378 na campanha dos godos.

Merece a pena ler *De bellis*, de Procópio de Cesareia, para conhecer os pormenores das guerras que dois séculos depois de Adrianópolis voltaram a pôr godos e bizantinos frente a frente.

A obra *De Re Militari*, de Vegécio, apresenta uma descrição bastante confusa do exército romano de finais do século IV. É uma leitura recomendável, mas deve ler-se com distância crítica.

Fontes secundárias

A maioria de fontes secundárias não fornece novos dados reveladores sobre a batalha de Adrianópolis, e algumas, inclusive, podem induzir os leitores em erro. Felizmente, escreveram-se várias obras recomendáveis sobre o exército romano do período tardio. É também possível encontrar estudos rigorosos sobre os godos e os hunos.

Os seguintes livros são fáceis de encontrar e a sua leitura é muito aconselhável para quem desejar aprofundar o tema:

Barker, P., *The Armies and Enemies of Imperial Rome*, Worthing, 1981. Este livro, oferece uma excelente panorâmica do exército romano e dos seus inimigos, dando especial realce às suas vestes e ao seu equipamento.

Bishop, M. C., e Coulston, J. C. N., *Roman Military Equipment*, Londres, 1993. A obra definitiva sobre equipamento militar romano, desde a República até ao século IV.

Burns, T., *A History of the Ostrogoths*, Bloomington, Indiana, 1984. Obra de consulta útil para conhecer a história dos reinos ostrogodos dos séculos V e VI.

Delbruck, H., *The Barbarian Invasions*, trad. de W. Renfroe, Lincoln, Nebraska, 1990. Tradução para inglês do segundo volume da obra de Hans Delbruck *Geschichte der Kreigskunst im Rahmen der politischen Geschichte* (Berlim, 1921). Qualquer leitor com um mínimo interesse pelos métodos de combate na Antiguidade e na Idade Média deveria fazer todo o possível por conseguir todos os volumes desta obra.

Heather, P., *Goths and Romans 332-489*, Oxford, 1991. Uma excelente e profunda análise dos godos e suas relações com Roma, que fornece numerosos pormenores sobre os acontecimentos que rodearam a campanha de Adrianópolis.

Jones, A. H. M., *The Later Roman Empire* (3 vols.), Oxford, 1964. Uma obra indispensável para qualquer leitor interessado no período romano tardio. Infelizmente, o livro não está catalogado.

ÍNDICE

As referências em **negrito** correspondem a ilustrações.

acampamento de Marte 64
Ad Salices (377 d.C.), batalha de 32, 39, 51-56
Adrianópolis, cidade de **56**, 91
cerco de 45, **46-47**, 81
alanos 9, 12, **12**, 32-33, **32**, 45, 56, 64
em Adrianópolis 73, 77
Alarico **85**, 86
Alateu 12, 14, 36-37, 77, 85
Alavivo 13-14, 34, 40
Arcádio, imperador 86
armadura 23-25, **88**, **89**, **90**
armas 24, 30, 32, **34**, **55**, **60**
Atanarico 12-14, 34

Bacúrio 39
Balcãs, bloqueio dos 55-56
Barzimeres 56
Beróia 55-56
Burgas (Dibaltum) 56
Buyuk Dolluk 92

Cabyle 60
capacetes **13**, **14**, **18**, **36**, **56**, **69**
Cássio 39
Colias 32, 37, 44
Constantino, imperador 9, **81**
Constantinopla **7**, **49**, 59, 81, 84, **85**, **92**
cronologia 15-16

Danúbio, rio 9, 32, 89
fronteira do 8-9, 21, 43
os godos atravessam o **10-11**, 12-14
destacamentos de tropas **66-67** (mapa), **70-71**, **74-75** (mapa)
exércitos romanos de operações (operacionais) 18-20, **43**
Devnja (Marcianópolis) 40
Dibaltum 73
Diocleciano, imperador (284-305) 8

Edirne (Adrianópolis) 91-92
Équito 73
escudos **19**, **23**, **38**, **43**, **51**, **53**, **59**, **86**
uso ofensivo dos 44, **54-55**
Estilicão **45**
Estrasburgo (357 d.C.), batalha de 25

fabricae **35**
Farnóbio 14, 37, 57
fontes 94
forças godas 29, 60, **60**, 90
alanos 32, 64, 73, 76-77
armas 29-30, **60**
cavalaria 30, 43, 88
em Ad Salices 51-53
em Adrianópolis 65, **70-71**, 88
destacamento 73
lutam contra a infantaria romana 76-77
põem a cavalaria romana em fuga 76-77
põem a vanguarda romana em fuga 73
última defesa dos romanos 80
em Beróia 57
em Marcianópolis 41-44
escudos 44
hunos 32-33
marcha para Adrianópolis 60
ordem de batalha 33 (quadro)
planos 69
romanos integrados nas 32
tácticas 45, 71
taifalos 32, 57
forças romanas 48, 52, 55-56, 88, **91**
ajuda de Graciano 49, 58, 64
armas 24, **34**, **55**
as tropas reúnem-se em Melantias 60
aspecto **19**, **64**, **72**, **77**
avanço das 64-65
causas da derrota 88-89
cavalaria 20-22, **22**, **63**, **65**, **68**, 88, 90, **93**
catafractos 21, **68**
clibanarii **20**, 21
em Adrianópolis 64-65, 73, 80, 89
ligeira 21
organização 25
tácticas 25
comitatenses 19-21, 26, 89
em Ad Salices 51-53
em Adrianópolis 65, 68, 80, 89
a ala esquerda 73, 77
a infantaria mantém-se no seu posto e combate 77, 80
a última defesa 80, **82-83**
a vanguarda inicia a batalha 73
destacamento 73
fuga da cavalaria 77-80
negociações 73
tropas de reserva 80
em Beróia 55
em Marcianópolis 42-43
escudos **19**, **23**, **38**, **43**, **51**, **53**, **59**, **86**
generais **45**, 88
godos nas 9, 13, 32, 36, 44, 84-85, **84**, 89
guerra de guerrilhas 60
infantaria 20, **26**, **30-31**, 60-64, **61**, **63**, 89
armadura 23-24
armas 24
arqueiros 24
auxilia 23
função 23
legiões 23
ligeira 24
limitanei 17, **41**, 43, 55
cavalaria 20-21
marcha para Adrianópolis 62
moral 89
no cerco de Adrianópolis 45
organização 17, 19
palatini 19-20
scholae 20
tácticas 25-26, 44, 73
francos **52**
Frigérido 39, 49, 51, 56-57, 60
Fritigerno 13, 48, 85
biografia 34-36
capacidade como estratego 35
cerca Adrianópolis 44-45
concentra as suas forças 56
em Adrianópolis 35
condições do acordo 63
estratagemas dilatórios 71, 73
preparativos 63
em Marcianópolis 40-43
tentativa de assassinato 35
marcha para Adrianópolis 63-64

godos 8, 12-13, 34-37, 44-45, 49, 51, 54-55, 84, 86
acampamento 70-71, 73, 76
ao serviço de Roma 32, 37, 85, **84**
aspecto **8**, **24**
atravessam o Danúbio **10-11**, 13-14, 30
cercam Constantinopla 81, 85
controlo da Trácia 44
e hunos 9, 12
e o Império Romano 8-9
em Ad Salices 51
em Adrianópolis 89
greutungos 9, 14, 29, 31, 33 (quadro), 36, 68, 73

marcha para Adrianópolis 62-63
mudam-se para Marcianópolis 40
origens 8
pedido de asilo 13-14
rebelião 40-45, 86
reúnem as suas tropas 59
situação em 377 d.C. 45-51
tervíngios 9, 12-14, 29, 31, 33 (quadro), 34, 41
tratado de paz 85-86
Graciano, imperador 13, 19, 32, 39, 48-49, 58-59, 60, 64, 84

Hermanarico 12
hunos 9, 12, 32-34, 45, 55

Império Persa 8, 44, 48, 59
Império Romano **6** (mapa), 8
ameaças às suas fronteiras 88
debilidade do 89
depois de Adrianópolis **87** (mapa)
divisão do 18
e os godos 8-9
tratado de paz 85
Istambul (Constantinopla) 93

Jambol (Cabyle) 43

lentienses 59
Lupicino 13-14, 19, 38, 40

Marcianópolis (376 d.C.), batalha de 40-44
Marcianópolis 55
Maritsa, rio 57, 60, **61**
Máximo 85, 86
Melantias 60
Merobaudes 39, 51
Modares 85
Muratçali **70**, 92

Nicópolis 60
Niké 65, 68, 71
Notitia Dignitatum 17-18, **19**, **23**, 26, **35**, **38**, **43**, **51**, **53**, **59**, **73**, **85**, **86**

ostrogodos 29, 31

Profuturo 39, 49, 51, 54, 56

Ricomero 39, 49, 51, 54, 56
em Adrianópolis 73
Roma, saque de 88, 89

Safrax 12, 14, 36, 69, 77, 85
sármatas **18**
Saturnino 19, 39, 56, 80
Sebastião 39, 60-62, 88
em Adrianópolis 64, 80
Stara Zagora (Beróia) 43
Succi, desfiladeiro de 57
Suéridas 32, 37

Teodósio, imperador 84-85, 89
Trácia **42** (mapa)
Trajano 19, 38-39, 49, 51, 54, 80
Tréveris **48**
Tundzha, rio 65, 68, 92

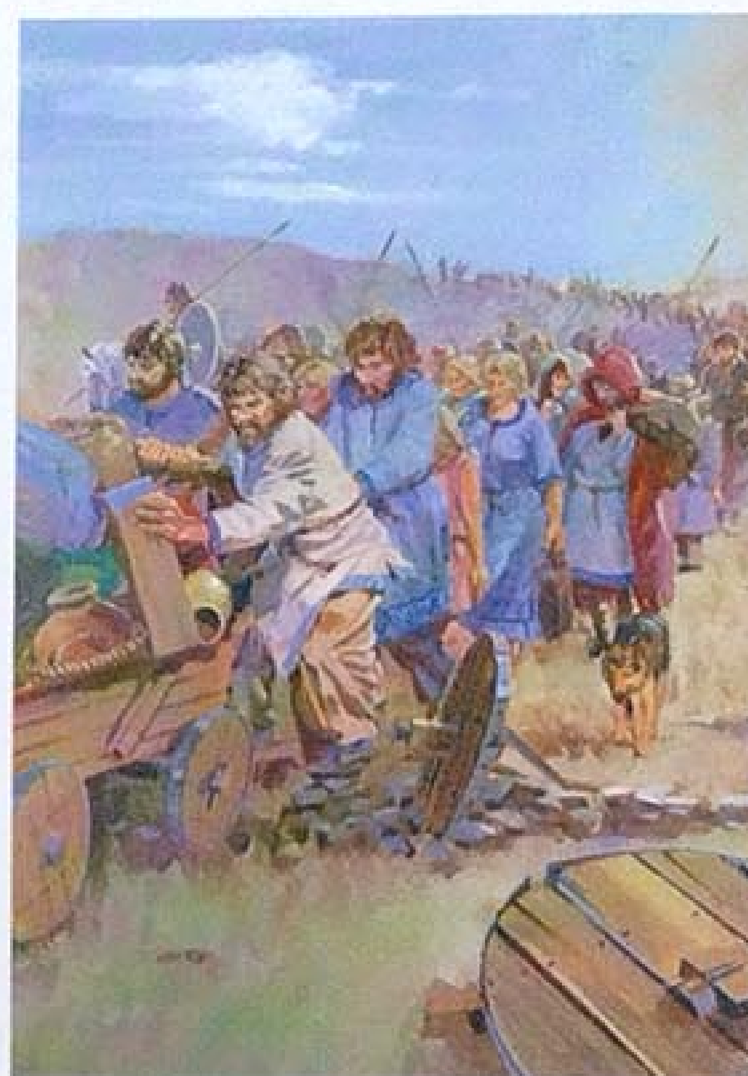
Valente, imperador 7, 13, 19, 38, **44**, **45**, 54, 56, 58-59, **76**
avanço de 60
e Graciano 38, 58-59
em Adrianópolis 65, 68
conselho de guerra 69-70
morte 80
negociações 73
planos 37, 59
resposta à ameaça goda 48
Valentiniano, imperador **40**
Victor 39, 49, 80
Viderico 36
Vitimiro 12

GRANDES BATALHAS

Adrianópolis 378 d.C.

Os Godos Aniquilam o Império

Simon MacDowall
Ilustrações de Howard Gerrard



«Nenhuma outra batalha na nossa história, à excepção da de Canas, causou um massacre de tal envergadura.» O historiador romano Amiano Marcelino descreve desta forma a batalha de Adrianópolis, que representou o princípio do fim do Império Romano. A esmagadora derrota sofrida pelos romanos frente à cavalaria goda fez com que tanto o Império como os próprios godos se apercebessem do grande potencial bélico que os povos bárbaros possuíam.
Neste livro explicam-se os erros cometidos pelos romanos na elaboração dos seus planos, analisa-se em pormenor o ataque surpresa perpetrado pela cavalaria goda e consideram-se as hipóteses mais sólidas e actuais sobre a localização do campo de batalha.

